4 8
117 -A

Labor

C. E. L.

Revista de Ensino Liceal

Directores: JOSÉ TAVARES e ÁLVARO SAMPAIO

Sumário

Resolução da equação bi-quadrada no caso de $b^2 - 4ac > 0$, pelo processo goniométrico (pág. 161) . .	Alexandre Rodrigues Feliciano Ramos
O destino dum tema célebre (pág. 166)	
A «Menina e Moça» e o romance sentimental no Renascimento (pág. 183)	António Salgado Júnior Mário Gonçalves Viana
Estudar (pág. 198)	
L'Education Nationale et la guerre (pág. 202)	René Laporte
Mapa das percentagens de exclusões do 3.º ciclo, por liceus do continente, e por disciplinas, na época de Julho de 1939 (pág. 204) . .	A Redacção
Preguntes e respostas (pág. 205) . .	Alvaro de Athayde
Liceus e Colégios: *Liceu de Aveiro, Aveiro, Portalegre, Guarda, Lisboa (Pedro Nunes) e Lamego* (pág. 208)	G. Pereira e Redacção
Bibliografia (pág. 216)	J. L., A. C. e A. S.
Vida oficial (pág. 222)	
Pontos dos exames de 1939: *Língua portuguesa (Admissão aos liceus); Ciências Naturais (1.º ciclo); Latim, Álgebra e Trigonometria, e Ciências Físico-Químicas (2.º ciclo); Latim e Geografia (3.º ciclo)* (pág. 224)	

ANO XIV – *Aveiro, Dezembro de 1939* – N.º 104

LIVROS

nacionais e estrangeiros
para tôdas as escolas do país

encontrá-los-ão sempre na nossa casa

MOBILIÁRIO E MATERIAL ESCOLAR
o melhor e o mais económico
peçam o catálogo ilustrado

LITERATURA ANTIGA E MODERNA
NACIONAL E ESTRANGEIRA
peçam os catálogos respectivos

LIVROS CIENTÍFICOS E TÉCNICOS
NACIONAIS E ESTRANGEIROS
peçam os catálogos respectivos

A Livraria Sá da Costa é a única que reúne tôdas as secções de livraria

ENCOMENDAS PARA O ESTRANGEIRO

mantemos um serviço diário de encomendas, para todos os países, da maior rapidez e economia

LIVRARIA SÁ DA COSTA — EDITORA
24, L. DO POÇO NOVO — LISBOA
TELEF. 2 2016 — TELEG. LIVROSACOSTA

COLÉGIO
INSTITUTO SECUNDÁRIO

Colégio aprovado oficialmente — Fundado em 1904

Externato para ambos os sexos

Travessa da Queimada, 23, 1.º, a S. Roque — Telefone 2 1608

LISBOA

Está aberta a matrícula para:

Instrução Primária, Curso dos Liceus, Comercial, Línguas
Exames de admissão aos Liceus e Universidades

SALAS DE ESTUDO

Direcção de JOSÉ IGNÁCIO PINTO RODRIGUES

Aos Estabelecimentos de Ensino Secundário

QUADROS PARIETAIS PARA O ENSINO DA BIOLOGIA

POR

SEOMARA DA COSTA PRIMO

Professora efectiva do liceu de Maria Amália, encarregada de curso na Universidade de Lisboa, autora de Compêndios de Botânica, Zoologia e Biologia para o ensino liceal.

Colecção de dez quadros — 1 Série — 90 × 70, tratando os principais capítulos do programa, a negro e a côres, acompanhados de folheto explicativo. — Preço — 200$00.

Montados em pano e com baguetes — Preço — 300$00.

Portes àparte.

Pedidos à **Livraria Bertrand**
Rua Garret, 75 — LISBOA

ELECTRO-MECANICA DO MINHO, L.DA

Tele { fone: 8 / grafo: TABACARIA ELEGANTE—BRAGA } BRAGA

MATERIAL CIENTÍFICO E ESCOLAR

Representações e fornecimentos de Material de Física, Química, Naturais, Geografia, etc.

MOBILIÁRIO ESCOLAR

Representações e fornecimentos das casas: E. Leybhold's, Max Kohl, C. Gerhardt, Ströhlein, E. Merck, Dr. F. Krantz, Negretti & Zambra, Jules Richard, Casella, etc., etc.

PEDIR ORÇAMENTOS

Colégio de Mousinho de Albuquerque

PARA AMBOS OS SEXOS

PORTO — Rua de Santa Catarina, 1500

TELEFONE N.º 8894

Curso Primário Curso Comercial Curso Liceal (completo)

AULAS DIURNAS E NOCTURNAS

Casa-Escola de Oliveira de Azeméis

INTERNATO, SEMI-INTERNATO E EXTERNATO

INSTRUÇÃO PRIMÁRIA, ADMISSÃO AO LICEU, CURSO LICEAL, CURSO COMERCIAL, PIANO E LAVORES

RUA DE ANTÓNIO ALEGRIA

OLIVEIRA DE AZEMÉIS

COLÉGIO CASTILHO

S JOÃO DA MADEIRA TELEFONE, 50

(PARA AMBOS OS SEXOS)

Em regime de planos oficiais e próprios—*(Alvará de autorização n.º 16)*

Cursos: Primário, Comercial, Geral dos Liceus, Pintura, Piano e Lavores

INTERNATO, SEMI-INTERNATO E EXTERNATO

Corpo docente proficientíssimo, recrutado em parte no professorado do Pôrto. Magníficos resultados nos exames oficiais — Alimentação sádia e abundante. Excelente situação topográfica que permite aos alunos respirarem o ar puro dos campos e da montanha

REABRE NO DIA 7 DE OUTUBRO

Director: Professor JOSÉ CERQUEIRA DE VASCONCELOS

formado em Filologia pela Faculdade de Letras da Universidade de Paris

EXTERNATO 29 DE OUTUBRO

Praça Nuno A'lvares

MURTOSA

HABILITA PARA:

Exames de Instrução Primária

Admissão aos Liceus

Curso Complementar do Comércio

Curso Liceal

Resultados dos exames do ano lectivo de 1937-38

100 % de aproveitamento

Ano lectivo de 1938-39

4.ª classe: 100 % de resultados positivos.

2.º ano de Comércio: 100 % de aproveitamento.

3.º ano de Comércio: 100 % " "

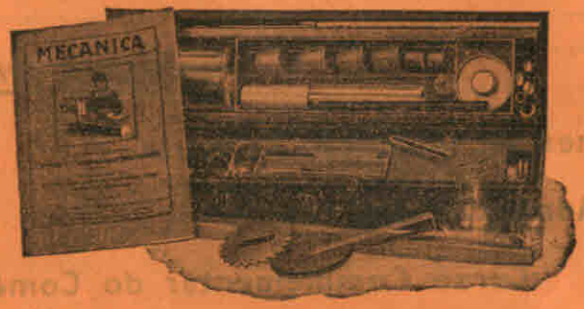
3.º ano dos Liceus: 100 % de aprovações.

Exames de admissão: 79 % de aprovações.

Pedir informações à Direcção.

MATERIAL PEDAGÓGICO MODERNO
SATISFAZENDO AOS PROGRAMAS OFICIAIS

Quadros, Álbuns, Mapas, Atlas, Globos, Modêlos, etc.
Colecções de aparelhos, condensando o ensino com grande economia de material e de espaço. Adoptadas nas Escolas Secundárias Alemãs. Centenas de experiências numa caixa, com instruções.



MATERIAL PARA LABORATÓRIOS
E TRABALHOS PRÁTICOS

DE FISICA, QUIMICA, CIÊNCIAS NATURAIS,
GEOGRAFIA, HISTÓRIA, MATEMÁTICAS, ETC.

Instrumentos, aparelhos, acessórios, vidraria, porcelanas, reagentes, ferramentas.

MATERIAL DE DESENHO
E TODOS OS INSTRUMENTOS DE PRECISÃO

A casa que maior sortimento apresenta em material de boa qualidade, a preços resumidos.
Descontos especiais para revenda e para Escolas.

PIMENTEL & CASQUILHO, L.DA
ENGENHEIROS
Rua Eugénio dos Santos, 75 — LISBOA
Telef. 20777 Teleg. TECNA

1172

Labor

Revista mensal de educação e ensino e extensão cultural

Directores: JOSÉ TAVARES e ÁLVARO SAMPAIO
Editor: JOSÉ TAVARES Administrador: ARMANDO COIMBRA
Redacção e Administração — LICEU DE AVEIRO

ANO XIV (2.ª série) | AVEIRO — DEZEMBRO DE 1939 | N.º 104
Comp. e Imp. na "Gráfica Aveirense, L.da" — AVEIRO

ÊSTE NÚMERO FOI VISADO PELA
COMISSÃO DE CENSURA

Ciências matemáticas, ciências físico-químicas, ciências-naturais

Resolução da equação bi-quadrada no caso de $b^2 - 4ac < 0$, pelo processo goniométrico

1 — Vimos que a equação $a z^4 + b z^2 + c = 0$ (1) no caso de $b^2 - 4ac > 0$ se podia resolver pela fórmula

$$z = \pm i \sqrt{\frac{b}{c}} \operatorname{sen} A \quad (2) \quad \text{para } c < 0$$

sendo o ângulo A dado pela expressão:

$\operatorname{sen} 2A = \pm i \frac{2}{b} \sqrt{ac}$; mas vimos também que essa solução era impossível por êste processo no caso de $b^2 - 4ac < 0$; nêste caso na equação bissectória que serviu de comparação para deduzirmos a fórmula resolvente

$$x^4 - 4x^2 + x = 0 \quad (3)$$

correspondia com $y = \frac{16\,a\,c}{b^2}$, $y = 4\,\text{sen}^2\,2\,A > 4$ que tornava impossível considerar a relação (3) como bissectória, isto é, como relação entre a corda do arco simples x e a corda do arco duplo y.

2 — Vejamos então uma forma de achar as 4 raízes imaginárias da equação

$$a\,z^4 + b\,z^2 + c = 0 \quad (1) \quad \text{no caso de} \quad b^2 - 4\,a\,c < 0$$

Na equação auxiliar, do tipo a que se pode reduzir a equação (3), que é

$$x^4 - 4\,x^2 + y = 0 \qquad \text{com } z = \pm i\sqrt{\frac{b}{4\,a}}\,x$$

substituindo $x = 2 \times \frac{e^{ia} - e^{-ia}}{2^i} = \frac{e^{ia} - e^{-ia}}{i}$, $\pm\sqrt{y} = \frac{e^{2ia} - e^{-2ia}}{i}$

que são os dôbros dos valores dos senos dum arco imaginário e do arco duplo, era fácil de verificar que com esta substituição (3) se reduzia a uma identidade.

Resolvamos $\pm\sqrt{y} = \frac{e^{2ia} - e^{-2ia}}{i}$ em ordem a e^{2ia}

$$\pm i\sqrt{y} = e^{2ia} - e^{-2ia}$$

$$e^{4ia} \pm i\sqrt{y}\;e^{ia} - 1 = 0$$

$$e^{2ia} = \pm i\frac{\sqrt{y}}{2} \pm \sqrt{\frac{4-y}{4}} = i\left[\pm\frac{\sqrt{y}}{2} \pm \sqrt{\frac{y}{4} - 1}\right]$$

Fazendo $\pm\frac{\sqrt{y}}{2} = \text{cosec } 2\,A$ obtemos:

$$e^{2ia} = i\,[\text{cosec } 2\,A \pm \text{ctg } 2\,A]$$

Ou seja, operando

$$e^{2ia} = i\,\frac{1 \pm \cos 2\,A}{\text{sen } 2\,A}$$

$$\begin{cases} [2^{ia}]_1 = i\,\dfrac{2\cos^2 A}{2\,\text{sen } A\cos A} = i\,\text{ctg } A \\ [e^{2ia}]_2 = i\,\dfrac{2\,\text{sen}^2 A}{2\,\text{sen } A\,.\cos A} = i\,\text{tg } A \end{cases}$$

Portanto:

$$[e^{ia}]_{1,2} = \pm\sqrt{i\,\text{ctg } A}\,;\; [e^{ia}]_{3,4} = \pm\sqrt{i\text{tg } A}$$

$$x = \frac{e^{ia} - e^{-ia}}{i} = \frac{\pm\sqrt{i\,\text{ctg } A} \pm \sqrt{-i\text{tg } A}}{i}$$

ou $$x = \pm\sqrt{\pm i\,\text{ctg } A} \pm \sqrt{\pm i\text{tg } A}$$

3 — *Discussão e simplificação destas fórmulas.*

Vemos que temos de conjugar os 4 valores $\pm\sqrt{\text{ctg } A}$, $\pm\sqrt{\text{tg } A}$, com os 4 valores de $\sqrt{\pm i} = \sqrt[4]{-1}$

Calculemos:

$$\sqrt[4]{(-1)} = \cos\frac{2\,k \times 180 + 180}{4} + i\,\text{sen}\,\frac{2\,k \times 180 + 180}{4}$$

$$= \pm\frac{\sqrt{2}}{2}(1 \pm i)$$

$$x = \pm\frac{\sqrt{2}}{2}[1 \pm i]\sqrt{\text{ctg } A} \pm \frac{\sqrt{2}}{2}[1 \pm i]\sqrt{\text{tg } A} =$$

$$= \pm\frac{\sqrt{2}}{2}[\sqrt{\text{ctg } A} \pm \sqrt{\text{tg } A}] \pm \frac{\sqrt{2}}{2}i[\sqrt{\text{ctg } A} \pm \sqrt{\text{tg } A}]$$

Simplificando as expressões contidas nos parêntesis, a escôlha conveniente dos sinais conduz-nos ao resultado:

$$x = \pm\sqrt{\frac{2}{\text{sen } 2\,A}} \times [\text{sen } (45° + A) \pm i\cos(45 + A)]$$

Com efeito, quadrando e somando os valores correspondentes

tes aos sinais $\pm$ interiores ao colchete (conjugados) obtém-se: $x^2_1 + x^2_2 = 4$ e o produto:

$$x^2_1 \times x^2_2 = \frac{4}{\text{sen}^2\, 2\,A} = y$$

o que demonstra a exactidão das fórmulas (5).

4 — Os valores de z, soluções da equação proposta (1), serão dados, em virtude da relação (4), por:

$$z = \pm i \sqrt{\frac{b}{4\,a}} \cdot \sqrt{\frac{\text{sen } 2\,A}{2}} \times [\text{sen } (45 + A) \pm i \cos (45 + A)]$$

e atendendo ao valor de

$$\text{sen } 2\,A = \frac{2}{\sqrt{y}} = 2\sqrt{\frac{b^2}{16\,a\,e}} \text{ ou sen } 2\,A = \frac{b}{2\sqrt{a\,c}}$$

$$z = \pm \sqrt{\frac{b}{4\,a}} \times \sqrt{\frac{4\sqrt{a\,c}}{b}} [\cos (45° + A) \pm i \text{ sen } (45° + A)]$$

$$z = \pm \sqrt[4]{\frac{c}{a}} [\cos (45° + A) \pm i \text{ sen } (45° + A)] \quad (6)$$

sendo o ângulo auxiliar A dado pela fôrmula:

$$\text{sen } 2\,A = \pm \frac{b}{2\sqrt{a\,c}}$$

Verifica-se a fórmula resolvente final (6) elevando ao quadrado duas das raízes conjugando e somando, o que dava:

$$z_1^2 + z^2_2 = \sqrt{\frac{c}{a}} \times 2 \cos (90 + 2\,A) = -2\sqrt{\frac{c}{a}} \cdot \text{sen } 2\,A =$$

$$= -2\sqrt{\frac{c}{a}} \times \frac{b}{2\sqrt{a\,c}} = -\frac{b}{a}$$

e o produto: $z_1^2 \times z^2_2 = \frac{c}{a}$

5 — *Resumindo:*

A equação biquadrada

$$a\,z^4 + b\,z^2 + c = 0$$

no caso de $b^2 - 4\,a\,c < 0$ pode resolver-se pela fórmula:

$$z = \pm \sqrt[4]{\frac{c}{a}} [\cos (45° + A) \pm i \text{ sen } (45° + A)]$$

sendo o ângulo auxiliar A dado pela fórmula:

$$\text{sen } 2\,A = \sqrt{\frac{b^2}{4\,a\,c}} = \frac{b}{2\sqrt{a\,c}} < 1$$

Tomando-se a raiz sempre em valor absoluto, para que seja $2\,A < 180°$, convindo mesmo tomar sempre $2\,A < 90°$, para que seja $45° + A < 90°$.

Alexandre Rodrigues
(Prof. de ensino particular, em Braga)

Filologia, etnografia, crítica, filosofia Ciências histórico-geográficas

O destino dum tema célebre

Conta-se, lá para o Extremo-Oriente, que, há cêrca de 1400 anos, um budista indiano, desejoso de revelar aos homens os mistérios da vida e os caminhos da felicidade, abandonou o torrão pátrio e dirigiu-se para a China, onde deu início à sua campanha religiosa. O lendário apóstolo, que se chamou Darumá, um dia, talvez convencido de que a doutrina sem o exemplo não vinga ou, pelo menos, frutifica mal, adoptou uma resolução heróica: ajoelhar sôbre as pedras, renunciar em absoluto aos prazeres do sono, e, nesta posição incómoda, passar o resto dos seus dias rezando. Invariàvelmente de joelhos, entregue a uma imobilidade contínua, indiferente ao definhamento das pernas, aconteceu que estas, com o tempo, foram encolhendo e encurtando tanto, que acabaram por totalmente desaparecer. Ninguém estranhará o fenómeno, se atentar em que os órgãos sem uso se atrofiam. Aqui é que o atrofiamento foi mais longe do que o costume, mas para alguma coisa havia de servir a imaginação inventiva dos homens. Ora o Darumá, que por longo tempo implorou as dádivas do Infinito com os olhos perfeitamente arregalados e embevecidos na contemplação da verdade definitiva, foi uma noite traído por êles. ¿O que sucedeu então? Os seus olhos, mortos de cansaço, fecharam-se; Darumá adormeceu e, como já há muito não dormia, é natural que o seu sono tivesse sido doce e prolongado. Ao despertar, já tarde, ficou escandalizado com a partida que os olhos, até aí sempre tão fiéis, lhe haviam feito. Perdeu assim a paciência e determinou puni-los com severidade: foi então que pegou num instrumento cortante, com o qual cortou, bem rentes, as pálpebras e, visìvelmente desapontado, arremessou-as ao chão. Após a operação, continuou tranqüilamente as suas rezas, ao mesmo tempo que as pálpebras, ao abandôno

sôbre a terra, se agarravam ao solo, deitavam raízes e destas nascia, misteriosamente, o arbusto do chá, com as fôlhas do qual se prepara a bebida aristocrática que teve um destino tam grandioso através da civilização, da arte e da literatura.

Esta lenda sôbre a origem do chá contém um sabor romanesco que agrada aos orientais. Na verdade, o arbusto do chá é originário do sul da China. Por muito tempo teve uma existência obscura, devendo mais tarde a sua voga às virtudes terapêuticas que lhe atribuíam os médicos chineses, os quais o reputavam admirável para atenuar a fadiga, para fortalecer a vontade e restituir à consciência o vigor espiritual. Aplicava-se ainda como remédio externo para combater o reumatismo.

Os séculos foram rodando e um dia veio em que, além do seu interêsse medicinal, passou a tornar-se uma das bebidas predilectas das populações que viviam no vale do rio Yangtsè-Kiang. As fôlhas do chá, nessa época, eram fervidas com arroz, casca de laranja, leite e cebolas, de modo que não evidenciavam ainda o seu gôsto característico. Mais tarde, todos êstes grosseiros acessórios foram inteiramente afastados e o chá apenas se tomava com uma pontinha de sal. Depois desapareceu também o sal e os orientais começaram a ter por êle uma paixão verdadeiramente embriagante. O Oriente deixa-se fascinar pela agradável bebida, havendo, entre outros, um poeta chinês que canta extasiado a doçura inigualável e acalentadora que nêle causavam sete chávenas de chá tomadas em seguida.

Quando a Europa se pôs em comunicação efectiva com os meios orientais, após a chegada dos portugueses ao Extremo Oriente, os europeus provaram pela primeira vez o chá, que veio então até ao Ocidente. A Companhia holandesa das Indias Orientais, segundo alguns, foi que trouxe pela primeira vez essa mercadoria para a Europa. Em 1610 se verificou êsse acontecimento comercial que, repetindo-se progressivamente, modificou a fisionomia das sociedades europeias.

A princípio, o preço dêsse produto era relativamente elevado, o que limitou um pouco o consumo, mas, ao fim de algum tempo, era geral a sua popularidade. Na França, por meados do século XVII, já o chá tinha aceitação entre pessoas de alta categoria social e um século mais tarde invadira completamente os cafés de Londres. A sua expansão no mundo fêz-se com rapidez, mas provocou às vezes polémicas encarniçadas. A disputa terminou pela vitória dos «chàzistas». Êstes foram secundados por médicos ilustres, entre os quais se singularizou o Dr. Cornélio Bentekoe, autor dum «Tratado sôbre a bebida excelente do chá», livro êste que teve na Europa grande retum-

bância, mas que, ainda assim, não convenceu tôda a gente. De facto, mais de 50 anos depois, J. Hanway condenava o uso de tam discutida bebida, assegurando gravemente que ela tornava os homens menos amáveis e tirava a beleza às senhoras mais bonitas...

De nada valeram estas dissidências, e o líquido preparado com as folhinhas dum arbusto, que originàriamente vegetava sòmente num afastado recanto da Ásia, deu a volta ao mundo e entrou para sempre nos hábitos da gente europeia. A civilização do Velho Mundo acusa fortemente a presença dessa famosa mercadoria e na vida elegante de tôdas as sociedades ela reina e impera. Nas festas, nos bailes, nas relações sociais, no mundo político e intelectual está presente o chá, como que a acentuar a distinção de todos êsses acontecimentos mundanos. Vem de longe o ambiente aristocrático que esta bebida sempre fomentou à sua volta. Era já assim no Extremo Oriente, e na Europa essa maneira persistiu, lembrando-nos a cada passo que os orientais são menos bárbaros do que parecem.

A natureza elegante e requintada do chá foi apontada com superior intuïção artística por Okakura, um dos maiores pensadores japoneses do século XX. Com efeito, êsse eminente intelectual do Japão, numa obra que intitulou *Livro do Chá*, discutiu a questão com uma argúcia crítica e literária que dificilmente será igualada. Okakura, àlém de ser um pensador de raça, como o demonstram os trabalhos sôbre os *Ideais do Oriente* e o *Despertar do Japão*, é um artista fulgurante e nenhuma das suas obras revela tam bem essa faceta do seu talento, como o já citado *Livro do Chá*, no qual, muito fugidiamente, nos vamos deter-

Era duma rara impressionabilidade a sua finíssima sensibilidade poética. Êle gosta de ouvir o borbulhar da água na chaleira, acha delicioso êsse rumor que lhe trás à lembrança o bramido longínquo do mar a despedaçar-se de encontro aos rochedos da costa, ou lhe recorda o lamento vago e choroso dos pinheiros sacudidos pela aragem da tarde.

Quanto às flores, ninguém as amou com mais paixão. A maneira mais própria de as dispor numa jarra, de as colhêr ou de as tratar num jardim, mereceu-lhe esplêndidos comentários de ordem estética. Quando na primavera, ao romper do dia, as aves entoam seus cânticos harmoniosos, êle pregunta se elas estarão a conversar sôbre as flores.

Okakura foi um poeta e um especulativo e, por isso, o chá e a filosofia de Laotséu tornaram-se para êle duas entidades solidárias, que caminhavam ambas na mesma direcção, que tinham como fito ensinar os homens a viver com arte e equilíbrio moral.

Çakiamuni, o tenebroso idealizador do budismo, acha que tudo no mundo é doloroso e execrável, e aconselha, portanto, os seus adeptos a abandoná-lo o mais cedo possível; Laotséu, pelo contrário, prega a adaptação ao mundo e a maneira de nêle se passar a existência com amor e alegria. Optimista, exalta a doçura de viver. Recomenda a modéstia, a simplicidade, a harmonia e o aprumo cívico em todos os passos da vida. O chá é a arte de, pràticamente, realizar êsse pensamento, dando esplendor estética e moral à conduta humana. Na forma de o tomar, na decoração artística das salas onde êle se serve, nos costumes e no regime da vida das pessoas que o apreciam, há-de manifestar-se a serenidade espiritual, a sobriedade e o ritmo harmónico da filosofia laotseísta. Assim o prescreve Okakura, e o seu pensar encontra uma representação integral no Japão, onde tôdas as manifestações da vida civilizada, que têm o chá como centro de atracção, giram à volta dum cerimonial composto de regras e convenções inspiradas na filosofia de Laotséu. O chá conserva actualmente os brasões de aristocrata que no Oriente sempre lhe conferiram. Esta realeza garantiu-lhe, através da civilização, uma carreira triunfal.

A própria ciência médica moderna o olha com merecido favor, considerando-o um magnífico estimulante do aparelho digestivo e das faculdades mentais, quando tomado em doses moderadas. Sob a sua benéfica intervenção a inteligência torna-se mais lúcida e activa e, numa digestão laboriosa, a sua preciosa colaboração pode ser de óptimo efeito. Só quando usado em demasia é que tende a afastar o sono ou a avivar a susceptibilidade nervosa. Reconfortante sob o ponto de vista médico, ousou patentear também o seu poder ofensivo entre as nações modernas.

Parece inverosímil e inacreditável, mas as fôlhas do arbusto do chá, tam pacíficas e humildes na aparência, puderam contribuir para que se abrisse uma brecha histórica no Império Colonial da Inglaterra. Era em fins do século XVIII. Três navios da Companhia das Indias Orientais, com grande carregamento de chá, lançavam ferro num pôrto americano. O govêrno inglês tributou a mercadoria. Visto que a taxa era elevada, os americanos, descontentes e refractários ao pagamento, foram de parecer que se atirasse o chá ao mar. O ambiente era de mal-estar e o conflito ia-se agravando. Um funcionário da alfândega mostrou-se um tanto desafecto à medida planeada. Foram então prendê-lo, vaiaram-no por espaço de três dias e cobriram-lhe a cabeça de alcatrão e penas e, por fim, junto da fôrca, para onde foi arrastado, chicotearam-no fortemente, mas não lhe arrancaram

a vida. Andou com mais sorte o governador, o qual foi apenas queimado em efígie. O motim não ficou por aqui. As 342 caixas de chá, que estavam a bordo, foram definitivamente arrumadas no fundo do mar, graças a uma proeza de 17 americanos, expressamente incumbidos de proceder à respectiva imersão.

Esta sublevação desencadeou uma ardorosa agitação autonomista. Como resultado do conflito, os Estados Unidos alcançaram a independência. Foi, por conseguinte, o chá que, em parte, deu a liberdade a uma das maiores nações modernas e que abalou nos seus fundamentos o poderio colonial da Inglaterra. Os americanos compreenderam o significado patriótico do incidente e, por isso, celebraram, com muita pompa e magnificência, o centenário do acontecimento. Entre os números da festa figurou um chá que, pela sua enorme concorrência, certamente foi dos maiores que tem havido na América. As senhoras que o serviram eram da alta roda e envergavam trajes da época da memorável revolta. Em homenagem às fôlhas que tanto influíram na independência dos Estados Unidos, a cada um dos numerosos convidados ofereceu-se uma caixa de chá da melhor qualidade.

A sua preponderância subsiste até mesmo no ramo da actividade artística e industrial, e assim diferentes artes e indústrias prosperaram mais ou tomaram rumos novos, logo que o chá começou a ser universalmente apreciado. A marcenaria, a doçaria, a ourivesaria, a cerâmica entraram numa fase renovadora.

Sabe-se que os «serviços» de chá, executados em prata, gozam duma larga aceitação e emprestam a qualquer sala de jantar uma nota de arte. Algumas das peças que fazem parte dêsses «serviços» ostentam lindo acabamento técnico e patenteiam suficientemente a habilidade dos nossos cinzeladores.

A cerâmica, essa, muito mais que a ourivesaria, tem, desde tempos remotos, acompanhado a infusão de fôlhas do célebre arbusto chinês. Assim a configuração externa da porcelana da China anda-lhe muito ligada. A coloração das chávenas variou, por exemplo, bastante com as preferências visuais dos grandes entusiastas da bebida. O escritor chinês Luwhu, que passou pelo mundo no século 8.º da era cristã, entendia que o recipiente em que ordinàriamente se servia o chá devia ser de porcelana azul, o que, segundo êle, tornava o líquido mais apetitoso. Houve quem tivesse outras predilecções e desse a primazia a porcelana de outras côres.

Seja como fôr, os «serviços» de chá de porcelana chinesa conquistaram na Europa merecida fama e deslumbraram os ceramistas de tôda a parte. Na sua decoração, de origem mitológica e naturalista, concorrem deuses fantásticos, dragões, animais, plantas e até lindos e mimosos trechos de paisagem, como é fácil observar-se. Mas a escolha e o tom das côres acentuam ainda mais o encanto das diversas peças.

Pela sua transparência e maleabilidade, e ainda por gozar da propriedade de agüentar um líquido extremamente quente sem o risco de estalar, a porcelana, desde que os portugueses a trouxeram para a Europa, entusiasmou os ocidentais, que logo começaram a importá-la do Oriente em larga escala.

Em 1709, um químico saxão, Boettger, descobriu no solo europeu elementos que lhe permitiram fabricá-la. Assim nasceu a porcelana de Saxe e veio depois a de Sèvres e a de Delft. Os objectos de porcelana de qualquer das três escolas ostentam uma marcada individualidade; todavia transparece de vez em quando a escola chinesa.

A cerâmica de Sèvres, de Delft e de Saxe apresenta à nossa curiosidade chávenas, pires e bules que, pela sua especial coloração, pelos seus admiráveis motivos decorativos, são duma impressionante beleza. Neste género, existem «serviços» de chá que, em relêvo artístico, rivalizam com os mais afamados da China e do Japão. As suas diferentes peças conciliam magistralmente o belo e o útil numa aliança verdadeiramente harmoniosa.

O chá teve, sem dúvida, um papel relevante na história da cerâmica, mas o seu ascendente nas literaturas europeias é imensamente maior, como com facilidade se poderia comprovar. Na Inglaterra, nação onde se consome grande quantidade de chá, os poetas várias vezes cantaram as virtudes dessa bebida aromática, distinguindo-se, nesta espécie de poesia chàzista, Pedro Petit, o qual, num poema famoso, cantou o chá com a mesma sinceridade e entusiasmo que os poetas sabem comunicar aos versos. E poderíamos alargar muito estas referências, se não nos interessasse mais agora a história da literatura portuguesa.

Foi, possìvelmente, sob a influência da França que o chá passou a ter real acolhimento em Portugal. O século XVIII foi diluindo no país a fidelidade à Espanha e ao classicismo latino-helénico e passou a preferir Paris. As modas, os costumes, a política, a linguagem e a literatura buscaram a maneira dos franceses. Estes foram os primeiros povos da Europa a tomar chá e é quási certo que, juntamente com os gostos filosóficos e literários, nos remeteram também uma mais aprimorada simpatia pela bebida de que estamos tratando.

A literatura portuguesa de então assinala, com tôda a pontualidade, a entrada do chá no país. Mercê dessa invasão, a vida

de sociedade, no Pôrto e em Lisboa, começou a ter curiosas singularidades.

O Abade de Jazente, que era dado às musas e paroquiava nas imediações do Marão, foi um amador da vida campesina. Pôsto que, uma que outra vez, se intrigasse com o tédio da solidão, não era homem que desse muito aprêço aos hábitos de convívio social mais estimados na capital do Norte. Por lá dançava-se bastante. O Abade, que era pouco expansivo e algo austero, não prezava êsses bailes, como também não dava o seu assentimento ao costume, então muito arreigado no Pôrto naquela quadra do século XVIII, de dar «chás». A dança e os chás colidiam com o seu temperamento reservado e pacato. Isto é: o bom do Abade de Jazente é talvez um precursor ilustre dos modernos críticos do «chá dançante».

Na mesma centúria, vivia em Lisboa um homem original, que fazia dos versos arma de ataque e que, muito contra sua vontade, ensinava retórica a meninos. Era êle o tam falado Tolentino, um dos primeiros produtores de poesia satírica em Portugal. Se não fôsse um incansável insatisfeito e não se diminuísse moralmente em contínuas imprecações contra a sorte, havia de pensar-se que êle passou a vida sorrindo e gracejando. Sabia espreitar os ridículos da vida lisboeta e gostava de os assoalhar nas suas composições poéticas. Mas Tolentino, como todos os profissionais de maledicência e da crítica dos defeitos alheios, não curava de registar fielmente as imperfeições sociais, mas sentia um prazer diabólico em deturpar tudo, exagerando anormalidades e lobrigando, artificialmente, um aspecto risível nos incidentes a que aludia.

No seu tempo estavam em moda os penteados altos e as senhoras apareciam em público com a cabeça desmedidamente alteada. Tolentino, porém, que não engraçava com tal costume, informa-nos, como todos sabem, da existência de penteados tam elevados e volumosos, que, dentro dêles, poderia caber, por exemplo, entre outras cousas, uma arca encoirada, um homem ou mesmo um colchão. Isto documenta bem o seu processo satírico, que designadamente consistia, como já observou a crítica, em atribuir às anomalias sociais proporções excessivas e inverosímeis.

Todavia, para além da estilização dos factos, vislumbra-se nêle um apreciável observador de tipos e aspecios da sociedade lisboeta do século XVIII.

Os que enfeitavam a cabeça com vistosas cabeleiras, mas não tratavam de melhorar o juízo; as velhas vaidosas que recorrem aos ingredientes da «formosura» postiça; os peraltas gabarolas e

pretensiosos que, no tempo, conversavam nos cafés de Lisboa sôbre livros que não leram e viagens que não fizeram; os vadios e ociosos; aquêles maridos que apanhavam açoites da mulher — a êsses chama-lhes «nódoa do sexo» e «horror da natureza» —; os médicos que, com sua «pena homicida», davam alegria aos herdeiros e trabalho às «enxadas dos coveiros», todos êstes tipos e muitos mais povoam as suas sátiras e são submetidos ao castigo. Mas a punição de Tolentino era tôda literária e verbal; êle desejaria ser mais objectivo e por isso confessa com pesar: «Não posso fazer mal senão co'a pena».

A sua bem conhecida peça satírica do *Velho* tem jus, para o nosso ponto de vista, a uma referência especial. Certo vèlhinho assiste, com legítimo aborrecimento, à aproximação da velhice com todos os seus achaques: a tosse, os calos, as muletas e os joanetes, etc. Sobretudo lamenta que ela, a velhice, atrevidamente lhe arvorasse uns óculos sôbre o seu «vencido nariz». Embora já idoso, sonha vagamente com uma certa senhora chamada Nerina, em que êle vê, não uma namorada, mas uma solícita enfermeira. E, dêste modo, o enfermiço senhor aspirava a que ela lhe limpasse os óculos, o ajudasse a andar, lhe baixasse as vidraças das janelas para êle não constipar, e, finalmente, que lhe esfriasse o chá com a bôca quando êle estivesse quente. Surge-nos aqui o chá como companheiro da doença. Ainda hoje, entre a gente do povo do norte de Portugal, esta bebida se reputa medicamento eficaz para pessoas de idade e doentes. Deve observar-se, no entanto, que o chá, na obra de Tolentino, anda também por casa da gente que goza de boa saúde, como se depreende da análise da sátira dedicada a D. Martinho de Almeida, no ano de 1779.

Por Lisboa usavam-se, e o costume estendeu-se pela província e ficou, umas curiosas reüniões chamadas «assembleias», onde o chá tinha respeitoso cabimento. Tolentino, com o seu usual feitio trocista, descreve-nos, naquela famosa sátira, um dêsses ajuntamentos. A dona da casa, dama viúva, calça uns velhos sapatos de sêda. Também assiste uma outra senhora, já com sobrinhos e relativamente entrada em anos; vive esta um pouco desgostosa pelo facto de ter notado que a começam a pôr de parte. Á reünião assiste ainda um respeitável sacerdote que gosta de cantar com a gente da casa e usa meias bordadas. Quanto às filhas, Tolentino observa que elas são «feias» e «malcriadas», mas julga-as com habilidade para cantar em perfeita desafinação. A assistência cavaqueia quási cerimoniosamente, mas, a certa altura, entoa-se a «vulgar modinha» chamada «De saudades morrerei».

Concluída esta demonstração de canto coral, vê-se a «moça da cozinha» transportar para a sala uma pequena mesa portátil, a «banquinha» que é colocada junto da senhora. São os preparativos para a refeição do chá. A sobredita mesinha é «farpada» e a criada dispõe em cima dela uma bandeja e o clássico bule. Êstes dois trastes estão já bastante usados, oferecem uma côr baça e queimada, fazendo-nos até admitir que se trata de objectos «Que escaparam de algum fogo», como maliciosamente declara Tolentino. A bebida que se vai servir é muito fraquinha, pois, na água fervente, apenas se lançaram duas ou três folhas de chá «que ferve já». «Com esta a sétima vez». As rendas da casa não dão para mais. Esta água de chá é desacompanhada de qualquer espécie de doce. O poeta regista esta falta, dando a entender que ela estava em oposição com os costumes mais correntes nas assembleias que então eram freqüentes em Lisboa. Menciona tôdas aquelas deficiências e acha-lhes graça. Nisto Tolentino talvez fôsse pouco caridoso. A miséria alheia respeita-se e mitiga-se, e a pobreza, sempre digna de compaixão, não deve merecer as invectivas chalaceantes de ninguém. Era preferível servir o chá com tôda aquela modéstia a fazer uma festa cheia de ostentação, mas à custa do dinheiro dos vizinhos, como naquele tempo algumas vezes sucedia.

O teatro da segunda metade do século XVIII feriu em cheio êsses ruïnosos hábitos de certas famílias de Lisboa, que davam chás de grande espavento, mas que iam vergonhosamente pedir tudo emprestado aos amigos e conhecidos. Foi o académico Correia Garção, homem de leis e cultor das letras, que por essa época còmicamente alvejou tais irregularidades sociais na sua obra dramática *Assembleia ou Partida*. Não deixa de ser engraçado o argumento dessa peça. Aparece em cena uma tal Urraca Azevia, dona mui ciosa de seus pergaminhos nobiliárquicos. De grande linhagem como é, não admite familiaridades ao próprio marido, o qual é obrigado a dar-lhe o tratamento de Excelência e Vossa Senhoria. D. Urraca, dada a sua qualidade de fidalga, quere, a todo o transe, marcar e sobressair em Lisboa e por isso anseia por trazer a casa convidados para jantares, merendas e «assembleias». A isto se chamava então o «amanhecer» dos «polidos costumes estrangeiros», ou «viver como vive a gente séria» e ainda «gozar das sãs delicias» derivadas do «suave prazer da Companhia». O pobre marido anda à mercê dos tolos caprichos da consorte e, no próprio dia em que está assente efectuar-se uma dessas «assembleias» em sua casa, êle encontra-se sem vintém. Nestas circunstâncias, vê-se constrangido a recorrer às finanças dum amigo particular, ao qual pede a juros a quantia

de «seis mil e quatrocentos». Com esta importância, sentia-se o marido de D. Urraca preparado para fazer face às despesas resultantes da compra dos bolos e do chá que iriam tomar os convidados. A festa não poderia ter lugar, se não houvesse luz, pelo que o mesmo senhor resolve adquirir «dous arráteis de velas», à custa duma verba que arranca, não sem protesto, ao mealheiro da espôsa. Com tôdas estas medidas, o espôso de D. Urraca, Braz Carril, nota que lhe faltam não só os castiçais para colocar as ditas velas, mas ainda pratos para os doces, bandejas e colheres para o chá. O chefe da casa, porém, com a sua presteza habitual enfrenta os amigos e, no momento oportuno, um dêles remete-lhe, por empréstimo, oito castiçais. A seguir, por intermédio dum galego, recebe uma bela remessa de louça emprestada: um açucareiro, «três dúzias de chícaras» e pires, um bule, etc. Não parece, em todo o caso, que tivesse tomado tôdas as necessárias precauções, porque a filha, à última hora, chama-o a tôda a pressa, porque faltava o «dinheiro para açúcar».

O que se torna mais triste é que os próprios que cederam a louça e mais objectos para o chá também são convidados. Um dêles, o que emprestou os «seis mil e quatrocentos», quis esquivar-se, declarando que «pouco gostava de chá», mas depois também compareceu.

A peça dramática de Garção é uma esplêndida obra de crítica social, que nos patenteia outros pormenores do serão, durante o qual se conversa, joga e canta. No decorrer da reünião, ouviram-se ainda os acordes de um belo instrumento musical, o cravo, pertencente a certo médico que figurava entre os visitantes daquela noite. Precisamente no auge da festa, o marido de D. Urraca é surpreendido com a ameaça de ser prêso ou penhorado, mas salva-se do embaraço financeiro, casando os filhos com pessoas de alguma fortuna, as quais lhe pagaram as dívidas. A solução, a-pesar-de tudo, não foi a melhor, pois D. Urraca, com a sua tola mania nobiliárquica, sentiu imenso ter de unir os filhos a gente plebeia.

Assim terminou uma festa do chá. E C. Garção, para edificação de todos, lá recomenda: «Quem muito tiver, que gaste pouco» «Deixe-se de Partidas, d'Assembleias», «Brilhar não queira à custa dos amigos». Arquivemos religiosamente êste conselho.

Segundo o testemunho de vários escritores nacionais e estranjeiros, é muito antiga em Portugal essa teimosia de fidalgos e plebeus sem meios de fortuna que aspiram a manter na vida doméstica e pública uma ostentação que os seus rendimentos pessoais não permitiam. Êsse louco exibicionismo lançou o ridículo sôbre os nobres sem posses e foi uma das causas da ruína

material de muitas casas fidalgas portuguesas. A doença não se extinguiu ainda e, actualmente, não faltam os que sempre estão prontos para fazer reivindicações sociais e para reclamar melhoria de situação; mas, infelizmente, nem todos curam de examinar se os males económicos de que se queixam vêm, em linha recta, da falta de aprumo na economia caseira, da ausência de sobriedade no nosso viver e da relutância em adoptar um regime de vida estritamente compatível com os nossos recursos financeiros.

Mas, emquanto com Garção a cerimónia de tomar chá anda de braço dado com o descalabro do orçamento doméstico, em Eça de Queiroz a mesma bebida surge rodeada de abastança e esplendor. E deslocando-nos ràpidamente de Lisboa para Pekim — mas, já se vê, em pensamento apenas — deixaremos incidir o olhar sôbre o romance *O Mandarim* de Eça e ali se deterá a nossa análise na espôsa do General Camilloff, a loira Vladimira, que possuía umas finas mãos, em cujos dedos «errava um aroma fino de sândalo e chá». Era em Pekim e o espirituoso romancista pinta com vivacidade os costumes e tôda a gama de aspectos da extasiante terra oriental.

Vladimira, mulher dum embaixador da Rússia, emquanto o marido «trabalhava com fervor para encontrar a família Ti-Chin-Fú», viera espairecer até ao jardim e tomara assento no quiosque do «Repouso discreto». Pelos cantos havia «ricas jarras transparentes» com lírios vermelhos. Alcatifavam o soalho algumas finas esteiras de Nankin. Mais ao lado brilhava um leque de lâminas de cristal. A embaixatriz, trajando à chinesa, com as sobrancelhas «avivadas a tinta de Nankim» e o cabelo lindamente engalanado com flores de pessegueiro, conversava com o hóspede Teodoro e, ao mesmo tempo, ia «fazendo ferver delicadamente as fôlhas de chá». E o líquido, que a companheira de Camilloff deliciosamente confeccionava à sombra dos sicómoros num canto do jardim, também havia de encerrar com solenidade o almôço chinês em honra do visitante já citado. Nos guardanapos de papel de sêda vermelha destacavam-se, a preto, «monstros fabulosos». Iniciou-se a refeição por ostras de Ning-Pó, veio depois um prato de febras de barbatanas de tubarão, outro de «olhos de carneiro com picado de alho», seguiu-se ainda um extravagante preparado de «nenufares em calda de açucar», depois laranjas de Cantão e não faltou, evidentemente, o arroz. No final de tudo, os convivas receberam uma «taça d'água a ferver», na qual lançaram uma «pitada de folhas de chá imperial».

A referida espécie é colhida em princípios de Março. O cháseiro deita nesta altura as primeiras fôlhas. Estas, muito tenras, são colhidas ao cabo de alguns dias. Como são pequeninas, é preciso uma grande quantidade delas para se arranjar uma insignificante porção de chá. Além disso, esta colheita exige cautelas especiais, e os trabalhadores que nela se empregam, como são especializados, recebem salários altos. Os arbustos, em virtude da colheita prematura dos rebentos, enfraquecem bastante. Tudo isto explica que o chá dêste género se torne só acessível à bôlsa dos príncipes e da gente rica. O embaixador Camilloff e sua consorte viviam com certo desafôgo e, portanto, muito naturalmente — como conta o Eça — tomavam «chá imperial».

Aquela D. Urraca das assembleias lisbonenses, que tanto se orgulhava de declarar que por «linha masculina» descendia de reis e príncipes, não obstante viver numa confrangedora penúria social, forma um nítido contraste com a russa Vladimira, que vegetava no fausto. As duas personificam dois tipos morais diferentes. A primeira vive para o sonho vão de estontear o público com as suas «assembleias». Péssima dona de casa, tinha, contudo, alguns bons sentimentos e estimava os filhos. Vladimira, essa, tôda aromática e vistosa, era uma alma depravada, completamente indiferente à fidelidade conjugal. Ela pertence à categoria duvidosa daquelas mulheres e homens que, na obra de Eça, vivem mais para o instinto do que para a inteligência e o coração.

Embora impregnada de orientalismo, a espôsa do embaixador da Rússia em Pekim era uma destas europeias que tinha a nostalgia do Ocidente. As terras orientais não a satisfaziam.

Transitando agora do romance para a vida real, e por contraste com a Vladimira do *Mandarim*, atrai a nossa curiosidade o escritor niponista Wenceslau de Morais, o português que mais radicalmente estrangulou em si a *ocidentalidade*, para, por completo, se submergir no exotismo oriental.

Morais, oficial da marinha de guerra portuguesa, logo que assentou morada no Império do Sol Nascente, em Kobe, saía — como diz um dos seus biógrafos — por vezes de casa, subia a encosta duma montanha vestida de cerejeiras que havia perto, e ali, em certo estabelecimento, mandava vir chá sem açúcar e palestrava satisfeito com as duas formosas japonesas que habitualmente o serviam. Ainda entre os seus passatempos favoritos figurava o de ir tomar chá para junto de certos templos japoneses. Este português original, que há anos morreu dum trambolhão numa cidade nipónica, afeiçoou-se profundamente ao Japão, penetrando-lhe os mistérios e amando êsse grande país com uma sinceridade que comove os próprios naturais.

Se tanto se deu ao Oriente, a verdade é que a sua alma lusíada a cada passo fulgura nas páginas dos seus livros escritos em boa prosa portuguesa. Efectivamente, sôbre todos êles paira

uma sombra de idealismo e sentimentalidade, que logo nos sugere o espírito sonhador e afectivo de Portugal.

Entre tôdas essas românticas obras de Wenceslau de Morais, há uma apenas que, nesta série de considerações, de preferência se nos impõe: é o bonito livrinho intitulado *O Culto do Chá*. Tal brochura, de extravagante aspecto gráfico, está recheada de lindas gravuras coloridas e pode considerar-se como a mais perfeita apologia do chá, existente em língua portuguesa.

Há pelo império nipónico chá de muitas espécies, porém Morais inclinava-se para o que era produzido na região de Uji; achava-o o mais aromático e perfumado do Japão. Espraia-se também numa cativante descrição de episódios e aspectos da colheita do chá, não esquecendo algumas alusões à forma requintada e cerimoniosa de o tomar «invariàvelmente sem leite e sem açucar». A exposição de Morais, sempre atraente, afasta-se às vezes das folhas do chàzeiro, para se referir às mulheres japonesas, cuja beleza o escritor nunca se cansa de admirar. A delicadeza das mãos, a expressão doce que elas reflectem no olhar, assim como o porte esbelto e fugitivo, cativam a fundo êste homem quási incompreensível e misterioso.

No livrozinho *O Culto do Chá* esvoaça ainda uma indefinida atracção do lendário e do quimérico. Quando se pronuncia sôbre a índole delicada da gente nipónica, predominantemente estranha a baixezas materiais, recorda, por antítese, o feitio materialista do homem ocidental, procedimento característico de muitos orientais ilustrados. Poderá demonstrar-se, com uma precisão matemática, que a concepção que Morais tem dos nipões, que neste momento estão assaltando a China, é muis um produto da fantasia do que uma realidade visível. Mas seria talvez contraditório pedir objectividade a um artista que, ordinàriamente, via o mundo exterior através da lente transfiguradora da poesia.

Narra-nos o livro a que nos estamos referindo, que os mercadores japoneses, quando calha, oferecem, amàvelmente, uma chávena de chá aos seus clientes e depois é que vão ao negócio. E nós aventamos a presunção de que assim preparam interesseiramente o ambiente para o sucesso das transacções comerciais. O expediente, com outras variantes, é o de muitos comerciantes europeus. Involuntàriamente, W. de Morais ergueu a ponta do véu quanto à ausência do utilitarismo entre nipónicos. Note-se, no entanto, que o recurso ao chá, para fazer bom negócio, não deixa de ser original.

Quando a gente circula de automóvel através das colinas floridas da Madeira, algumas crianças gentilmente nos sorriem e atiram flores, mas ao executarem esta acção, estão mais ou menos certas de que, logo a seguir, se lhes premeia o gesto com uns tostões .. A vida é assim: muitas amabilidades ocultam às vezes intenções menos desinteressadas. Mais seguro na sua estratégia comercial foi um certo lojista de Entre Douro e Minho, que tinha por hábito contemplar os seus fregueses com um cálice de vinho do Pôrto, porém só fazia a oferta no fim do negócio e só quando notasse que o cliente comprava muita coisa. Animava-o assim hàbilmente a voltar a freqüentar com assiduïdade a loja de que era proprietário.

Objectaremos ainda ao autor de *O Culto do Chá* que, se há japoneses finos no trato e maneiras, também a Europa latina, sobretudo, nos poderá oferecer tradições de elegância e delicadeza que ficaram clássicas na história da civilização. É certo, porém, que o conceito de elegância e aprumo de maneiras é condicionado por contigências pessoais e varia muito no espaço e no tempo. Dezenas de poetas notaram apaixonadamente o encanto das tranças que esplendiam na cabeça de formosas mulheres. Hoje, êsses versos de natureza capilar tresandam a arcaísmo: é que ninguém já se lembra de achar graça aos cabelos compridos, e as senhoras da Europa, amantes do bom gôsto e do modernismo, vão destruíndo as tesouras as madeixas que em tempos idos desvairaram tantos enamorados. A eminente escritora francesa Collete, de renome mundial, apareceu numa sessão solene da Academia Real da Bélgica quási descalça, pela simples razão de que detesta as meias, não as usando em circunstância alguma. Tudo isto é, até certo ponto, inexplicável e destituído de lógica. É o eterno capricho das modas e dos gostos pessoais.

A-pesar-de tôdas estas atenuantes, quando Wenceslau de Morais se impressiona bem ao presenciar uma senhora japonesa de joelhos ou sentada numa esteira a fazer chá, nós nada mais podemos ver, nessa forma de estar, do que uma posição incómoda e inestética. Para os orientais o caso é outro. Um gravura inserta no *Culto do Chá*, bem representativa de costumes do Extremo Oriente, mostra dois japoneses postados em cima dum estrado almofadado: um está sentado e de pernas cruzadas, o outro com elas mais estendidas. Os dois cavalheiros, à sombra duma árvore, tomam a fresca num dia de verão e, absolutamente certos de que a infusão de fôlhas de chàzeiro lhe mitiga a sêde, vão sossegadamente tomando a sua chávena de chá, naquela posição justamente considerada elegante.

Reconhece-se que Wenceslau de Morais não foi um mero glorificador teórico do chá, pois não só o apreciou imenso, como em boa prosa lhe gabou o aroma e o sabor, tendo afirmado ser a

«bebida mais suavemente agradável que possa oferecer-se ao nosso paladar». Muitos outros intelectuais, quanto a bebidas estimulantes, manifestaram gostos bem diferentes.

Sá de Miranda, por exemplo, homem que tanto se dedicou ao culto da dignidade intelectual, gostava de saborear a aguardente, como o confessa numa das suas cartas, ao evocar uma deliciosa merenda que, com outros amigos, comera num lugar bucólico do Minho.

Já José Agostinho de Macedo, um dos frades mais desordeiros que os antigos conventos albergaram, trabalhava muito de noite e, nessas vigílias, adoptava «o bom chá» como estimulante da sua energia intelectual, como Oliveira Martins, em certas circunstâncias, usava o café.

O João Penha, prestigioso cultor da poesia parnasiana, pendia declaradamente para o vinho, que lhe inspirou peças poéticas de escasso merecimento.

Para o grande poeta simbolista da França, o Verlaine, a bebida predilecta era o absinto, com o qual se embriagava e atraía a floração do seu estro poético. Há um retrato célebre de Verlaine que o representa numa casa de bebidas de Paris, sentado a uma mesa, em cima da qual está, entre outras coisas, o seu chapéu de abas largas e o invariável copo de absinto.

Outros intelectuais existem que abominam o café, a aguardente, o vinho, o absinto, o chá e limitam-se simplesmente a beber água.

E, para findar, diremos que se estas divagações fáceis a propósito do destino glorioso dum tema tam célebre não tiverem qualquer mérito, nem mesmo o de nos terem agradàvelmente permitido erguer o pensamento até ao mundo da arte e da literatura, pelo menos foram um pretexto para dar relêvo a valores morais que nós desejaríamos ver triunfantes no momento que passa.

O chá, com efeito, anda acompanhado duma impressionante tradição aristocrática que se singulariza pela correcção externa, pela harmonia espiritual das pessoas e pela finura das maneiras. O ritual e as convenções aderentes a essa beberagem oriental podem revestir para nós aspectos chocantes, tam vários são os gostos, mas, normalmente, foi uma peregrina nobreza espiritual que a tudo presidiu.

Vistas assim as coisas, sob o ângulo do aperfeiçoamento interior, uma evocação do chá esmalta-se de brilho moral, desgnadamente num tempo em que alguns homens se afirmam tam atreitos à violência, tam partidários de arbitrariedade e tam pervertidos por ideais degradantes, que parece haver uma imp

rativa necessidade de os depurar com o chá que — como sói dizer-se — não tomaram em pequenos. E após êste comentário, talvez se discrimine melhor o intento de António Ferro ao fazer votos, recentemente, por que em Portugal se tomasse «menos café e mais chá». Seria de desejar que essa iniciativa, moralizante e gustativa, se generalizasse a nações e a povos que dela necessitam tanto como nós.

Em semelhantes intenções nada mais avulta do que o anseio de tentar impelir o homem para a posição que mais se coaduna com a sua missão de ser criado não para o fugaz e o tangível, mas para o eterno. E quem desiste de actuar «sub specie aeternitatis» atenta gravemente contra o equilíbrio universal. Para que os resultados da nossa acção valham, fiquem e permaneçam é necessário que o móbil da conduta dependa sempre o menos possível do relativo e que se distancie da pressão mortal do que é fortuito.

Que a bebida aristocrática do chá possa então contribuir para fomentar em nós algo daquela elevação que valoriza os homens e as nações e mantém a soberania da beleza moral.

Feliciano Ramos
(Do Liceu de Guimarãis)

A "Menina e Moça,, e o romance sentimental no Renascimento

(Continuação)

CAPÍTULO VII — Breve vista de conjunto da evolução da novelística europeia, especialmente da sentimental, até ao aparecimento da "Menina e Moça,,.

E' natural que arredemos agora, por um pouco, o estudo directo da *Menina e Moça,*— e que façamos preceder as considerações, que serão objecto doutro capítulo, dum brevíssimo e esquemático quadro da evolução da novelística até ao tempo do seu aparecimento.

Os antecedentes do romance moderno europeu estão, ao que parece, em primitivos poemas líricos que a crítica tem consagrado como matéria bretã. O que isso tenha sido não é coisa perfeitamente evidente, dado que tudo que da primitiva (?) *matière de Bretagne* nos ficou anda representado apenas por fragmentos mais ou menos longos de poemas franceses, alemãis e escandinavos, que celebram assuntos amorosos, em que sobreleva o caso dum certo Tristão enamorado duma certa Isolda, — mas em que já é fácil reconhecer, por outro lado, uma nítida encorporação de certos dados, importados da arte de amar, que os poetas chamados provençais tinham ido fixando às relações amorosas cantadas nas suas poesias.

Tais poemas tiveram, porém, o seu momento. Corresponderam a uma dada situação política, social e moral, que teve històricamente o nome de feudalismo. A breve trecho, um conjunto de fôrças várias (sobretudo a imposição de interessados que passaram de ouvintes a leitores) fêz desaparecer êsses poemas, pondo em favor as redacções prosificadas dos seus conteúdos. O respeito pelas fontes de que se serviam não foi, porém, muito profundo nos prosificadores. Em primeiro lugar, tiveram a preocupação de agrupar os temas diversos da *matière de Bretagne*, tratados anteriormente em poemas independentes, apresentando-os agora como um todo orgânico. Compreende-se que a encorporação de temas independentes num todo orgânico havia de obrigar a certas violências. E assim foi: Como unidade central a que todos os temas deviam ligar-se, surgiu a côrte do rei Artur. Todos os personagens essenciais seriam cavaleiros da sua côrte, ou de côrtes contemporâneas em relação com a dêle. Assim, colocados todos os personagens em redor do rei Artur, igualitados e irmanados em tôrno da sua Távola Redonda, todos tomaram idênticos caracteres cavaleirescos. Porém, como o espírito cavaleiresco andava associado ao amor cortês provençal e ao espírito de aventura, êstes cavaleiros amariam todos à maneira provençal e seriam todos aventureiros. E sobretudo seriam aventureiros, porque a competição entre os pares da Távola os obrigaria a prodígios incessantemente mais complicados, cada vez mais fortemente maravilhosos, fantásticos, mágicos. A tanto, porém, foram êsses prodígios, que, por influência monástica talvez, a esta cavalaria se associou outra:—a da procura do Gral. Efectivamente, certos poemas independentes, independentes muito mais que os outros, que falavam dum misterioso gral (que não chegavam a definir que fôsse), foram também encorporados na geral prosificação, e o ciclo completou-se e fechou-se num quadro de cavalaria, ora terreno, ora celeste.—Tal foi a segunda fase apresentada pela novelística desde os tempos que consideramos.

Êste aspecto da transformação da novelística lírica primitiva conseguiu arreigar-se por largos tempos. Tôdas as literaturas europeias lhe pagaram maior ou menor tributo, e não foi dos mais escassos o que lhe foi pago pela literatura portuguesa, com Amadises, Clarimundos, Sagramores e Palmeirins. Mas quási ao mesmo tempo que esta feição novelesca se impôs, uma certa camada social que então ia chegando a uma situação marcante, começou exigindo uma orientação nova à novelística. Era a instalação na literatura da corrente burguesa com seu espírito novo e sua visão crítica especial. O burguês exigia uma literatura sua, liberta dos condicionalismos que uma outra organização social, a do feudalismo, tinha criado. Não é que o burguês se não entusiasmasse com a literatura cavaleiresca, e não a tivesse mesmo impulsionado em certos casos. Mas o espírito particular que o burguês trazia da luta, do drama que tinha sido até então a sua ascensão, e que se tinha temperado na experiência das realidades da vida industrial e comercial a que se dedicara, etc, etc.— dera-lhe não só uma visão nova das realidades, como a consciência da necessidade de impor certas características à literatura que com elas se ajustassem. Três factos convém notar aqui, pela importância que apresentam neste processo de transformação: — a

influência da cultura clássica; a adaptação da amatória cortês nas sobrevivências do cavaleiresco; e a criação da pastoral como réplica a êste último. Ao fim, estaremos aptos a enfrentar o caso do surto da novela sentimental.

A) A cultura burguesa é, vista aí nos seus primórdios, uma coisa bem curiosa. O seu espírito de realidade invadiu tudo. Como, pelo seu dinheiro, o burguês pôde fazer-se *clerc*, o burguês pôde, inclusivamente, rever os fundamentos da cultura contemporânea ambiente e tirar conclusões curiosas. Assim, o burguês descobriu que a cultura clássica, aproveitada anteriormente, e que chegara a dar um ciclo clássico pela elaboração de matéria antiga (cêrco de Tróia, origens de Roma, conquistas de Alexandre) em poemas contemporâneos,—era uma extraordinária falsificação da verdadeira cultura clássica. Vergílio e Ovídio, tantas vezes citados, tantas vezes utilizados, tantas vezes parafraseados,—andavam transpostos à luz duma interpretação especial que ia desde a adaptação às teorias do amor cortês até à utilização parenética e moralizante. Ao ler Vergílio e Ovídio, o novo *clerc*, que se habituara a uma certa racionalização crítica, descobria que era preciso tornar a ler êsses autores, mas libertos das interpretações correntes. Foi assim que se fêz uma revisão dos valores clássicos,—e se preparou um dos aspectos da Renascença:—o que nela há de naturalista. Foi assim que nasceu o *Roman de la Rose*, não o que fêz o Guillaume de Lorris, alegórico e fátuo, mas o outro, o que fêz o Jean de Meung, enérgico e revolucionário. A nova leitura de Ovídio, a revisão da *Arte de Amar*, foi êste último quem a fêz,—e de como a compreendeu naturalìsticamente, no sentido autênticamente ovidiano, dá notícia a sua tradução, adaptação e comentário, em largas fatias, na sua participação do *Roman de la Rose*. Desde então a amatória tradicional cavaleiresca, a amatória cortês, para sobreviver, teria que passar a ser transformada nas idealizações em que Dante e Petrarca a converteram ou a ser adaptada às novas concepções do cavaleiresco e da pastoral.

A nova amatória, a amatória burguesa, teve assim alicerces na visão realista da classe e no naturalismo da nova leitura dos valores clássicos. O facto é verificável,—até nos catálogos de amorosos e amorosas que os autores, já desde Vergílio, apresentam como exemplo das vitórias históricas do amor. Ao tempo dos trovadores, os grandes amores eram os de Tristão e Isolda. Ao tempo de Dante, falava-se ainda em Tristão, Lancerote e Francesca, em meio de meia dúzia de amorosos da antiguidade. No longuíssimo catálogo do *Trionfo d'Amor*, Petrarca, mais

humano, falava ainda também nesses três, mas abafava-os na interminável lista dos amores históricos e fabulosos, dos gregos e romanos, hebreus, assírios e babilónios—tôda a antiguidade—, e ainda na dos provençais do seu gôsto e na dos italianos seus amigos. Mas já o *Roman de la Rose* apresenta apenas exemplares amores da antiguidade e omite os amorosos cavaleirescos.—Vendo o que sucede cá pela Península, se o catálogo do *Infierno de Enamorados* do Marquês de Santillana, como digno imitador de Petrarca (não esqueçamos o seu *Triumphete de Amor*) ainda apresenta mistura doseada como a do *Trionfo d'Amore*,—já se não dá o mesmo com o *Infierno de Amor* de Garci Sanches de Badajoz (que só fala de espanhóis contemporâneos, que foram de carne e osso), nem com o nosso Duarte de Brito (para quem só eram dignos de menção os casos clássicos e uns certos da literatura sua contemporânea, a que logo nos referiremos). O naturalismo dos grandes amores clássicos—que então impunha fortemente a leitura constante das Heroídas de Ovídio,—e também o pendor realista que levava a observar as realidades contemporâneas, tinham ambos abafado o rumor dos suspiros dos trovadores das côrtes provençais e dos esforçados cavaleiros que comiam à Távola Redonda.

B) E, entretanto, como dissemos atrás, o burguês não acabou com o romance cavaleiresco. Muita burguesinha se entusiasmou com êles, sem dúvida. Como quer que seja, a imaginação humana deixa-se lisonjear até mesmo pelas manifestações de antagónico espírito, conquanto que lhes deva uma vibração estética suficiente. Tal o caso, mais ou menos, de certo favor que continuaram gozando os romances cavaleirescos. Simplesmente, é natural que, de onde em onde, o burguês introduzisse algo do seu espírito nas sobrevivências do cavaleiresco.

Efectivamente, à mulher burguesa não repugnava, como nunca repugnou a mulher alguma, aquela vassalagem amorosa do amante à amada. Mas as condições sociais da mulher tinham mudado um pouco. A mulher burguesa, quando casada, representava, na vida doméstica, um papel de colaboradora nas lutas de interêsses do marido, verdadeiramente absorventes. A mulher casada da sociedade feudal não conheceu as canseiras dessas lutas,—e foi na Idade-Média uma preciosa *avant la lettre*. Prestou atenção a tôdas as nugas da especiosa dialéctica trovadoresca, e chamou incessantemente a atenção em tôrno de si. A mulher casada foi, como se sabe, o tema amoroso preferido,—a Ginebra daqueles Lançarotes. Agora, porém, a mulher burguesa era tão realista como o marido e gostosamente se havia submetido a uma

moral rígida, necessária à conservação dos créditos da vida laboriosa do homem, do lar, dos filhos, naquela sociedade de recentes aglomerados que qualquer coisa podia ainda dissolver tràgicamente. Desta sorte, a novelística, a teoria amorosa, o que de amores constasse, — era domínio afinal da rapariga, da solteirinha, da menina e moça. E a teoria modificou-se, deixando em paz a casada. E a solteirinha, graciosa e pura, sonhou, nos lares burgueses, em transferir a si o papel das suzeranas feudais do amor cortês. E o autor não teve outro remédio, em face do desinterêsse das casadas e da ansiedade das raparigas, que dar a estas o papel que, tradicionalmente, competia àquelas. Assim surgiu Oriana, a sem par, a menina solteira dos sonhos de Amadis de Gaula. Assim, surgiram as meninas solteiras dos romances cavaleirescos subseqüentes. Assim, finalmente, houve que adaptar e torcer um pouco a teoria cortês, admitindo claramente o que a amatória tradicional não admitiria: a realização do amor no casamento. E os romances de cavalaria, embora não se despedissem da propensão sensual que obriga Amadis a tornar dona a donzela sua amada (o que vinha do adultério cavaleiresco) começaram a acabar como acabam as nossas fitas de cinema: — na bênção nupcial.

C) Aqui fica apontado em que condições o burguês admitiu a sobrevivência do cavaleiresco e qual o carácter novo que êste veio a apresentar. Mas esta transformação não era tudo. Tal literatura continuava afinal a idealizar os valores da cavalaria. O burguês introduzira simplesmente uma modificação conveniente à concepção da sua vida social e moral, mas não opusera um novo idealismo, o seu, ao dos tempos feudais. A sua revisão dos valores clássicos lhe dará o quadro idealista próprio, para a substituïção completa, sem molestar ainda a imaginação feminina que se habituara a ser considerada a suserana.

O burguês encontrou, pois, na écloga vergiliana, nos romances da novelística alexandrina e em certas metafísicas amorosas antigas, o quadro literário que, sem ser ainda o que lhe reclamava o seu espírito absolutamente realista, contentava a imaginação dos amorosos e lisonjeava um aspecto da sua própria ideologia: — a Pastoral. Respeitava a teoria do amor cortês no que ela agradava à mulher (melhor, neste caso, à menina solteira) e enquadrava o caso num ambiente de pastoralismo nivelador que muito bem se quadrava com o ideal comunitário donde êle próprio, burguês, tinha surgido. Sob aquelas complicações amorosas, pedantes e cómicas, da *Arcadia* de Sannazaro, da *Diana* de Montemór, da *Primavera* do Lôbo, da *Astrée* do d'Urfée, — como ainda de quanta écloga foi escrita, incluindo as de Bernadim, há esta satisfação às exigências do novo idealismo burguês.

D) Mas compreende-se bem que nem o cavaleiresco corrigido na sua amatória, nem o pastoralismo, podiam ser os autênticos representantes da mentalidade burguesa. Uma e outra coisa eram, afinal, deformações daquela realidade que o caracter especial da sua vida não deixava ver deformada. O que êle via era o seu burgo, constituído por êle e pelos seus vizinhos, pelas suas corporações, pela vida doméstica que fazia. O pendor realista exigia realismo, evidentemente. E assim se foi introduzindo o realismo na literatura, e nasceu, — a-par do lirismo dos Villon e Rutebeuf, a-par dos *fabliaux* e das *novelle*, a-par do Roman de Renart e das paródias do cavaleiresco, a-par do característico teatro e da característica historiografia, que tudo são manifestações dêsse espírito — a novelística realista ou para-realista, ora ingénua, ora acabada, que desabrochou em Boccaccio, chegou à Celestina e, em braços vários, deu o romance sentimental, o romance picaresco, o romance psicológico, — que sabemos nós!

¿Como seria, porém, o realismo no romance burguês? Traria o autor da vida social burguesa a experiência dum complicado enrêdo, com grandes lutas, com episódios bem movimentados? — Nem por isso. Pelo contrário, a vida burguesa fazia-se nos interiores domésticos, no fundo das oficinas, no âmago das lojas ou dos estudos. Isto voltava o poder de análise do exterior para o interior. Habituado à reflexão, seria, pois, a reflexão interior, não a exterior, a sua actividade preponderante. Entre a narração da aventura e a da vida íntima, — compreende-se que esta fôsse a preferida. E, como o romance sempre se alimentou do amor, seria, pois, no aspecto sentimental que a atenção se demoraria. E, nessa demora, o burguês tornou a encontrar o caso da mulher casada como motivo literário, mas já completamente desprovida da artificiosa preponderância a que subira o cortês. Agora, solteira ou casada, tudo valia o que valesse o realismo do seu caso sentimental. Com efeito, a rapariga burguesa não casava muitas vezes a seu gôsto. O casamento, nessa sociedade em que se calculavam (como hoje) os interêsses e se preparavam estratègicamente as condições de melhor os alicerçar ou de melhor os desenvolver, o casamento era muitas vezes *tratado* pelos respectivos pais. Daí uns certos dramas que podiam preparar revoltas femininas, planos de adultério, mil complicações. O espírito burguês, quando liberto dos interêsses, bem o sabia ver. Desta sorte, a classe dos literatos, aplicando a sua análise à vida amorosa, como os comerciantes a aplicavam aos seus negócios, puderam ver

aspectos trágicos na própria vida cotidiana, que bem valiam em intensidade aquêles que, na leitura nova dos escritores clássicos, iam vendo aproveitados. E houve assim, em certo momento, quem, libertando-se quanto pôde (que nem sempre) da teoria cortês, pretendeu dar, à luz do sentimento clássico, um romance que compartilhasse da visão realística da vida cotidiana, independentemente do estado de solteira ou de casada. Tal autor estava assim criando o romance sentimental. Tal autor foi Boccaccio.

Foi assim, efectivamente, sob a égide combinada do pendor realístico (que Boccaccio trazia do burguês, seu Pai, e da burguesinha francesa, sua Mãi) e da revisão da vida amorosa clássica (que o mesmo trazia da sua operosidade humanística), que nasceu a *Fiammetta*. Este romancezinho abre, com efeito, horizontes novos à novelística: contrapondo-se à complicada acção da novelística cavaleiresca, quási não tem acção; contrapondo-se à teoria amorosa cortês que implicava a servidão masculina perante a amada, trata do abandôno de Fiammetta por Panfilo; contrapondo-se à ligeireza de análise de sentimentos ocorrente na novelística, faz um romance apenas com os sentimentos de que se vê possuída a protagonista. Está-se, sem dúvida, numa viragem da história do romance.

A acção, efectivamente, é quási nada, e apresentada quási descarnada. Fiammetta, mulher casada, entra um dia num templo e, perante a insistência dum jovem, Panfilo, que a olha perturbado, perturba-se ela própria. Enamora-se,—sente-se mudar radicalmente. Permite que se estabeleçam relações entre ambos. Certo dia, porém, Panfilo, parte de ao pé dela, alegando necessidade de ir junto do pai e prometendo uma volta rápida. Nisto está tôda a acção,—contida nos dois primeiros capítulos da obra. Depois, tudo se passa dentro dela. O tempo passa, emquanto ela vai sofrendo confiada. O prazo expira,—e começam as dúvidas. Chega-lhe aos ouvidos que Panfilo, longe dela, casou já. Desespera-se. Ouve, entretanto, que não é verdade ter casado,—mas que se acha, efectivamente, enamorado de outra mulher. Não se conforma. Alimenta desejos de suïcídio. Chegam novas da volta de Panfilo; renasce a alegria. Mas trata-se duma confusão de nomes. Trata-se doutro Panfilo. Fiammetta cai de novo na desesperança.—Eis todo o assunto. Isto é: seis capítulos apenas com a exposição das reacções que estas notícias contraditórias lhe vão provocando.

Nesta *Fiammetta* há, porém, que notar, àlém do carácter sentimental que se verifica, uma mudança no carácter *feminista* da literatura que até então tinha vigorado. Certamente, a literatura cavaleiresca tinha sido feminista e ainda o eram os seus prolon-

gamentos, como no Amadis. Mas muda-se, com o aparecimento do sentimental, o sentido dêsse *feminismo*. Distingamo-los falando em *feminismo cavaleiresco* e *feminismo sentimental*. Ao primeiro, caracterizemo-lo pelo *domínio*, pela *suserania*, da mulher em face do homem. Ao segundo, caracterizemo-lo (e já o caracterizámos em páginas de capítulo anterior, consagrado pròpriamente à M. e M.) pela valorização exclusiva da dor feminina. A maior intensidade do sofrimento na mulher que no homem,—eis o feminismo sentimental que Boccaccio inaugurou e que o próprio título autêntico do romance claramente aponta: *Elegia di Madonna Fiammetta da lei alle enamorate donne mandato*. Depois o livro, que se pressupõe ter sido escrito por ela própria, em forma confidencial, abre também por um preâmbulozinho e termina-se por uma despedida, em que ela o dedica, não aos homens, mas apenas às mulheres, únicas que o poderão compreender, e onde, dirigindo-se ao próprio livro, lhe recomenda que só às mãos delas vá parar.

Entretanto, não é, a-pesar-de tudo, nesta *Fiammetta*, que se encontrará o verdadeiro sentimental. Não o permitiu a Boccaccio precisamente a sua operosidade humanística. As páginas do seu romancezinho estão cheias de erudição e de mitologia e da correspondente elocução afectada. A cada passo tropeçamos em Vergílio (o livro IV da Eneida, etc.) e nas Heroídas de Ovídio, e em quanto mais! E' tão infeliz êste tratamento do caso sentimental, que Francesco de Sanctis, considerando *manqué* tudo o que de humano poderia o livro ter, o desestima muito razoàvelmente. Certo é, porém, que não devemos esquecer que atribuímos à revisão da cultura clássica, que despertou o pendor naturalístico, numa nova concepção literária do amor, uma importância considerável no surto do sentimental. Não estranhemos sobremaneira o caso.

Faltava ao sentimental libertar-se dêsse indigesto pêso morto. Essa operação estava reservada a outra obra sua, ao *Decameron*. Efectivamente, o carácter de *novela* (no sentido tradicional do têrmo), de novela curta, portanto, era propício à libertação das excrescências que comprometiam o realismo característico. Ora há sentimental no Decameron, no próprio corpo do Decameron. Queremos referir-nos ao conjunto de novelas que formam a sua Jornada IV,—e onde «sotto il reggimento di Filóstrato, si ragiona di coloro, li cui amori ebbero infelice fine». Efectivamente, o género destas histórias (com pouca excepção) é um hiato na ligeireza da maior parte delas. São histórias de amores infelizes, como se verá nesta veloz revista: a primeira conta dos trágicos amores de Ghismonda, a filha de Tancredo,

a quem o pai manda o coração que arrancou ao peito do amante; a terceira fala de três irmãs de Marselha, que, tendo fugido com os respectivos amantes para Creta, se acham envolvidas em casos de traição e assassínio, que as desgraçam e aos seus amantes; a quarta trata do caso de Gerbino e da tentativa de rapto duma filha do rei de Túnis, que acaba pela morte dum e doutra; a quinta expõe o caso de Lisabetta, a quem os irmãos não só matam o amante, como ainda lhe provocam a morte a ela, roubando-lhe um vaso onde esta conservava a cabeça daquele; a sexta versa o caso dos sonhos fatais a Andreula e Gabriotto, provocadores da morte dêste e do ingresso daquela num convento de religiosas; a sétima é essa històriazinha tocante de Pasquino e Simona, envenenados ambos pela mesma erva, aquêle por imprudência, esta para demonstrar a sua inocência; a oitava conta a morte desesperada de Girolamo e a aparição tardia da afeição de Silvestra, que não resiste ao arrependimento; a nona é o celebérrimo caso dos dois Guilhermes, o de Russilhão e o de Cabestain, e do coração do primeiro servido em guisado pelo segundo a sua mulher. Sòmente a segunda e décima novelas fogem um pouco a êste sistemático «infelice fine», e se aligeiram em situações picarescas, — conformemente, de resto, ao carácter dos respectivos narradores, que são Pampinea e Dioneo. Sôbre dez, oito são, portanto, histórias trágicas, de trágicos fins, a que o amor leva os personagens. São casos em que se considera sobretudo o aspecto sentimental, embora um tanto do lado de fora. Mas sentimental, vamos. Uma exposição da fôrça do amor. Uma dessas novelas, a VIII, já mereceu mesmo a um tradutor francês um título sugestivo: «La force du sentiment». E valha a verdade: acertadamente. São dessa novela estas palavras que bem o justificam e bem podiam ser impressas como pórtico de tôda a Jornada IV: «tra l'altre naturali cose, quella, che meno riceve consiglio, o operazione in contrario, è amore, la cui natura è tale, che più tosto per se medesimo consumar si può, che per avvedimmento tor via». Foi para o demonstrar que se pode dizer ter vindo a Fiammetta e a IV Jornada do Decameron.—Era o velho problema dos trovadores, dos poemas líricos primitivos, do cavaleirismo cortês, de todos e de sempre, — mas visto com olhos novos, visto à luz doutras realidades. Era a tragédia amorosa integrada no novo plano duma *Commedia Umana*, com que o espírito burguês, ou Boccaccio por êle, respondia à *Divina* dantesca. Era o amor desprovido quanto possível do convencionalismo cortês tradicional, uma fôrça por si mesma, uma fôrça da Natureza. E, com isto, uma certa dose de sentimental feminino, visível na maior parte dessas novelas, tanto

ou mais impressionante que na *Fiammetta*, por isso que despidas do que nestas há de pretensioso. Infelizmente, porém, em contrapartida, a natureza especial da novela curta obrigava a um superficial toque da análise íntima,—e há que concordar que tais novelas sentimentais do Decameron vivem mais do dramático da situação, que da riqueza do drama visto pelo lado de dentro. Como quer que seja, porém, o sentimental, estando na Fiammetta, está também na Jornada IV. Imaginemos a combinação de ambas, em doses proporcionadas e com amputações e desenvolvimentos convenientes, — e seria o autêntico sentimental.

Embora o sentimental não tivesse atingido o máximo que poderia dar, certo é que esta manifestação, a iniciadora e a mais importante de tôdas, criou um certo entusiasmo. A *Fiammetta* foi então um livro conhecidíssimo por tôda a Europa, traduzido e até continuado. Quanto à Jornada IV do *Decameron*, não só ela gozou do favor que o conjunto de que fazia parte gozou por tôda a parte, como também a sua primeira novela, a de Ghiscardo e Ghismonda, a da filha de Tancredo, teve honras especiais, pois chegou a ser destacada do conjunto, recebeu tradução latina de Aretino, passou a França por via de sucessivas traduções,—e por aí fora, num favor sempre especial, de que também veremos a manifestação portuguesa. Emfim, os autores castelhanos apoderaram-se do género e, sucessivamente, foram sendo compostos *El Siervo Libre de Amor*, de Juan Rodríguez de la Camara (ou del Padrón), *La Carcel de Amor* e *Arnalte y Lucenda*, de Diego de San Pedro, *Grisel y Mirabella* e *Grimalte y Gradissa*, de Juan de Flores.—Mas da forma como êstes autores compreenderam o sentido da literatura a que se dedicaram darão idea os resumos e críticas que aqui vão arquivar-se.

Estas obras da literatura sentimental castelhana são hoje, e sobretudo para nós, duma dificílima consulta. Não só as suas antigas edições são *introuvables* por assim dizer, como nem sequer as nossas bibliotecas (as do Pôrto e de Coimbra, pelo menos, únicas que, embora distantes algumas dezenas de quilómetros, são acessíveis a quem trabalha em Aveiro) possuem as edições recentes que porventura mereceram (exceptuando, claramente, a da *Carcel de Amor*, na *Nueva Bib. de Aut. Esp.*). De tôda essa literatura, apenas temos conhecimento directo da que o vol. referido contém. Felizmente, porém, as referências críticas, que a tal literatura vimos feitas até agora, pareceram-nos suficientes para poder concluir algo sôbre a posição da *Menina e Moça* em face dela. A menos que tais referências e juízos não estejam certos,—o que nos custa a aceitar, dado que os vimos formulados em Menendez

y Pelayo, Gustave Reynier, etc. Dêles retiraremos um certo número de dados que nos pareceram essenciais.

Assim, o *Siervo libre de Amor* é uma obra em duas partes, constituída a primeira por uma exposição íntima, espécie de auto-biografia amorosa do autor, e constituída a segunda por uma *História de Arlandier y Liesa*, narração entre cavaleiresca e sentimental. E' esta segunda parte a que interessa ao caso. Pelayo define-lhe o teor cavaleiresco, dizendo que se verifica ser seu autor conhecedor das ficções bretãs (e de outras cavalarias tradicionais, pois seu herói sofre provas, sustenta passos honrosos, etc.) e existir, embora pequena, uma intervenção de elementos «fantastico y sobrenatural de magia y encantamientos». O aspecto sentimental vem-lhe duma acção que lembra o drama de D. Pedro e D. Inês, mas com o suïcídio do herói a mais. Desta sorte, Pelayo dá a suma crítica da obra por estes têrmos: «obra de estilo compuesto, en que se confunden de un modo caprichoso elementos muy diversos, alegóricos, históricos, doctrinales y caballerescos, sín que pueda llamarse en rigor libro de caballerías, puesto que en él se da más importancia al amor que al esfuerzo y es pequeña, por otra parte, la intervención del elemento fantástico y sobrenatural de magía y encantamientos» (1).

Quanto às duas obras de Diego de San Pedro, a *Carcel de Amor* e *Arnalte y Lucenda*, elas versam um tema com algumas semelhanças no plano do desenvolvimento, e, por isso, costuma a crítica considerar (por hipótese que contraria a cronologia das suas respectivas publicações) a segunda, mais curta, como ensaio da primeira. Verifica-se, entretanto, que a segunda, ou seja a que se supõe ensaio, tem um muito melhor equilíbrio que a que é dada como remodelação.

Na *Carcel de Amor* (que também poderia ser chamada História de Leriano e Laureola) é visível — vimo-lo nós, como os que nos antecederam — uma mistura de elementos tão heterogéneos, como os que Pelayo aponta à História de Arlandier y Liesa. Com efeito, a obra começa com *uma parte simbólica* (o autor

(1) E' a seguir a estas palavras que se encontra uma das declarações que nos levaram a dizer, na introdução dêste trabalho, que Pelayo esteve a ponto de ser levado à lógica determinação genérica e ao verdadeiro sentido da M. e M. Diz Pelayo logo após: «De las novelas sentimentales que en adelante se escribieron, quizá la que tiene más directo parentesco con ella es la dulce y melancólica *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro». — Espanta, efectivamente, que tendo-a aqui incluído entre as *Novelas sentimentales*, tivesse vindo a apresentá-la no capítulo das novelas pastoris, sem uma nítida visão do seu sentido. De resto, a aproximação feita com a Hist. de Arlandier y Liesa é que nos parece forçada.

encontra numa horrível prisão, *en la carcel*, a Leriano, em meio de tormentos agudos, que são apresentados como símbolos dos tormentos de amor), passa a *uma narração sentimental* (após a confidência que faz Leriano, simples filho dum duque, dos amores por Laureola, filha dum rei, que com tais amores se ofendeu, — o autor parte, a pedido do prisioneiro, em procura de Laureola, consegue que ambos troquem correspondência, e provoca um encontro, em que ficam estabelecidos os amores de ambos), complica-se *um enrêdo de aventuras cavaleirescas* (tendo um tal Pérsio, rival de Leriano, denunciado tais amores ao rei, e conseguido o encerramento dela numa tôrre, — o que o levou a um duelo com Leriano, em que fica vencido; e tendo, por meio de testemunhas compradas, convencido o rei, não só da existência, mas também do carácter pecaminoso dêsses amores, Laureola está a ponto de ser lançada a uma fogueira, conforme a lei do país, quando Leriano consegue, à última hora, raptá-la e defendê-la contra um exército; entretanto, verificado o perjúrio das testemunhas, o rei reconhece a inocência de Laureola, e tudo parece ir terminar em bem, quando esta, julgando Leriano responsável das suspeitas que sôbre ela caíram, resolve cortar irrecusàvelmente a continuação daqueles amores) e acaba numa daquelas *questões de amor da casuística sentimental da época* (Leriano, ao sabê-lo, mete-se na cama, resolve matar-se numa greve de fome demonstrativa da sua dedicação, e, resistindo à argumentação de amigos e súplicas da mãi, mete-se a demonstrar copiosamente que tôda a dedicação é devida às virtudes excepcionais da mulher, pede um copo de água, rasga as cartas de Laureola, lança os pedacinhos ao líquido, emborca a estranha bebida, — e expira). Por aqui se vê que desequilíbrio e que deficiências apresenta a *Carcel*. Reynier, que ainda lhe atribue algum impulso na difusão do sentimental, diz com perfeita justiça: «En somme aucun des éléments de la *Prison d'Amour* n'est nouveau. Elle ne marque aucun progrès dans les idées; on pourrait même dire qu'elle recule, puisque, se présentant au seuil de l'âge moderne, elle a tous les caractères d'une œuvre du Moyen-Age».

A *Hist. de Arnalte y Lucenda* é, na verdade, uma obra sentimental mais equilibrada, ao que pudemos averiguar. Não quere isto dizer que o que há na *Carcel* de cortesanesco (a submissão à mulher suserana), de aventureiro (a terceira parte), de falsa psicologia (as reviravoltas sentimentais de Laureola) se não verifique igualmente aqui. Mas há mais equilíbrio, como se vê neste resumo: O autor conta o encontro que tem com um personagem, Arnalte, que vive numa casa soturna, imerso em profunda tristeza. Arnalte toma-o como confidente e conta que um dia, tendo

ido assistir aos funerais dum grande da cidade de Tebas, dond era natural, o chocaram as manifestações de dor que partiar duma rapariga, de quem se enamorou. Era a filha do morto; er Lucenda. Procurando fazê-la saber do seu amor, escreve-lhe mas, não obtendo êxito algum, resolve disfarçar-se de rapariga ir à igreja freqüentada dela. A declaração, que assim lhe faz, na obtém melhor acolhimento. Nem mesmo a intervenção de Belis irmã de Arnalte, modifica a atitude de Lucenda. Então, Arnalt resolve partir de Tebas para sempre, — o que, sabido de Lu cenda, lhe muda a disposição. Começam os amores. Cuida Ar nalte que a conquistou definitivamente e que poderá afastar-s impunemente da côrte por algum tempo. Afasta-se, pois. Ma um dia, andando à caça, vê em tôrno de si manifestações de ma presságio, e, subido a um monte donde se avista a morada de Lu cenda, distingue nela uma desacostumada agitação e ruídos d música. Abandona a caça, e volta em procura da irmã, que er contra triste: Lucenda casara com Yerso, que êle considerava se amigo. Seu desespêro é enorme. Entretanto, há uma criada d Lucenda que vem informá-lo, da parte dela, que a casaram seu parentes contra vontade. Então Arnalte desafia Yerso e mata- sob as vistas do rei. Lucenda está novamente livre; parece que recuperou Arnalte. Mas, contra a expectativa, ela chora agora marido que lhe tinham imposto. E, considerando Arnalte se mortal inimigo, decide, para obstar definitivamente a qualque futuro encontro, ir encerrar-se num mosteiro. Tal é a histór que Arnalte conta ao autor e que o decidiu a fazer a triste vid em que êste o encontrou (1). — Em face dêste enrêdo, é fácil co vir nas vantagens que representa em face da *Carcel* e nos juíz que Reynier formula: «l'intrigue est dégagée de ces élément disparates qui compliquent et alourdissent la *Prison d'Amou* Ici ni tableau allégorique, ni digression inutile (comme la D fense des Dames); un seul épisode chevaleresque, et très cour le combat en champ clos. L'intérêt est concentré sur l'action se timentale». Mas nem tudo são juízos favoráveis. Reynier cont nua: «Sans doute tout n'y est pas également intéressant: l'éntièr soumission du chevalier à la dame est une attitude consacrée la tradition imposait presque à l'amant cette humilité plaintiv à la dame cette humeur capricieuse et hautaine (...) Assurémen la psychologie est encore là trop sommaire, et particulièremen cette Lucenda, dont les variations font tout le sujet, reste pou nous trop mystérieuses. Sa résolution dernière est tout à fa

(1) É claro que em capítulo seguinte aproveitaremos o que há de parale na acção da Hist. de Arnalte e Lucenda e na da História dos Dois Amigos.

inexpliquée. A-t-elle aimé Yerso, le jour où il est devenu son mari? Comme Laurèole, a-t-elle été offensé dans son orgueil si susceptible par le scandale d'un combat public dont elle a eu l'air d'être l'enjeu?»

Quanto ao *Grisel y Mirabella*, uma das duas novelas de Juan de Flores, a questão é esta: Mirabella é filha dum rei, que tão ciosamente a ama, que não se resigna a consentir em casamento algum, e, para evitar tôda a ocasião, a encerra em segrêdo no palácio. Grisel, porém, consegue chegar junto dela e enamorá-la. Descobertos por um criado que os denuncia, ambos são presos e devem sofrer os rigores da justiça, que prescreve a morte para aquêle dos dois que tiver dado ao outro maior causa no cometimento do crime. Não tendo sido possível discernir-se, no julgamento, a quem mais responsabilizar, ordena o rei um grande conselho, onde homens e mulheres discutam qual dos sexos, homens ou mulheres, é geralmente o mais culpado. Uma grande discussão se levanta, largamente desenvolvida, entre os dois delegados, uma mulher e um homem, que advogam contràriamente. Vence o partido do homem. Mirabella vai ser sacrificada numa fogueira, e Grisel liberto. Chegado, porém, o momento, Grisel não sofre o que vê, e atira-se êle próprio à fogueira, antes que possam impedi-lo. Mirabella, que quere segui-lo, é retida: tôda a assistência considera isto um acto providencial, e, reclamado o perdão, Mirabella sai perdoada. Mas, não podendo suportar a situação, abre de noite a janela do seu quarto, e atira-se ao pátio dos leões, que a devoram. Sôbre isto vem uma espécie de epílogo, em que a raínha e a advogada das mulheres concertam atrair o advogado dos homens a uma cilada, e vingam o partido delas próprias, matando-o bàrbaramente com tenazes ardentes e outros requintes de vingança. — Quanto ao juízo crítico, que mereça tal livro, reportemo-nos de novo a Reynier: «Il faut le considérer plutôt comme un épisode assez important de la querelle littéraire des deux sexes que comme un véritable roman. L'histoire sentimentale ne compte pas», «il reste certain que ce qui fit le grand intérêt du livre, ce fut cette *question d'amour* que les traductions françaises comme les éditions espagnoles signalent soigneusement dans leur sous-titre: *Qui baille plus occasion d'aymer, l'homme à la femme ou la femme à l'homme?*»

Consideremos, finalmente, a outra das obras sentimentais de Juan de Flores, — *Grimalte y Gradissa*. Trata-se duma especulaçãozinha (ou muito o parece) sôbre o êxito da *Fiammetta*, de que pretende ser a continuação. Gradissa é uma mulher que tem a pior opinião dos homens e tem a maior compaixão por Fiammetta. Grimalte, na esperança de assim obter o amor de

Gradissa, propõe-se procurar Fiammetta e fazer o possível a favor dela. Parte e, depois de longa viagem, encontra-a finalmente. Oferece-se-lhe para, com ela, ir em busca de Panfilo. Chegam a um mosteiro, perto de Florença, donde êste era natural. Aí instalados, e encontrado o paradeiro de Panfilo, Grimalte leva-lhe uma carta de Fiammetta, em que esta promete perdoar. Panfilo, porém, responde brutalmente. A-pesar disso, Fiammetta insiste, e Grimalte procura-o de novo, e consegue que êle aceda a uma entrevista, no quarto dela, no mosteiro. Realizado o encontro, Fiammetta não obtém que Panfilo regresse aos seus amores, e, em meio de lastimações semelhantes às do romance de Boccaccio, não podendo suportar o golpe, morre poucos dias após.—Daqui por diante, o romance toma um tom estranho: Grimalte desafia Panfilo. Êste, sabedor da morte de Fiammetta, arrepende-se, e não só rejeita o desafio, como anuncia que vai partir para o deserto, a viver, como bêsta selvagem, a sua expiação. Grimalte regressa, pois, para junto de Gradissa, a quem conta o resultado da sua intervenção. Mas esta, a quem nada vence o seu ódio aos homens, aproveita o funesto fim de Fiammetta para o desenganar definitivamente, acusando-o de ingenuïdade em acreditar no arrependimento de Panfilo. Volta Grimalte em busca dêste, mas já êle partira para o deserto. Parte também para lá, onde o encontra por fim, desfigurado e procurando desfigurar-se cada vez mais. Então, sbiùtamente, Grimalte decide ficar ali também, e fica.—E o romance acaba descrevendo as delirantes visões que ambos têm à noite, onde Fiammetta lhes é mostrada, atormentando as consciências dos penitentes, entre sofrimentos inflingidos por demónios.— Eis o entrecho. Agora alguns juízos de Reynier: «Il serait d'ailleurs intéressant de le comparer à la *Fiammette* italienne. On verrait ce qu'un Espagnol de la fin du XV.e siècle a fait de l'œuvre de Boccaccio, comment il l'a marquée d'un caractère de rudesse et de cruauté, comment il en a exagéré l'accent douloureux et passionné, comment, suivant en cela le goût de sa nation, il a traduit les sentiments en images sensibles et en tableaux violents; comment enfin, et ce n'est que par là qu'il prend l'avantage, il a introduit du mouvement, de l'action dans l'élégie primitive et l'a ainsi inclinée vers le drame». Quanto à penitência dos dois homens, diz em nota: «Des deux hommes, l'un s'inflige une expiation peu en rapport avec sa faute et que le roman ne présente pas cependant comme excessive; l'autre est un vaincu qui se torture sans justice et sans raison». E das visões macabras: «où le grotesque se mêle au terrible».

Estas são as obras da literatura sentimental castelhana que

convém ter em atenção para o caso da *Menina e Moça*. Não quere isto dizer que tal literatura não tivesse recebido dos autores uma maior contribuïção, tanto em Espanha, como em França, como pode ver-se quer em Pelayo, quer em Reynier,—mas a cronologia respectiva, apontando a sua ulterior aparição, dispensa-nos de a considerar. Basta, portanto, o que apontámos.

Do que deixámos dito parece concluir-se já o suficiente sôbre a direcção com que tal literatura apareceu sob Boccaccio, e sôbre a maneira como foi deformada quando os autores castelhanos do século XV a adoptaram, introduzindo novidades absurdas a par de sobrevivências serôdias da literatura tradicional. Se assim é, como cremos, estamos agora aptos a colocar a *Menina e Moça* em face das manifestações da novelística que a precedeu, e a apurar-lhe o valor pelo respectivo confronto crítico.

(Continua)

António Salgado Júnior
(Do Liceu de Aveiro)

Pedagogia e didáctica. Higiene e medicina escolar. Educação física e Canto coral

Estudar

Da «Educação Nacional» de 1 de Outubro último, transcrevemos, com a devida vénia, o critérioso artigo que segue, da autoria do distinto publicista Dr. Mário Gonçalves Viana.

E porque tudo que nêle se diz são autênticas embora tristes verdades, perfilhâmo-lo inteiramente.

A maior parte da gente supõe, levianamente, que só aos escolares compete estudar. É um êrro. Estudar, estuda-se a vida inteira. Só não estudam os insensatos, os levianos, ou os ignorantes. A rigor, todos os indivíduos deveriam ser considerados estudantes, porque não há pessoa alguma que não precise e não tenha de aprender, todos os dias, qualquer coisa de novo. No entanto, convencionou-se chamar apenas estudantes àqueles que freqüentam, na infância e na mocidade, as escolas, particulares ou oficiais, de qualquer grau de ensino. E chamam-se estudantes, porque não costumam fazer mais nada além de estudar. O adulto, que tem de viver do seu trabalho, só pode estudar nas horas vagas. E às vezes estuda com sacrifício da sua própria saúde, roubando ao descanso legítimo e bem ganho todo o tempo possível. O estudo é, para essas pessoas, uma distracção, uma necessidade profissional, uma imposição de espírito ou uma variante para sua vida, às vezes monótona e automatizadora. Mas quer êsse estudo procure alargar os conhecimentos profissionais do indivíduo, quer vise apenas à obtenção de uma maior cultura geral, a verdade é que semelhante esfôrço representa uma actividade acessória, à margem ou em comunhão com a sua principal actividade e modo de vida.

Com o estudante já não acontece a mesma coisa. Em geral o estudante não faz mais nada. Freqüenta as aulas, e todo o

tempo que lhe resta fica disponível para estudar. Não tem preocupações de família, nem necessidade de ganhar a vida.

¿E que faz o estudante, dispondo, como dispõe, de tanto tempo? Na maioria dos casos desperdiça as suas horas a dar pontapés numa bola, a conversar em superfluïdades com os companheiros, a vagabundear pelas ruas ou a freqüentar cinemas.

O estudante português — regra geral — não tem amor ao estudo. Matricula-se nas escolas, *não para aprender e saber, mas* PARA FAZER EXAME *e obter um diploma* que lhe permita conseguir determinada colocação ou garantias mais ou menos tentadoras. No decurso dos anos em que não há exames, o escolar português cabula o mais que pode. É estudante apenas no nome: é um estudante que não... estuda!

Mesmo nos anos de exame, só no último trimestre é que principia a lembrar-se do perigo iminente. Durante meses seguidos, distraíu-se ou brincou nas aulas; preparou mal as lições; interessou-se o menos que se poderia interessar pelas matérias do programa. Os estudantes, filhos de pais modestos ou pobres, ainda realizam um esfôrço sensível, vendo os ingentes sacrifícios da família. Por isso mesmo, triunfam, geralmente, mais e melhor do que os outros estudantes, filhos de burgueses ou de gente rica.

Está claro que há excepções, mas estas não fazem a regra. A inferiorização progressiva da mentalidade portuguesa, o desamor pelos problemas do espírito são o fruto da maneira atrabiliária e infecunda como hoje se está estudando entre nós.

O estudante português não realiza um esfôrço contínuo e saüdável. Durante os anos sem exame, folga e fica surdo às admoestações do mestre. Guarda tudo para a última hora. E muitas vezes os cálculos saem-lhe errados. Se porventura sobrevém uma reprovação, a culpa pertence, inevitàvelmente, à extensão dos programas, às preguntas especiosas dos pontos à... ignorância do professor que não ensinou (?) a matéria.

¿Não ensinou? ¿Como podem êles afirmar isso, se faltaram a muitas aulas, se estiveram desatentos e, por fim, se limitaram a decorar, à pressa, alguns simples apontamentos ou resumos?

A queixarem-se de alguém, deviam queixar-se de si próprios. Se tivessem estudado, durante todo o ano, duas horas diárias que fôsse, a matéria estaria em dia, e as recapitulações finais tornar-se-iam fáceis.

Mas não. Levaram as coisas de brincadeira, encontrando sempre desculpas para a sua cabulice.

Dir-nos-ão que os divertimentos são muitos. E' verdade: a rádio, o cinema, o teatro e os cafés ou clubes atraem a mocidade, como a luz atrai a borboleta. Mas até naquelas localida-

des onde não há tais diversões, mesmo nessas revelam os estudantes pouco gôsto pelo estudo; preferem tudo, preferem até aborrecer-se a estudarem!

Evidentemente, a culpa não é só dêles; cabe, em especial, aos pais, que não sabem impor-se. Desde que o poder paternal afrouxou e os princípios da autoridade e do respeito se perderam, a mocidade começou a perverter-se.

Há pais que, nas horas vagas, contam aos filhos, com pasmosa inconsciência, as estúrdias e aventuras do tempo da sua mocidade! ¿Como poderão amanhã, aquêles que assim fazem, repreender as leviandades dos filhos? À primeira observação que os progenitores lhes façam, êles ripostarão audaciosamente, como de igual para igual:

—Que quere? O meu pai ainda fêz pior!

Outras ocasiões, os pais dão-se à pedanteria de discutir a utilidade ou inutilidade de certos livros que o professor manda comprar:

—¿Para que serve tanto livro? Já estou farto de comprar livros! No meu tempo de rapaz, fazia-se tudo com menos livrada!!

Os velhos e até certos adultos anquilosados pela vida material são sempre assim. Não se adaptam às novas condições de existência. Não compreendem as novas necessidades. E ainda por cima desautorizam o professor, levando os filhos a protestarem:

—O meu pai não quere comprar mais livros!

—O meu pai diz que eu não preciso dêsse livro!

Sim! Os pais dizem, muitas vezes, durante o ano que não é preciso tal ou tal... livro, estimulando, assim, a preguiça do filho. ¿Mas se êle ficar reprovado? ¿Não será preferível gastar alguns escudos num livro, do que perder milhares de escudos de um ano de estudos?

As famílias actuais são, em grande parte, as responsáveis pelo descalabro do ensino. Não se impõem aos filhos. Não os obrigam a estudar. Não ouvem as observações dos mestres. Deixam correr tudo e *apenas se lembram de Santa Bárbara, quando faz trovoada.*

Há estudantes que, à medida que decorre o ano, se vão desfazendo dos livros escolares, vendidos no primeiro alfarrabista — para com o seu produto irem ao cinema e comprarem tabaco!

¿Não vêem isto os pais? ¿Por que deixam os filhos entrarem em casa à hora que lhes apetece? ¿Por que não restabelecem a disciplina adentro do lar?

Os resultados do ensino não dependem apenas do professor,

como leviana e injustamente pretendem alguns jornalistas, que nunca ensinaram e desconhecem o que seja pedagogia. As reformas do ensino não podem transformar o estudante cábula em bom estudante. Não está nas possibilidades do mestre obrigar o aluno a estudar.

A infância e a mocidade não possuem a exacta noção das responsabilidades. ¿A quem compete fazer-lhes compreender a necessidade de estudar, senão aos pais ou encarregados da educação?

Num povo que apenas estuda para fazer exame, devia haver exames todos os anos. Mas como assim não acontece, seria conveniente que as famílias exercessem a sua autoridade, obrigando os filhos a estudarem, desde o principio do ano. Fazendo-o, limitavam-se a cumprir o seu dever e a servir os seus próprios interêsses.

¿Qual é a missão do estudante? E' estudar.

Pois, se é essa a sua missão, que estude!

Se o não fizer, será um mistificador: não só enganará o pai; prejudicará a colectividade, tornando-se, com a sua cabulice, num mau exemplo e num elemento de perturbação.

Mário Gonçalves Viana

L'Education Nationale et la Guerre

Les peuples qui ont pour eux la raison et qui défendent leur culture et, au-delà de cette culture, la civilisation du monde entier, placent au premier rang de leurs préocupations, même en temps de guerre, l'éducation de leurs enfants. On l'a bien vu en France où, tandis que les organismes spécialisés mettaient en train le délicat mécanisme de la mobilisation militaire et civile, les services de l'enseignement s'occupaient sans tarder des rentrées scolaires et des examens. Il faut signaler ce travail en général ignoré et ingrat. Des difficultés temporaires ont été causées par l'appel aux armes qui a touché la presque totalité du personnel enseignant apte au service militaire. D'autres difficultés sont nées des évacuations nécessaires de certaines régions et parfois de la surpopulation scolaire qu'il faut prévoir dans quelques régions. Le premier souci des services de l'Education nationale a été de remettre de l'ordre. On a d'abord opéré un recensement des effectifs scolaires, et on a rappelé des retraités qui serviront, cet hiver, de professeurs aux jeunes élèves. Le deuxième souci a été d'assurer aux élèves une sécurité totale et de leur dispenser en même temps l'instruction dans des conditions satisfaisantes. Pour cela, on a décidé que toutes les écoles seraient ouvertes à la date habituelle, sauf, bien entendu, dans les régions menacées. Admirons, en passant, qu'on se soit occupé d'aménager et d'embellir les locaux scolaires, d'ouvrir des cantines, de préparer des centres d'accueil et de créer des colonies de vacances. Pour l'enseignement du deuxième degré, c'est-à-dire pour les jeunes garçons déjà assez grands, on a organisé des cours jusque dans les bourgades. C'est là une innovation commandée par les événements; on verra les professeurs circuler de village en village; ils seront les voyageurs de comerce de la connaissance. De même on s'attache à organiser l'enseignement par correspondance.

Enfin, au-dessus des jeunes élèves, il y a la génération des adolescents qui se préparent aux grandes écoles, l'Ecole Navale, l'Ecole Polytechnique, etc. Leurs aînés, même imberbes, sont déjà sur le front. Ceux qui vont venir fourniront des valeurs de

remplacement avec un courage égal et le sentiment profond de leur nécessité.

En somme, l'Education nationale, comme les autres activités françaises, est en train de s'adapter à l'état de guerre. Les intentions du gouvernement engagent la nation entière dans la lutte. Les hommes, les femmes, les adolescents, qui seront les hommes de demain, ont le même intérêt à ce que soit définitivement arrachée des champs de l'Europe la mauvaise herbe qui les ronge. Aussi bien, dans l'âme de la jeunesse, on prépare, au milieu des soucis et des difficultés, la culture triomphante de demain. Les jeunes gens participeront dès maintenant à l'activité défensive et aux tâches immédiates de la nation. Aussi a-t-on pensé à assouplir les horaires et les programmes de l'enseignement pour laisser plus de place à la formation pratique et à la vie extérieure des élèves.

A la santé morale on ajoute un souci permanent de santé physique. De plus, comme il faudra, hélas, remplacer les absents, on songe à orienter la jeunesse vers l'enseignement technique afin qu'elle puisse subvenir le plus tôt possible aux besoins de l'industrie et de l'économie françaises. Dans les premiers jours de hostilités, au moment où les récoltes de l'arrière risquaient de demeurer dans les champs parce que les agriculteurs étaient partis pour le front, on a vu de jeunes volontaires, des scouts, des jeunes gens des villes, aller vers les campagnes et offrir leurs bras. Ces initiatives personnelles ont, en maints endroits, sauvé les moissons. Un tel exemple n'aura pas été inutile, puisqu'on songe à rationaliser ces efforts. Dorénavant on mettra à la disposition des agriculteurs et des producteurs de toutes sortes, des adolescents de bonne volonté, qui seront disposés à utiliser leurs heures de liberté au profit de la colletivité.

Chaque jour, on nous décrit les nouvelles initiatives prises par tous les membres de la nation française por participer, dans la mesure de leurs moyens, à la guerre qui leur a été imposée. La jeunesse avait son mot á dire. Les enfants d'aujourd'hui, (on a déjà pu le constater avant même la guerre), ont une maturité, une conscience, plus grandes que les enfants d'autrefois. Ils savent bienque la guerre n'est pas un jeu et qu'on attend de leur volonté et de leur courage mieux qu'une promesse, la promesse qu'ils seront des hommes, mais dès maintenant, des réalisations. Ils ont un rôle à jouer, et ils le joueront.

René Laporte

(Service Telefrance)

Interêsses do professorado

Mapa das percentagens de EXCLUSÕES dos exames do 3.º ciclo, por liceus do continente, e por disciplinas, na época de Julho de 1939

LICEUS	Port.		O. Pol.		Latim		Filos.		F. Quim.		Geog.		Matemát.		C. Biol.	
	Repr.		Repr.		Repr.		Repr.		Repr.		Repr.		Repr.		Repr.	
	Int.	Ext.	Int.	Ext.	Int.	Ext.	Int.	Ext.	Int.	Ext.	Int.	Ext.	Int.	Ext.	Int.	Ext.
Aveiro	12	25	0	0	18	100	0	33	16	100	2	6	0	100	5	60
Beja	20	12	26	22	36	14	43	83	17	87	0	62	23	71	4	0
Braga	4	10	7	22	34	44	15	49	56	56	36	55	23	51	16	17
Bragança	2	0	5	0	11	14	2	25	0	33	0	66	14	40	2	25
Castelo Branco	17	17	0	12	18	14	7	26	12	12	12	6	11	31	8	7
Coimbra (D. João III)	9	26	0	6	15	50	0	7	23	27	21	40	17	23	1	23
» (Inf. D. Maria)	0	0	0	4	4	30	0	23	24	55	4	26	3	19	0	8
Évora	0	0	5	10	18	15	5	0	50	50	0	33	35	24	30	100
Faro	27	42	3	44	18	30	6	57	36	54	11	37	27	75	3	30
Guarda	8	20	6	0	25	40	10	0	48	100	10	25	29	60	0	20
Lisboa (Camões)	0,8	8	0	2	8	32	0,8	23	2	48	1	35	3	25	4	20
» (P. Nunes)	4	—	6	—	14	—	0	—	9	—	6	—	5	—	2	—
» (P. Manuel)	1	8	2	3	30	45	14	30	19	29	10	29	33	45	7	28
» (Gil Vicente)	3	5	1	2	19	49	7	21	46	41	12	44	36	35	2	21
» (M. Amália)	9	14	1	7	13	46	3	3	20	39	14	21	11	30	6	7
» (D. Filipa)	6	20	2	8	9	17	4	9	18	20	14	18	33	33	5	4
Pôrto (A. Herculano)	6	20	8	33	13	28	12	19	16	53	17	34	35	40	9	25
» (R. de Freitas)	11	38	8	29	13	40	1	19	58	52	2	23	33	53	9	20
» (C. Michaëlis)	7	11	4	6	8	26	1	5	14	20	17	30	26	34	4	11
Santarém	4	11	0	2	14	23	21	16	33	15	20	18	31	41	4	4
Vila Real	9	37	10	16	30	33	2	20	51	20	15	20	55	33	2	25
Viseu	4	12	10	35	16	35	9	42	13	54	31	43	37	72	7	27

Preguntas e respostas

O exemplo do Colega e Amigo Dr. Alves de Moura encoraja-me a apresentar aos Colegas algumas respostas respigadas nas provas dos exames de Ciências Biológicas, nos dois últimos anos. São muitas as que fazem parte da minha *colecção* mas, para não maçar, apenas apresentarei, com a devida vénia aos Directores de a «Labor», as que mais se notabilizam pela novidade ou pelo pitoresco.

Não insistirei nos bastos erros de ortografia que esmaltam as provas e apenas citarei os mais curiosos: *halimentação, cracteres, peiches, horigem, hexistiam, qué* (que é), *hove, iluminado* (eliminado), *exómero* (isómero), *hemibição* (embebição), *isencial* (essencial), *hexistem*, etc; também apenas faço leves referências a algumas opiniões demasiado *revolucionárias*, como: os *Numulites* são de era secundária; o *Fucus* é um bolor, um fungo; a *Selaginela* é uma gimnospérmica; os *mamíferos* e os *insectos* não têm celoma; as *rédias* têm corda dorsal; o *Mucor* é um briófito; etc, etc, etc.

As respostas que seguem são *autênticas!* Não julguem os que as lerem que me entretive nas férias a inventa-las... para desopilar o espírito...

P. — «*Que entende por alternação de gerações?*»

R. — «E' a passagem de um animal para outro, sem intervenção de terceiro».

P. — «*Em que se baseia para afirmar que a água é indispensável á vida?*»

R. — «Como cozinharia o homem os legumes, se não fôsse a água? Era impossível! Sem água não podíamos lavar os utensílios de que nos servimos». «Baseio-me se eu não beber água para manter os fenómenos, morro.»

«Sem água não podíamos viver. Ela não só digere mais fàcilmente os alimentos, ajuda a digestão, mata a sêde, refresca os órgãos, assimila as gorduras, mata vários micróbios, purifica o organismo. Para evitar doenças como o tifo, a água deve ser fervida». «Baseamo-nos no protoplasma.»

P. — « *Cite as causas que tornam o hermafroditismo quási sempre insuficiente entre os animais.* »

R. — « Como o hermafroditismo é insuficiente não podem fazer uma reprodução conveniente porque lhes faltam a energia que existiria se houvesse a conjugação de dois gâmetos de indivíduos diferentes». « No hermafroditismo o número de cromossomas distribuído ao novo indivíduo é metade do total. Ora como é nêles que residem as propriedades dos indivíduos, daí a insuficiência dêsses animais.»

P. — « *Em que altura do ciclo evolutivo dos espermáfitos se realiza a redução cromática?* »

R. — « É no ovo masculino da célula mãe.»

P. — « *Cite exemplos comprovativos desta teoria (Lamarckismo)* »

R. — « Supõe-se que o homem mecheria as orelhas, mas pela falta de uso, elas presentemente não se mechem». « O uso acentuado duma bebida alcoólica aumenta o volume do fígado, por exemplo; essa variação será transmitida à descendência.»

P. — « *Porquê* » (Diferenças entre animais e vegetais).

R. — «... O cão ladra e a oliveira é muda; se magoarmos um cão êle queixa-se ao passo que se fizermos um golpe na oliveira, esta fica muda.»

P. — « *Justifique a resposta.* » (Diferença entre gemiparidade e esporulação).

R. — «Na gemiparidade não há intervenção do protonema. Na esporulação há intervenção do protonema.»

« A gemiparidade dá-se por meio de gomos, ao passo que a esporulação pela passagem do polen.»

P. — *Descreva sumàriamente o ciclo evolutivo do « Plasmodium vivax.* »

R. — « É um mosquito que vive no nosso sangue, vai para o estômago é aí que se desenvolve. Aí dá origem a novas larvas.»

« O *Plasmodium vivax* é provocado por um insecto provocando a doença do sono». « O *Plasmodium vivax* ou seja, por exemplo, o mosquito anopheles, é injectado no sangue por meio de uma picada, indo alojar-se no estômago. Aí se desenvolve e divide bastantes vezes até chegar a altura de entrar em divisões diárias, começando nessa altura os sintomas da doença nos indivíduos com a febre. Na altura da picada a fêmea tira do sangue

algumas larvas as quais se desenvolvem outra vez e são injectadas de novo no sangue do indivíduo». O *Plasmodium vixax* é um metazoário parasita do homem. Produz a febre palustre, vinda do mosquito anopheles. Como quási todos os parasitas é êste animal um flagelo da humanidade. O *Plasmodium vivax* nasce nos princípios de primavera mas só começa a ser prejudicial ao homem após algum tempo. A sua evolução é rápida. No inverno interna-se no corpo da vítima e começando a primavera reproduz-se sexuada e assexuadamente.

« É um mosquito portador da filoxera.»

P. — « *Na teoria mutacionista, como explica o aparecimento de formas novas?* »

R. — « Pela eterna mudança natural das espécies.»

« Pela nova corrente de descobertas científicas que então se estava fazendo notar.»

« É de tôdas as teorias a mais confusa e aéria chamemos-lhes assim, pois não dá a base em que se escoram essas variações.»

P. — « *A que se chama variações?* »

R. — « São as diversas transformações por que passa uma espécie que derivou do cruzamento de duas espécies diferentes.»

P. — « *Descreva sumàriamente algumas provas fornecidas pela anatomia comparada, a favor do transformismo.* »

R. — « O homem primitivo tinha os membros superiores um pouco compridos. São prova de que o homem arcaico tinha um aspecto animal que evolucionando se foi aperfeiçoando.»

P. — « *Diga o que entende por desenvolvimento partenogenético.* »

R. — « O ovo dá origem a um indivíduo sem ter havido votação (!!)». « Diz-se que há desenvolvimento partenogenético quando há a auto-fecundação no próprio indivíduo.» « É o caso das aves. O indivíduo nasce fora do ventre materno de um ovo lá originado». « Consiste na reprodução dos seres antes de atingirem a fase de ser perfeito.»

P. — « *Descreva sumàriamente, exemplos de partenogénese experimental em um animal seu conhecido.* »

R. — « Por exemplo, na mulher. Nota-se bastante a actividade dos órgãos sexuais quando da fecundação do neófito.»

... E com esta encerro a *exposição.*

Alvaro de Athayde

(Do Liceu de Passos Manuel)

Liceus e Colégios

Liceu de Angra — O órgão da Academia do liceu de Angra, «Vida Académica», publicou no seu N.º 76, ano 7.º, vários artigos de homenagem ao ex-reitor daquele estabelecimento de ensino, Dr. Côrte Real Amaral. Dentre êsses artigos destacamos e transcrevemos, na íntegra, o do Sr. Tenente-Coronel José Agostinho, antigo professor do Liceu de Angra, Director dos Serviços de Meteorologia dos Açôres e uma das individualidades mais cultas e de maior valor no meio angrense.

«*Um depoimento* — Quando, em 1923, fui reger pela primeira vez umas disciplinas no liceu de Angra, encontrei-o bem diferente do que tinha sido vinte anos antes, quando eu o freqüentara. José Augusto dos Santos, reitor desde 1911, não só restituíra ao liceu, melhorado, o seu antigo edifício de S. Francisco, mas operara melhoramentos de ordem pedagógica, que tive ocasião de pôr em relêvo ao traçar há anos o seu elogio. Quando em 1936 deixei de vez as funções de professor, o liceu que eu conhecera em 1923 tinha sofrido uma transformação radical, graças à acção inteligente e firme do reitor, Dr. Côrte Real e Amaral.

Em 1923 o ensino era quási todo ministrado por professores provisórios. Em 1936 tôdas as principais disciplinas eram regidas por professores profissionais. Esta transformação, só por si, implicou um progresso enorme. Mas é incontestável que o Dr. Côrte Real e Amaral soube tirar partido dela, orientando os esforços dos seus colaboradores com um tacto e uma firmeza inexcediveis.

Esse aspecto da sua acção de reitor, não é a mim que me compete apreciá-lo. Volto-me de preferência para a vida dos alunos, em tôrno da qual a sua actividade de reitor constantemente se agitou.

Em 1898, quando eu fui para o liceu, a vida escolar cifrava-se nas aulas e nas brincadeiras no adro. Estas eram contidas por um polícia, pois que o liceu perdia todo o interêsse pela vida dos alunos, fora das aulas.

Em 1923 já o reitor Santos havia dado uma certa coesão àquele organismo meio desconjuntado, estabelecendo a associação escolar, os jogos desportivos, o canto coral e até as récitas escolares, animadas pelo inolvidável Dr. Lino. Mas encontrou tanta indiferença e tanta hostilidade mesmo, desta hostilidade parva que as terras pequenas têm sempre pelas inovações que não são asnáticas!... Nem mesmo a alta capacidade de José Augusto dos Santos conseguiu vencer tantos obstáculos e o desalento levou-o um dia a desistir, a procurar outras paragens. A revolução a operar dentro do liceu de Angra exigia uma personalidade bem orientada, inteligente e, sobretudo, forte. Encontrou-a no Dr. Côrte Real e Amaral.

Começando pelo edifício onde a Junta Geral, sempre embaraçada de meios, vinha fazendo aos poucos uns certos melhoramentos, o Dr. Côrte Real e Amaral deitou-se a transformá-lo e a modernizá-lo. Aulas, gabinetes, laboratórios, foi tudo sacudido, varrido, pintado, arejado, transformado. Alargaram-se dependências, rasgaram-se janelas, desimpediram-se corredores; dos escombros dumas velhas salas surgiu um vasto salão onde os alunos passaram a receber em festas escolares (muitas delas, pode dizer-se sem embaraço, verdadeiramente brilhantes), uma educação social que é tão necessária como a aprendizagem dos livros, às vezes mais necessária mesmo do que ela. O material dos gabinetes e laboratórios foi aumentado e modernizado; apareceu uma sala colonial, recheada à custa do próprio reitor, que numa longa permanência em África durante a guerra, não perdera ensejo de coleccionar armas e objectos de uso dos indígenas, consciente de que isso mais tarde viria a ser num liceu um esplêndido incentivo para rapazes de um país, cujo futuro está no desenvolvimento do seu vasto império ultramarino; catalogou-se e ordenou-se a biblioteca; melhorou-se o gimnásio; organizaram-se jogos desportivos; deu-se notável impulso ao canto coral, graças ao concurso muito bem aproveitado de um notável animador de rapazes, o excelente mestre que é o Padre José d'Avila...

A Associação Académica e a Caixa Escolar entraram num período de acção efectiva em benefício dos alunos, excursões, récitas teatrais, audições orfeónicas, e tudo se tornou possível sob o impulso perseverante, equilibrado do reitor Dr. Côrte Real e Amaral; e tudo levado a cabo mansamente, sem espalhafato nem rèclamo, parecendo que quási tudo isso surgia por si, sem esfôrço. E, no entanto, como lhe deve ter sido difícil, pelo menos pelo lado material, levar a efeito todos êsses extraordinários progressos!

Difícil, sim, porque o Dr. Côrte Real e Amaral tomou conta do cargo de reitor precisamente quando os liceus do continente começavam a sofrer uma transformação radical graças aos fundos extraordinários que o Govêrno tinha consagrado ao ensino secundário, mas de que os liceus das ilhas não podiam aproveitar — nem podem ainda hoje — devido ao regimen de autonomia dos nossos distritos. Que trabalho para arrancar à Junta Geral aquilo que ela realmente não podia dar senão com sacrifício!

Nem mesmo as sucessivas reformas do ensino, sempre propícias a causarem abalos, às vezes muitos sérios, no ritmo da via escolar, nem mesmo essas súbitas reformas caídas aqui às vezes com o ano lectivo já iniciado, conseguiram transformar a acção do Dr. Côrte Real como reitor inteligente e sensato. Estudando-as miúdamente, procurando remediar os saltos, intervindo com ordens de serviço oportunas, conselhos, sempre brandamente e sem que nunca houvesse uma alusão aos embaraços que lhe pudessem ter vindo de cima — desculpa fácil para gente leviana — lá ia demovendo tôdas as dificuldades, pondo tudo a girar bem e a contento de todos.

Longe da vida do liceu, há anos, não me é possível fazer um depoimento mais completo, nem êste artigo de dimensões forçadamente exíguas, tem a pretensão de abranger todos os aspectos da actividade do reitor Dr. Côrte Real e Amaral. Mas tendo sido seu colaborador durante tantos anos, tendo aproveitado, na minha qualidade de pai de dois dos seus alunos, dos consideráveis benefícios que êle introduziu, no liceu de Angra, eu não podia furtar-me a estas breves palavras de justiça, que traduzem, estou certo, o sentimento de todos os antigos professores de ocasião que ali serviram no seu tempo, e de todos os pais dos alunos que têm freqüentado o liceu nestes últimos nove anos.»

Felizmente há ainda quem preste justiça ao espírito renovador do actual professorado dos liceus.

Liceu de Aveiro — *Sessão de abertura solene das aulas* — No dia 7 de Outubro, sob a presidência do Reitor, Dr. Euclides de Araújo, secretariado pelo governador do bispado, D. João de Lima Vidal, Capitão do Pôrto e representantes dos Comandantes dos regimentos aquartelados nesta cidade, procedeu-se à abertura solene das aulas.

Falou, em primeiro lugar, o Reitor que, depois de agradecer aos que haviam aceitado o convite para assistir àquele acto, se referiu ao rendimento do ensino no ano findo, aos deveres dos pais e encarregados de educação, e exortou os alunos ao estudo.

Seguiu-se-lhe o sr. Dr. José Gomes Bento, que proferiu a *Oração de Sapientia*, versando o ensino da Filosofia nos liceus e recolhendo, no final do seu trabalho, muitos aplausos. Antes de encerrar a sessão o sr. Reitor fêz a distribuïção dos seguintes prémios: 100$00, da *Sociedade dos Antigos Alunos do Liceu de Aveiro*, à aluna Maria Ondina Leal Gomes Leite, que no ano lectivo findo obteve a mais elevada classificação na disciplina de Português, e igual quantia, do *Governador Civil Nicolau Anastácio Bettencourt*, à aluna Alice Valente Génio por ter obtido distinção (16 valorees) no seu exame do 6.º ano, no mês de Julho.

Romagem ao túmulo do Dr. João Joaquim Pires — Todo o corpo docente, dêste liceu foi, no dia 2 de Novembro, em piedosa romagem ao túmulo do falecido Reitor, Dr. Joaquim Pires. Todos os anos se tem realizado esta homenagem dos que não esquecem as qualidades do nossso desditoso colega Dr. Pires.

Palestras culturais — No dia 4 de Novembro, na Sala da Biblioteca, realizou-se a primeira palesta cultural do presente ano lectivo. Falou sôbre Júlio Deniz a laureada aluna do 7.º ano, Ondina Leite.

Depois de dar ao auditório, que completamente enchia a sala, uma idea da vida de Júlio Diniz, a citada aluna referiu-se, ràpidamente, a cada uma das suas obras e focou alguns dos mais notáveis tipos criados por êsse escritor, especialmente os tipos femininos. A palestra, sempre escutada no meio de profundo silêncio, terminou com a leitura dalgumas das palavras que Pinheiro Chagas escreveu por ocasião do falecimento de Júlio Diniz.

Com esta palestra e com as palavras que os professores de Português proferiram, perante as suas turmas, no dia 14 de Novembro, fêz se neste Liceu a comemoração de primeiro centenário do nascimento do apreciado escritor.

— No dia 17, pelas 15 horas, realizou uma palestra sôbre «Plano de D. Francisco de Almeida e de Afonso de Albuquerque», a distinta aluna do 7.º ano, Alice Valente Génio, que dissertou largamente acêrca dêstes grandes vultos da nossa história. Foi muito aplaudida.

Associação Escolar — A-pesar-de terem diminuído as receitas em virtude da determinação ministerial que proíbe a venda de livros pelas Caixas Escolares, esta Associação subsidia no presente ano lectivo alunos, na importância de 3.436$.

A Direcção da Associação composta pelos professores Serpa Neves, Silvestre de Albuquerque e Alvaro Sampaio, e pelos alunos Gaioso Henriques (7.º ano), Simões de Carvalho (7.º ano), Correia Rito (7.º ano), Jaime Lemos (7.º ano) e João Gaioso Henriques (5.º ano), projecta voltar a publicar o Jornal «A Voz Académica», realizar uma récita de despedida com a opereta «A filha da Sr.ª Angot» e auxiliar as excursões a efectuar no fim do ano.

Mocidade Portuguesa — No dia 18 de Novembro findo o Centro Escolar n.º 2, com sede no Liceu, realizou um passeio ao campo. O acampamento efectuou-se num pinhal próximo da freguesia de Esgueira. Pelas 10 horas o sr. P.e Raúl Mira preleccionou aos alunos; seguidamente o director do Centro Dr. J. Bento, leu e comentou as fôlhas de doutrina; por último o prof. de Educação Física, O. Carvalho, dirigiu alguns exercícios físicos. Antes de os filiados retirarem, cantaram *A Portuguesa* sob a direcção do prof. de Canto Coral P.e António Estêvão.

Comemoração do 1.º de Dezembro — PROGRAMA: «A's 9,45 — Içar da Bandeira Nacional perante os filiados em formatura.

A's 10 h. — Missa campal, na Avenida do Parque Municipal, por alma de todos os heróis da independência pátria.

A's 11,30 — Desfile de filiados de todos os Centros — infantes, vanguardistas e cadetes — com banda de música da Ala e bandeiras, do Estádio Municipal ao Monumento aos Mortos da Grande Guerra, onde será prestada a continência à memória dos heróis a quem devemos a satisfação de povo livre.

A's 15 h. — Sessão solene no Teatro Aveirense, reservada aos filiados da M. P., dirigentes, instrutores, com a assistência do elemento oficial.

Nela se fará o juramento de passagem de escalão, acto simbólico da imposição de condecorações, distribuïção de prémios e leitura da mensagem do Comissário Nacional.»

Todo êste programa foi rigorosamente cumprido.

Liceu de Portalegre — *Palestras Culturais.* — Sob a direcção do professor Senhor António Raúl Galiano Tavares, director do 2.º Ciclo, foram realizadas no ano lectivo 1938-1939 as seguintes palestras calturais: «D. João II — Razão do seu cognome» — pela aluna do 5.º ano, Albertina Mendes Godinho. «Higiene do lar» — pela aluna do 5.º ano, Maria da Encarnação Lourinho Ascenção. «Descobrimentos dos Portugueses» — pela aluna do 6.º ano, Maria Guiomar V. R. Simões Alves; «Pasteur — Alguns dados biográficos e a sua actividade científica» — pelo aluno do 6.º ano, João Maria Calado Branco Meira; «Educação Física» — pelo aluno do 6.º ano, João Augusto da Costa; «O Povo Hebreu» —pela aluna do 4.º ano, Maria Angélica Duro Costa; «Feliciano de Castilho» —pelo aluno do 5.º ano, António Patrício Rodrigues Neves; «Mares e Correntes Marítimas» — pelo aluno do 4.º ano, António Luiz S. de Freitas; «Marconi» — pelo aluno do 5.º ano, Eutíquio Mourato Moreira; «Algumas mulheres célebres» — pela aluna do 5.º ano, Maria de Lourdes C. Oliveira; «Poços Artesianos» — pelo aluno do 5.º ano, Manuel de Jesus Ventura Nunes; «Portugal económico» — pelo aluno do 5.º ano, Virgílio Barradas de Carvalho; «Alexandre Herculano» — pelo aluno do 5.º ano, Jorge Canejo Monteiro; «Barómetros e Barógrafos» — pelo aluno do 4.º ano, Carlos Alberto da P. Correia; «Telegrafia sem fios» — pela aluna do 5.º ano, Maria Luísa Magro Gomes; «Alguns apontamentos sôbre a Prússia» pelo aluno do 5.º ano, Joaquim P. Reis; «Gil Vicente e o Teatro» pelo aluno do 5.º ano, Manuel Mourato Santana; «Madame Curie» — pelo aluno do 5.º ano, José Caria Mendes; «O Século de Péricles» — pelo aluno do 4.º ano, António Coelho Teixeira; «Alguns apontamentos sôbre a electricidade» — pelo aluno do 5.º ano, José Marujo Trindade; «Torricelli» — pelo aluno do 5.º ano, Armando Jaime da Cunha Semedo.

Todos êstes alunos organizaram cuidadosamente as suas palestras as quais foram ouvidas com interêsse pelos colegas e por alguns professores.

«*Mocidade Portuguesa*» — O Professor Senhor António Raúl Galiano Tavares, na sua qualidade de intermediário entre o Liceu e a Mocidade Portuguesa, organizou ainda um intercâmbio de palestras entre filiados do Liceu e os da Escola Industrial Fradesco da Silveira. No Liceu falaram os da E. Industrial: Roberto G. Brito sôbre o «Ferro e suas aplicações», Isaura Botelho Esteves sôbre a «Sêda», Filipe J. Vintém sôbre «Madeiras», Leopoldina M. Freire sôbre o «Linho» e José M. Serra Fernandes sôbre «Máquinas e ferramentas»; na Escola Industrial realizaram palestras os alunos dêste Liceu: Maria da Encarnação Lourinho Ascenção, José Marujo Trindade, Eutíquio Mourato Moreira e Francisco dos Santos Farrusco Junior.

No dia 1.º de Dezembro proferiram palestras nas Escolas Primárias desta cidade os alunos do Liceu: Ernesto Hortas Malato, Isabel dos Santos Catela, Cremilde Garção da Silva, José Marujo Trindade, José Caria Mendes, Maria Augusta Bailão e José Vicente de Jesus Carvalho Cardoso.

No aniversário da posse do Senhor Dr. Oliveira Salazar na Pasta das Finanças falaram com entusiasmo e elevação os alunos do 6.º ano, José V. de Jesus Carvalho Cardoso e Manuel Miranda Árias.

«*Outras Palestras e Conferências*» — No decurso do mesmo ano lectivo

realizaram palestras o professor auxiliar Mário Amado Alves e o Reitor, respectivamente sôbre «A Restauração de Portugal» e «Coisas que não estão certas».

O ilustre açoreano Senhor Capitão Lopes da Silva proferiu uma brilhantíssima conferência sôbre «As Ilhas dos Açôres» que foi ouvida com o maior interêsse pela numerosa assistência a qual dispensou ao conferente os mais calorosos aplausos.

«*Associação Escolar*» — Esta prestimosa instituïção, distribuíu cêrca de 4.000$00 para ajuda do pagamento de propinas aos sócios menos protegidos pela fortuna. Subsidiou ainda a excursão do 2.º ciclo e financiou a construção dos Campos de Jogos de Basket e de Volley-Ball.

Excursões — Além de alguns passeios realizados pelos alunos do 1.º e 2.º ciclos aos arredores da cidade, foram alguns alunos do 1.º ciclo a Abrantes, Tomar, Fátima, Batalha, Alcobaça, Nazaré, Marinha Grande, Leiria, Coimbra, Louzã, Castanheira de Pera, e Castelo Branco.

Nestas excursões fôram os alunos acompanhados pelos professores Reis Pereira, António Chambel, D. Joaquina Simões, D. Judite Maria C. da Silva e pelo Reitor.

Liceu da Guarda, *Junho, 10* — Os Professores de Português referiram-se nas suas aulas ao vulto histórico de *Luiz de Camões*, em comemoração do seu aniversário e em homenagem a um dos maiores poetas da humanidade.

Dia 16 — Realizou-se no *Coliseu da Beira*, por falta de uma Sala de Festas no Liceu, a festa dos alunos do liceu de Afonso de Albuquerque, com o seguinte programa:

1.ª PARTE — *Orfeão Menor*: «A Portuguesa» (2 vozes), A. Leça; «Senhora da Boa Nova» (Coral Unísono), T. Borba; «A Procissão» (Coral Unísono), T. Borba; «Repiu, piu piu» (Coral), X.; «Oração ao Sol» (Coros e Solos), ...; «Dling-Dling» (Solo e Côro), T. Borba; «Canções da nossa Terra» (Rapsódia), L. Cerqueira; «A Cantarinha» (Coral), A. Leça; «Salazar, olha a Alvorada» (Marcha Patriótica), C. Noronha.

«As Amazonas Piemontesas», Opereta cómica em um acto.

2.ª PARTE — «Auto do Fim do Dia», em 3 quadros, versos do poeta António Correia de Oliveira; música de Hermínio do Nascimento; prólogo por José Fernandes Alvarenga; Descrição dos quadros por Lucília Carreira.

3.ª PARTE, *Orfeão Maior* — «Proposição dos Lusíadas» (2 vozes), Gomes Pinto; «Embalo» (4 vozes), A. Leça; «La Fête Andalouse» (2 vozes), X; «Remar, Remar» (Barcarola), de Hernâni Tôrres, arranjo para 3 vozes, por L. Cerqueira; «Sim, Sim, ó Lia!» côro mulheril a 3 vozes, recolhido pelo povo, na Povoa de Lanhoso, pelo Dr. Gonçalves Sampaio; «Luar do Sertão» côro a 2 vozes com solos, por Jerónimo J. Martins e Prazeres Feijó; «Os Sinos de Mafra» 4 vozes, N. N.

Acto de Variedades — «Terceto Cómico» por Edgar Nazi Pereira, Manuel Pires de Assis e Júlio Veiga Simão; «Canção de Maria» e «Aquela Moça» solos de canto, por Prazeres Feijó; «Fados» por Jerónimo J. Martins; «Coral Pitagórica» por um escolhido grupo de alunos.

Número de Arte — (Fr. Schubert) Serenata, com texto português, cantada por 60 sopranos, imitando uma só voz. FINAL: — (Apoteose Patriótica).

O Orfeão Maior do Liceu marcou uma superioridade digna de aprêço. A competência do Prof. Luiz Cerqueira revelou-se de tal modo, que calorosos aplausos premiaram o seu árduo labor. Com ensaios repetidos e pelo seu esfôrço único, apresentou os Orfeões muito bem preparados. À sua actividade se deve a organização dum programa interessante e bem representado. Os alunos numa excelente adaptação provaram, cabalmente, os seus recursos vocais e teatrais.

A Serenata de Schubert, pela sua elevação espiritual e num ambiente cénico maravilhoso, emocionou vivamente a assistência. Foi uma noite de verdadeira arte, de grande sentido educativo, que em nada desmereceu a festa do ano anterior.

Dia 17 — Realizou-se a Festa de Despedida dos Alunos do 7.º Ano. Houve um almôço de confraternização entre Reitor, Professores e Alunos, num restaurante da cidade. Infelizmente, a Cantina do Liceu ainda não funciona, o que permitiria assim um melhor ambiente.

Após alguns discursos pronunciados pelos Srs. Professores e Alunos, os Professores que deixariam o Liceu no ano futuro, por transferência para outros, despediram-se com saüdade dos seus antigos discípulos. Foi uma festa comovente e de grande objectivo pedagógico.

Dia 18 — Exposição Escolar Anual. Numa das Salas de Desenho e de Trabalhos Manuais do Liceu, efectuou-se a Exposição dos Trabalhos dos alunos dêste estabelecimento de ensino, que foi muito visitada, não tendo havido convites especiais.

Despertou viva atenção na assistência a riqueza dalguns desenhos expostos, bem como os trabalhos manuais de indicativa vocação manual.

«*A nossa Aviação*» e «*A nossa Marinha*», da direcção do Prof. Apolinário Leal, despertou uma animação extraordinária — durante o ano — na pequenada. Era curioso ver, na véspera da exposição, os pequenos alindando asas de aviões, suspendendo-os no ar, como se fôssem aparelhos de verdade, em vôo vertiginoso... etc, numa altíssima compreensão da sua capacidade — de pequeninos engenheiros...

O Prof. Apolinário, sem desprimor para ninguém, dedicou-se com grande afã ao ensino dos Trabalhos Manuais *adentro do sentido do programa*, apesar de ser um Prof. do 7.º grupo. Não contente com os modelos que obteve de barcos e aviões, bem como de colecções interessantes de animais, dotou a Sala principal dos Trabalhos Manuais com candeeiros próprios (semelhantes aos da Capela Sixtina), que êle mesmo ligou e instalou. Conseguiu, por meio de pequenas cotizações entre os alunos, que não houvesse deficiências de material e tudo adentro do verdadeiro sentido pedagógico do trabalho manual. Que o Prof. Apolinário Leal nos perdoe estas referências de justa admiração.

Infelizmente, as dotações liceais são tão restritas, que poucas facilidades de actuação permitem.

A Ex.ma Sr.ª D. Cândida Lourenço, prof.ª do 6.º grupo, conseguiu «desideratum» apreciável. Cita-se êste facto na «Labor» pelo relêvo especial que o assunto deve merecer, porquanto a Sr.ª D. Cândida não pertence ao 9.º gr. (grupo da especialidade). Igualmente, os trabalhos apresentados pelos Srs. Professores Dr. Artur Saraiva (6.º gr.), D. Marta Dias (6.º gr.) e D. Margarida Sarmento (8.º gr.) marcaram progressos notáveis.

Assim foi compreendido neste Liceu que o trabalho manual não é carpintaria, mas sim adaptação manual e relacionação dos ensinos das várias disciplinas, como o programa estabelece.

Não houve exposição de lavores femininos pelo facto da Prof.ª de Lavores ter adoecido gravemente.

Figuraram na exposição alguns cadernos diários, trabalhos de aplicação do ensino de várias Ciências, frisos artísticos de Desenhos de alunos, alusivos à M. P., da autoria da Prof.ª D. Cândida Lourenço. — **Henrique G. Pereira.**

Liceu de Pedro Nunes — *Outubro, 2* — Reüniu o Conselho Escolar: resolveu sôbre a adopção de livros e o Reitor fêz várias considerações sôbre o ensino. Em 30 de Setembro havia reünido o Conselho p. d., que concedeu isenção de propinas a 64 alunos e tratou das reüniões dos Conselhos de ciclo, as quais se realizaram no dia seguinte.

Out. 7 — Terminaram os exames da 2.ª época. Houve 10 no 1.º ciclo, 11 no 2.º e 22 no 3.º, houve 4 exclusões no 2.º ciclo e 3 no 3.º

Recepção dos alunos do 1.º ano. Na presença dos professores e das famílias, o Reitor deu indicações práticas sôbre a orientação a seguir na educação e sôbre a forma de as famílias manterem estreitas relações com o Liceu.

Out. 9 — Começaram as aulas nos três ciclos. Há 749 alunos distribuídos por 21 turmas. Começaram também a funcionar 11 salas de estudo, com 342 alunos.

Out. 11 — Iniciaram-se os cursos facultativos. Funcionam às 4.as e 6.as feiras, em lições de hora e meia. Alunos inscritos: Francês, 52 (três cursos); Inglês, 15; Alemão, 6; Desenho, 14; Trabalhos Manuais, 6. Professores: Pio Correia, Mm.e Steffanina e Mll.e Ferreira da Costa; Miss. Grace; Froilan Betty; Artur Severino; Avila L.

Estes cursos destinam-se a alunos dos ciclos 2.º e 3.º; para os do 1.º há professores auxiliares de Francês; Elvira Garção, Pio Correia, Mm.e Steffanina, Mm.e Prungnand e Mll.e Ferreira da Costa.

Out. 21 — Realizou-se a 1.ª sessão cultural — alunos dos ciclos 2.º e 3.º. Depois de breves palavras inaugurais do Reitor, foram lidas as efemérides da semana (tomada de Lisboa aos mouros) e passados três filmes — « Visita a Marrocos e Canárias », «Os habitantes do mar » e « Surprêsas do Mar do Sul ».

Out. 28 — Realizou-se a 2.ª sessão cultural (ciclos 2.º e 3.º). Assunto: « As árvores nossas amigas ». Prelector: o professor Reis M. Filmes culturais: «Sôbre o Brasil » e « Matar para viver ».

O Prelector identificou o desenvolvimento da árvore com o do homem, porquanto, assim como a árvore está contida na semente, o homem está contido na criança. Referiu-se às dificuldades com que ambos lutam para atingir o seu pleno desenvolvimento, que no homem consiste na formação da personalidade moral.

Antes da prelecção, foram lidas as efemérides da semana seguinte comemorativas do 184.º aniversário do terramoto de Lisboa.

Novembro, 4 — Um grupo de 10 alunas da 1.ª turma do 7.º ano, acompanhadas pela professora Zaluar N. e pelo director do ciclo, visitaram pela tarde a secção dos Reservados da Biblioteca Nacional. A visita foi dirigida pelo Ex.mo Sr. Dr. Ataíde e Melo, funcionário superior daquele estabelecimento.

Novembro, 11 — Realizou-se a 3.ª sessão cultural (2.º e 3.º ciclo). Assunto « Vinte e um anos volvidos ». Prelector: o professor A. Moura. Filmes culturais: « A talha do marfim » e « Uma viagem ao México ». Filme recreativo: desenhos animados.

O prelector começou por descrever os horrores da guerra e referiu-se às causas que determinaram a de 1914. Lembrou a alegria sentida por tôda a Humanidade no dia memorável de 11 de Novembro de 1918, e exortou os alunos a que continuassem a comemorar êste dia, apesar-de a nova guerra pretender apagá-lo. Aconselhou-os ainda a aliar ao amor da Pátria o amor da Humanidade, pois só com a compreensão nítida dos nossos deveres de homens e de cidadãos é que podemos aspirar à efectivação do ideal mais belo — a Paz Universal.

Antes da prelecção foram lidas as efemérides da semana seguinte, comemorativas do aniversário do falecimento de D. Fernando, duque de Saxe-Coburgo Gotha e depois rei de Portugal, do nascimento de Fernando Lesseps, o genial criador do Canal de Suez, e do centenário do nascimento de Júlio Deniz.

Um grupo de 18 alunos da 3.ª turma do 7.º ano visitou pela tarde o Jardim Zoológico, na companhia do director do ciclo e do professsor J. Branco, que dirigiu a visita. Também tomaram parte 5 estagiários.

Novembro, 15 — Lição 1.ª de cultura Alemã. Assunto: « Os temas da cultura alemã e sua distribüição ». Prelector: Dr. Polster. Compareceram 4 estagiários.

Liceu de Lamego — No dia 26 de Maio, sessão cultural: leitura de duas fôlhas da M. P. e de um trabalho do professor A. Justino sôbre « Uma corrente na pintura moderna: o Impressionismo »

— No dia 27, os alunos do 2.º e 3.º anos fôram em excursão à cidade da Guarda, tendo visitado no trajecto: Moimenta da Beira, Trancoso, Celorico e Pinhel. Acompanharam os alunos os professores J. Belo e A. Justino.

No mesmo dia, sessão cultural preenchida principalmente com uma palestra sôbre « A Revolução Nacional e Salazar », da autoria do aluno do 5.º ano, Luís Gonçalves da Silva.

Junho — Nos dias 2 e 3, levou-se a efeito uma larga excursão escolar, com alunos do 5.º e 6.º anos, pela província de Trás-os-Montes e Alto Douro, tendo sido visitadas as seguintes localidades do percurso: Pedras Salgadas, Vidago, Chaves, Vinhais, Bragança, Macedo de Cavaleiros, Mirandela, Murça e Alijó. Os alunos foram acompanhados pelos professores H. Mesquita e A. Caixinha.

No dia 10, com alunos do primeiro ano, realizou-se uma excursão pela região da Beira-Douro. Visitou-se: Barrô, S. Martinho de Mouros, Rèsende e Caldas de Aregos. Acompanharam os alunos os Srs. Reitor e professores que, no Grande Hotel do Parque daquelas Caldas, efectuaram um almôço de confraternização que decorreu num ambiente de perfeita camaradagem e franca simpatia.

— No dia 18, uma Exposição de Trabalhos feitos pelos alunos, do 1.º ciclo durante o ano. A exposição, que se realizou nas amplas dependências das Oficinas do Liceu e na qual se viam, artisticamente dispostos, interressantes trabalhos, foi inaugurada pelo sr. Reitor, acompanhado de várias entidades oficiais, presentes, professores, pessoas de destaque no meio local, etc., e teve durante o dia elevadissimo número de visitantes. Um Júri, designado para premiar os trabalhos expostos, resolveu conferir um diploma de honra à turma do 3.º ano e menções honrosas às turmas do 2.º e do 1.º

Sessões Culturais — Em 5, « O Mundo das palavras », pelo profesor J. Belo; em 9, « Camões e o seu amor da Pátria », pelo professor H. Mesquita; em 12, « A importância da higiene », pelo médico escolar M. Serôdio; em 20, « Boa Educação », pelo professor A. Caixinha; em 21, « Conselhos para férias », pelo professor cónego, P. Pinto.

— À semelhança dos anos anteriores, realizou-se também êste ano, na noite de 24, como encerramento das aulas, uma festa promovida pela Caixa Escolar do Liceu. Ante uma assistência numerosíssima, que enchia por completo o amplo e magnífico Teatro-ginnásio, excutaram-se, e de maneira irrepreensível, todos os números do programa, cuja organização mereceu a todos os melhores elogios. Todos os números executados foram largamente aplaudidos e a festa deixou verdadeiramente encantados todos quantos a ela assistiram. Não publicamos o programa desta festa por ser demasiado extenso e lutarmos com falta de espaço.

Bibliografia

(Director: *Alberto de Oliveira*)

Estudos da Língua Pátria—II—Lições da Linguagem, vol. III—*por Augusto Moreno. Editôra Ed. Nacional. Pôrto, 1939. Volume de 304 páginas.*

Valioso repositório de variadíssimos assuntos acêrca da língua portuguesa, que, como os anteriores da mesma colecção, nos prova a grande competência do autor. O volume termina com um muito útil índice das matérias, por ordem alfabética.

—

Milagres da Nossa Terra—*por Maria de Castro Henriques Osswald. Editôra Ed. Nacional. Pôrto, 1939. Volume de 158 páginas.*

Neste livro, evocam-se com devoção e enternecimento, por intermédio duma Avòzinha, para meditação da juventude, várias figuras de mulheres, umas portuguesas, outras que o destino trouxe a Portugal. O ante-penúltimo capítulo da falada Avòzinha intitula-se *A menina desconhecida* e nêle se enaltece a mulher portuguesa anónima, sem história... O penúltimo é uma espécie de peroração e o último é uma oração «À Virgem Nossa Senhora»...

—

História da Literatura Portuguesa — *Biografia, Crestomatia e Crítica—por Augusto Dias. Editôra Ed. Nacional. Pôrto, 1939. Volume de 304 páginas.*

Não nos parece que o autor tenha conseguido compendiar, nestas páginas, *o mínimo* que deve exigir-se aos alunos do 7.º ano. Percorrendo o livro, reconhece-se que, dessas trezentas e tal páginas, apenas umas cinqüenta e quatro são dedicadas ao programa de Literatura, o que é mesquinho; que em quarenta e tantas páginas se versam assuntos que não são do programa; e que os textos ocupam sòmente cêrca de cento e cinqüenta páginas. O estudo dos Cancioneiros primitivos, por exemplo, faz-se *em seis* poesias; o do Cancioneiro de Resende em *duas !!* E assim por diante, com pequenas excepções.

O trabalho é moldado na *História da Literatura Portuguesa*, de Mendes dos Remédios.

—

Égloga de Cristal—*Texto fixado, anotado e explicado por António José Saraiva. Edição da Livraria Popular de Francisco Franco, Lisboa. Volume de 100 páginas.*

E' o primeiro volume da colecção de «*Os Textos explicados*», que a conhecida livraria lisbonense vai lançar a público. Firma-o o nome já prestigioso de António José Saraiva, que recentemente concluíu o seu curso da Fac. de Letras de Lisboa. Consta o volume duma introdução; do texto da *Egloga*, conscienciosamente anotado; de três apêndices (Carta de Cristóvão Falcão; Serranilhas de Menga la del Bustar, a propósito do final da estância XLII; canção de Sannazarro) e, finalmente, de notas literárias, notas gramaticais e estilísticas, e notas lexicais. António José Saraiva, embora não siga tôdas as conclusões da tese de Delfim Guimarãis, considera Bernardim Ribeiro como autor da *E'gloga Cristal.*

O'ptimo trabalho, recomendável aos alunos do 7.º ano dos liceus.

—

II Poverello—*por Amorim de Carvalho. Edições Claridade. Pôrto, 1939. Vol. de 86 páginas.*

No prefácio dêste poema em dezóito cânticos—que não agradará a todos, mas que com muito prazer lemos e relemos—expõe o autor o significado dêle:—«Neste poema eu quis personificar o drama universal da Vida, que é o drama da Morte. Esse drama resolve-se pelo mais alto grau de santidade, que, para além da «poeira da aparência», pôde apreender «a razão transcendente do Universo,—do Universo cumprindo, através da linha humana, o seu determinismo moral.--O moral, correspondendo assim, à essência mais íntima, *mais real* do Universo, ao seu valor vital, ou espiritual,— representa, por isso, o *quanto* duma realidade imperecível, que não evoluciona para o aniquilamento, mas para a sua crescente afirmação. A evolução é o *processus* histórico desta dolorosa conquista—*processus* criador de «eterna e metafísica existência». Cada ser que fecha o ciclo da sua vida terrena realiza um poder de imortalidade medido pelo nível ético atingido. O imoral morre, como inútil para a finalidade espiritual do Universo; é eliminado, pela lei dessa finalidade, como anti-evolução e anti-mundo, como aberração sem condições de existência, sem condições de *realidade*—de imortalidade. E mais adiante, escreve: «Francisco de Assis», o *Poverello*, simboliza o estádio superior da moralidade humana. E' o Homem chegado à santidade: o Homem que sofreu, amou e odiou; que acreditou em Deus e o combateu; que se revoltou e se humilhou — até à compreensão profunda, santa, serena do seu próprio destino, fora do qual nada existe ou perdura».

O autor julga não ter atingido a grandeza do plano que concebera. Talvez tenha razão; mas a verdade é que se trata dum poema que nos faz *pensar;* que se lê e medita; que muitas vezes, já pela profundeza dos pensamentos, já pela naturalidade e beleza dos versos, de ritmos muito variados, nos revela um verdadeiro poeta.

—

Um comentário do Dr. Afrânio Peixoto a um passo dos Lusíadas—*por Atílio Rêgo Martins. Viseu. IV Opúsculo de 36 páginas.*

Mais uma vez foi objecto de interpretação a celebérrima estância 132 do Canto III de *Os Lusíadas.* Essa nova interpretação fê-la com sagacidade e firmando-se em textos que ainda não haviam sido para tal aproveitados, o prof. do Liceu de Viseu, Atílio Rêgo Martins. O estudo da aludida estância levou-o à seguinte interpretação:—«*Tais contra Inês se encarniçavam os assassinos, enterrando-lhe as espadas no colo de alabastro* (peito), *o qual colo* (no sentido de peito e pescoço) *sustinha as obras* (as tranças dos cabelos, os olhos, as faces, etc.), *com que o Amor matou de amores o que depois a fêz rainha, e salpicando-lhe de sangue os alvos seios* (as brancas flores), *que ela regara das suas lágrimas*».—**J. T.**

—

Portugal in New York world's fair 1939—*The officiel work of the Portuguese representation in the international exhibition of New York 1939.*

Na sua patriótica missão de tornar conhecido no estrangeiro o nome de Portugal, acaba o S. P. N. (Secretariado da Propaganda Nacional) de editar um formoso volume que foi distribuído na Exposição Internacional de New York.

O volume abre com algumas palavras de sua Excelência o Sr. General Carmona, venerando Presidente da República, dirigidas aos portugueses que na grande nação americana servem a Nação, conservando intan-

gíveis a recordação e o amor da Pátria Portuguesa.

Sua Eminência o Sr. Cardial Patriarca de Lisboa e o Sr. Dr. Oliveira Salazar colaboram também neste volume, dirigindo palavras de incitamento aos portugueses da América do Norte.

O livro é um guia do Pavilhão de Portugal na Exposição de Nova York e contém um resumo histórico e turístico do nosso país.

Alguns mapas e muitas fotografias do Pavilhão Português juntamente com bastantes desenhos, tornam agradável o aspecto do volume que o S. P. N. em boa hora editou.

A. C.

—

Colégio Almeida Garrett — *Pôrto, 1939* — Só agora recebemos o relatório dêste conceituado Colégio, motivo por que só hoje a êle nos referimos.

A primeira parte — «Factos e orientações» — compreende: o relato da Sessão em que se celebrou o 25.º aniversário da fundação do Colégio, (o que deu motivo a exalçar as qualidades da Direcção e do corpo docente) e a conferência — «A medida objectiva nos trabalhos escolares — «Exames» — dum dos directores, o Sr. P.e Guimarãis Dias, baseada, em grande parte, nas conclusões do Inquérito Carnegie, em França. Conferência interessante, bem deduzida e revelando óptimas intenções.

Graduar um questionário, com cotações que definam, matemàticamente, a realidade, fora de todos os subjectivismos, não nos parece tarefa fácil. Os que algum dia eloboraram pontos de exame sabem-no perfeitamente.

Não somos saüdosistas. Não queremos os exames do passado, entenda-se; mas temos verificado, por experiência, que aprender simplesmente a responder a questionários, que se repetem periòdicamente, não dá cultura a ninguém. Nas provas orais, os professores repetiam-se, é certo; mas alguns dos actuais pontos inserem sistemàticamente, todos os anos, preguntas idênticas, a maior parte das vezes com a mesma roupagem de palavras. Não nos alonguemos. O futuro dirá se estamos fora da razão. Prouvera a Deus que assim fôsse.

É claro que o sr. P.e Guimarãis Dias estigmatizou na sua conferência a «preparação para exame», mas a realidade, infelizmente, é que se caminha para isso e só para isso.

A parte II apresenta o rendimento escolar do ano de 1938-39. Destacamos duas observações dêste capítulo: «Fêz-se, em púbico e em particular, um grande alarido contra os pontos, acusando-os de demasiado difíceis, por terem provocado hecatombes desoladoras. Nós não sentimos êsses efeitos trágicos. Só nos sucumbiram estudantes misericordiosamente tangenciais — isto em centos de exames que êles fizeram. O nosso rendimento, em certas disciplinas, é mesmo tão elevado, que se pode supor que a bitola dos respectivos pontos foi demasiado baixa. Para nós são tão displicentes os rigorismos excessivos como as benevolências demasiadas. Estas sabem bem no momento, mas depois os beneficiados pagam-nas caro na aprendizagem futura».

Palavras sensatas, sem dúvida. Tão anômala é uma percentagem de exclusões superior a 30%, como anômala é a de 2 ou 3%.

Que os alunos mal preparados pagam caro a benevolência que com êles tiveram, provam-no as reprovações no Ensino Superior. Seria interessante conhecer as percentagens de exclusões, no 1.º ano, dêste grau de ensino. Não vêem a público, infelizmente. Todos se preocupam com o ensino liceal, de modo que o tempo não chega... para tudo.

Nos exames de admissão aos liceus, a percentagem de aprovações dos alunos dêste Colégio foi de 82%; no 1.º ciclo (3.º ano) foi de cêrca de 96 %; no 3.º ciclo (6.º ano), foi de 86%; no 7.º ano, a média foi de 88%; na 7.ª classe de letras, foi de 100%.

Como se depreende dêstes números, o Colégio Almeida Garrett apresentou os candidatos a exame muito bem preparados.

Os quatro capítulos restantes versam, respectivamente, *Formação Moral e religiosa, Formação física, Estudo e cultura, Noticiário.*

Número de alunos, internos e externos, 637.

—

Discurso ràdiodifundido de Edouard Daladier — *10 de Outubro de 1939. Legação de França-Lisboa.*

Daladier, antigo professor do Liceu Condorcet, e presidente do Conselho do Govêrno francês pronunciou, em 10 de Outubro último, um discurso dirigido não só aos franceses, mas ao mundo inteiro, sôbre as causas próximas e remotas que levaram a França a entrar na guerra.

Palavras claras, sóbrias, precisas, elas elucidaram todos os que as ouviram, e agora têm ocasião de as ler em tradução portuguesa, das intenções do govêrno francês em face dos acontecimentos.

«Pegámos em armas contra a agressão» — disse — ¿Como poderia existir segurança, para nós e para o mundo, quando uma nação é riscada, pela fôrça, do mapa da Europa?»

Depois da anexação da Austria, a Alemanha disse ao mundo: «Apoderei-me da Austria; não quero mais nada. Alguns meses depois, reclamava os sudetas, e o seu chefe dizia-nos em Munique, que, satisfeita essa reivindicação, nada mais pediria. Alguns meses depois, a Alemanha apoderava-se da Tchecoeslováquia inteira. Então, perante o Reichstag, dizia ao mundo: A Alemanha não reclama mais nada».

Foram estas as causas próximas e remotas da actual guerra europeia, cujas conseqüências ninguém ainda pode prever.

O discurso é um modêlo de equilíbrio e de clareza. Ou Daladier não fôsse francês.

Compêndio de Ciências Geográfico-Naturais, *1.º ciclo dos liceus, por Albano Fernandes e João Martins Godinho.*

Não tínhamos recebido, no devido tempo, a circular que acompanhou a parte dêste compêndio relativa ao 1.º ano, publicado o ano transacto, em que se dá conta das razões da divisão do livro em dois. Só agora tivemos conhecimento dos motivos alegados pelos AA. Por outro lado, houve equívoco da nossa parte quanto ao custo do livro, que é de 33$00 e não 30$00 como tínhamos noticiado.

Aqui fica a devida rectificação, com as nossas desculpas.

Revistas Nacionais e Estrangeiras:

Ocidente — *N.º 19. Novembro de 1939. Lisboa.*

Publica êste número colaboração dos Sr. Dr. Queiroz Veloso *(Manuel Pinheiro Chagas e o seu tempo);* Alberto de Oliveira *(António Nobre);* Mário Beirão, Américo Durão e C. de Andrade *(Poesias);* Anselmo Braancamp *(Vida e obras de Gil Vicente);* Mário Sampaio Ribeiro *(Música do Natal Português);* António Dória *(O problema do Descobrimento da Madeira),* Rodrigues Carvalheiro *(Sob a invocação de Clio.* Aspectos por assim dizer inéditos da atitude mental de Alexandre Herculano); Diogo de Macedo *(Notas de Arte),* etc., etc.

—

Revista dos Centenários — *N.º 10. Outubro de 1939. Ano 1.º Lisboa, 1939.*

A publicação desta Revista, apenas durante a preparação e a celebração dos Centenários, constitue um importante contributo ás festas que se projectam levar a efeito e em que devem colaborar todos os portugueses. Em pequenos artigos, a Revista vai ministrando os conhecimentos necessários à compreensão dos factos históricos que se vão celebrar e à razão de ser das festas que se projectam.

Este número insere: *A campanha de 1644,* pelo Dr. Eduardo Brazão,

em que se reconstitue, com documentos, a figura de D. João IV; *Congresso do mundo português*, programa de estudos; *A batalha de S. Mamede*, por Alvaro Dória; *Castelos de Portugal (Almourol e Tomar)*, pelo Cap. Jorge Larcher; *Revista da imprensa; Notas várias.*

—

Enciclopédia Pedagógica Progredior—*Livraria Progredior. Pôrto. Fasc. 30.*

Este fascículo trata desvolvidamente de Associações e cita algumas das mais importantes, principalmente as de fins culturais e educativos. Na rubrica «astigmatismo» desenvolve êste defeito de visão e dos sistemas ópticos. Sôbre «astrologia» e «astromancia» e «astronomia» alonga-se em considerações de interesse para os estudiosos.

Mais um fascículo utilíssimo a juntar aos vinte e nove publicados.

—

Biblos — *Coimbra Editôra, Lda, 1939* — Acaba de saír o tômo I do vol. XV da «Biblos», a revista da Faculdade de Letras de Coimbra. É um grosso volume de 412 páginas, que insere a seguinte colaboração: Dr. António de Vasconcelos, *Os Colégios universitários de Coimbra.* (Neste notabilíssimo estudo de 170 páginas, profusamente ilustrado, o Autor faz a história de 23 Colégios universitários de Coimbra, fundados de 1539 a 1779); Dr. Olaf Deutschmann, *Un aspect particulier des constructions nominales du type «ce fripon de valet» en espagnal.* (Neste extenso trabalho, de carácter sintáctico-estilístico, o Autor estuda a variedade de expressões espanholas correspondentes ao português «o diabo do rapaz», «uma simpatia de rapariga», e expõe as particularidades que oferecem relativamente às outras línguas românicas; Drs. Armando de Lacerda e Francis Rogers, *Sons dependentes da fricativa palatal áfona, em português.* (Os autores — um dos quais americano, professor da Universidade de Harvard — dão-nos em mais de 100 páginas, um importante e original trabalho de fonética experimental, acompanhado de fotografias e gráficos, sôbre os sons dependentes da fricativa palatal áfona, *x* e *j* (exemplo: *xarope, faz, casta, gêlo, fisga*). As experiências foram feitas com auxílio do resgistador cromográfico, cuja descrição pormenorizada nos é feita pelo seu inventor, Dr. Lacerda; Dr. Alvaro da Costa Pimpão, *Camões leu Platão?* (Neste interessante e erudito artigo o Autor apresenta um passo de «Fédon de Platão, que parece ter influenciado um trecho das redondilhas «Sôbolos rios» e conclue que é possível não se ter Camões limitado a adpotar os conceitos platonizantes espalhados na atmosfera do seu tempo).

Seguem-se as *Recenções criticas* das seguintes obras: D. Gaspar Lefebyre, *Liturgia* (A. G.); D. António Coelho, *In Memoriam* (A. G.); Kurt Wais, *Die Gegen-wastsdichtung der europäischen Völker* (A. Beau); Paul Siebertz, *Freimaurer im Kampf um die Macht* (A. Beau): *Bibliografia cientifico-literária* e *Bibliografia filológica portuguesa* (M. Paiva Boléu) — Vem por fim a secção *Vida da* Faculdade, onde se publicam os resumos da actividade dos Institutos Alemão, Francês e Inglês.

É de notar que neste tômo se dá, em francês, um resumo dos diferentes artigos. — Anexo ao tômo, vem um útil índice alfabético dos 14 volumes publicados.

—

Union des naturalistes—*N.º 3--Ano 24. Julho de 1939. Paris.*

Publica o boletim da «União dos naturalistas do ensino secundário», no seu n.º 3, o seguinte: *A utilidade do livro no ensino das ciências naturais*, por G. Mazenot; *Nota sôbre os T. P. da 4.ª classe*, por Blériot; *T. P. da 5.ª classe, Caixas de insectos*, por Gallaud; *Novos programas do concurso do Instituto de Agronomia*, por A. Obré; *Exames e concursos de 1939. Bibliografia.*

L'information pédagogique — *3.º ano. Paris.*

O n.º 3 do terceiro ano desta excelene revista bimestral publica: *Por uma pedagogia humana; O novo liceu de altitude, em Briançon; Algumas realizações num liceu colonial; Um ensaio de trabalho colectivo numa escola prática; O centro de estudos de educação física; A inspecção médica no ensino primário; O serviço de «contrôle» médico no liceu de Bordéus.* Na segunda parte insere um minucioso artigo sôbre *o método Decroly no ensino do 2.º grau.*

—

Les études sociales—*54.º ano. Paris, 1939.*

«Les Etudes Sociales», órgão da Sociedade de estudos práticos de economia social e da Socidade internacional da Ciência social, entre valiosos trabalhos de Philippe Robert, Comte de Felcourt, etc., insere um interessante estudo sôbre a reforma de educação em Portugal, devido à pena de Paul Descamps.

As fontes de informação do Senhor Paul Descamps foram os trabalhos Poinsard (*Le Portugal inconnu*), António Ferro (*Salazar, le Portugal et son chef*), e, muito especialmente, o do Sr. Dr. Serras e Silva (*Educ. Nacional*), nosso prezado colaborador.

Descamps, que leu com inteligência o livro *Educação Nacional*, diz que «o problema da reforma de Educação escolar em Portugal foi pôsto em tôda a sua amplitude e com coragem pelo Dr. Serras e Silva».

Em seguida faz uma análise minuciosa ao trabalho do antigo director de Saúde Escolar, manifestando-se concorde com as sugestões, assim lhe chama, insertas no referido livro.

—

Compostela—*N.º 4. Ano IV— Buenos Aires. Julho de 1939.*

Editada pela «Sociedade de Santiago de Compostela», da cidade de Buenos Aires, saiu o número 4 da revista de arte e informação, «Compostela».

Insere o seguinte sumário: *Por buen camino.* Artigo de homenagem à escritora galega Rosalia de Castro, poetisa que o nosso colega Joaquim Figanier, há anos já, estudou numa interessante conferência realizada no liceu de Aveiro, salvo êrro; *Hino galego*, de E. Pondal; *Los ritos de los gallegos*, por Serantes Louro; *Por tierras de galicia*, por Angélica Sarobe; *Reliquia* (poesia), de Isabel Gutiérrez; *¿Son habitados los astros?*, por Sofos Aristos; *O cisne de ponte ceso* (poesia), de Zapata Garcia; *O xogo dos petos*, por J. Seijo; *O amor da costureira*, por R. Flores; *Desperta, Galiza!* (poesia), de M. Picois; ¿Conciencia? Egoísmo?, por José Cardama; *Perna de buxo* (canto), por A. Comesaña; *De boa escapou*, por Domingos. *Várias*, pela Redacção.

—

The A. M. A. — *The journal of the incorporated Association of Assistant Masters in Secondary Schools — Outubro e Novembro. N.os 8 e 9. Londres, 1939.*

N.º 8 — SUMÁRIO: *Educational in Time of War; Editorial Notes; Teachers' superanation (war service); the October emergency executive; some of the Best; insurance notes, etc.*

N.º 9 — Current problems; Editorial notes; Deputation to the president of the Board of Education; Salary payments to Masters undertaking war service; the November executive; some Christmas gift books; Mahatama's puzzles, etc.

Outras publicações:

Temos recebido com tôda a regularidade, as publicações seguintes:

Seara Nova, revista de doutrina e crítica, Lisboa; *Pensamento*, Pôrto; *O Povo de Aveiro*, Aveiro; *Correio do Vouga*, Aveiro; *Jornal de Ilhavo*, Ilhavo; *Revista do espiritismo*, Lisboa; *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Lisboa; *Revista de Guimarãis*, Guimarãis, *Gil Vicente*, Guimarãis; *Estudos*, Coimbra.

A. S.

Vida Oficial

(De 1 a 30 de Novembro)

I — Nomeações

a) **De Reitores:** Joaquim Augusto Vasco, prof. efect. do 3.º gr. do Liceu Padre Jerónimo Emiliano de Andrade, em Angra do Heroísmo, nomeado reitor do Liceu Municipal Heitor Pinto, na Covilhã. (*D. do Gov.* de 3-11-939).

Serafim de Araújo Campos Pinto, prof. efect. do 2.º gr. do Liceu Alexandre Herculano, no Pôrto, nomeado interinamente, reitor do Liceu de Eça de Queiroz, na Póvoa de Varzim. (*D. do Gov.* de 16-11-939).

b) **De professores efectivos:** Artur de Figueiredo Rosa, prof. aux. do 4.º gr., nomeado, precedendo concurso, prof. efect. do referido grupo do Liceu Jaime Moniz, no Funchal; Eliseu Pereira Pato François, prof. aux. do 6.º gr., idem, idem, do Liceu Padre Jerónimo Emiliano de Andrade, em Angra de Heroísmo (*D. do Gov.* de 3-11-939).

Joaquim Augusto Vasco, prof. efet. do 3.º gr. do Liceu de Angra do Heroísmo, nomeado, precedendo concurso, prof. efect. do referido gr. do Liceu Fernão de Magalhães, em Chaves. (*D. do Gov.* de 7-11-939).

Pedro Cabral de Sacadura, prof. aux. do 8.º gr., nomeado, precedendo concurso, prof. efect. do referido gr. do Liceu Afonso de Albuquerque, na Guarda. (*D. do Gov.* de 23-11-939).

Carlos Manuel de Oliveira Ramos, prof. aux. do 8.º gr., nomeado, precedendo concurso, prof. efec. do referido gr. do Liceu Alves Martins, em Viseu. (*D. do Gov.* de 27-11-939):

c) **De professores auxiliares:** José António Ferreira de Almeida, prof. agr. do 4.º gr., nomeado, precedendo concurso, prof. aux. do referido gr.; Raquel Cândida Fernandes Braga, prof. agr. do 6.º gr., nomeada, precedendo concurso, prof. aux. do referido gr.; Júlia Celeste Ferreira de Sousa Baptista, idem, idem, do 6.º gr., nomeada prof. auxiliar do referido gr.; Alvaro dos Santos Lemos, prof. agr. do 8.º gr., nomeado prof. aux. do referido gr.; António Augusto Fernandes, prof. agr. do 8.º gr., nomeado, precedendo concurso, prof. aux. do referido gr. (*D. do Gov.* de 8-11-939).

d) **De Secretários:** Florival Lino Mamede, prof. aux. do 6.º gr., em serviço na Secção do Liceu Passos Manuel, em Lisboa, nomeado secretário do referido estabelecimento de ensino, nos têrmos do § 2.º do art. 30.º do decreto-lei n.º 20.741, de 18 de Dezembro de 1931, enquanto durar o impedimento do professor-secretário, João Ilido Mexia de Brito. (*D. do Gov.* de 1-11-939).

Maria Rosa do Nascimento, prof. efect. do 5.º gr. do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, em Lisboa, nomeada secretária do referido estabelecimento de ensino (*D. do Gov.* de 7-11-939).

II — Colocações

Dâmaso José da Silva Gomes, prof. agr. do 7.º gr., colocado no Liceu Sá da Bandeira, em Santarém; Regina Ribeiro de Albuquerque, prof. agr. do 7.º gr. colocada no Liceu D. Felipa de Lencastre. (*D. do Gov.* de 1-11-939).

Mavilda Augusta da Costa Andrade, prof. auxiliar de canto coral, colocada na Secção do Liceu Passos Manuel, em Lisboa; Frederico Cardoso de Albuquerque, prof. aux. do 7.º gr., em serviço na Secção do Liceu Pedro Nunes, em Lisboa, colocado no Liceu Passos Manuel da mesma cidade. (*D. do Gov.* de 3-11-939).

Cassiano Augusto de Vilhena, prof. agr. do 6.º gr., colocado na Secção do Liceu Pedro Nunes, em Lisboa; José de Sousa Dourado, prof. agr. do 6.º gr., colocado na Secção do Liceu Pedro Nunes; Edmundo de Carvalho Curvelo, prof. agr. do 4.º gr., colocado no Liceu Passos Manuel. (*D. do Gov.* de 5-11-939).

Alice Augusta da Cruz Rodrigues Gomes, prof. agr. do 5.º gr., colocada no Liceu da Infanta D. Maria, em Coimbra; Maria Preciosa Lopes Moreira, prof. agr. do 2.º gr., em serviço no Liceu Eça de Queiroz, na Póvoa de Varzim, transferida para o Liceu Alexandre Herculano, no Pôrto. (*D. do Gov.* de 7-11-939).

Maria Emília Maia de Medina, prof. efect. do 6.º gr. do Liceu Carolina Michaëlis, no Pôrto, destacada para a Secção Feminina do mesmo estabelecimento de ensino. (*D. do Gov.* de 16-11-939).

Ofélia de Mendonça Azinheira, prof. aux. do 8.º gr., em serviço no Liceu Gil Vicente, em Lisboa, colocada no Liceu de Camões da mesma cidade; José Gonçalves Garcia, prof. agr. do 6.º gr., colocado no Liceu Rodrigues de Freitas, no Pôrto. (*D. do Gov.* de 22-11-939).

III — Exonerações

José Diogo Luiz Terry, prof. aux. do 4.º gr., exonerado do referido cargo por ter sido nomeado, por portaria de 7 de Julho p. p., publicado no «D. do Gov.» n.º 232, 2.ª série, de 4 de Outubro último, para o lugar de prof. efect. do 5.º gr. do Liceu Gil Eanes, em Cabo Verde.

Paulo de Sousa, reitor do Liceu da Covilhã, exonerado, a seu pedido, do referido cargo; António Luiz Machado Guimarãis, prof. efect. do 6.º gr. do Liceu Rodrigues de Freitas, no Pôrto, exonerado, a seu pedido, do referido lugar. (*D. do Gov.* de 3-11-939).

Maria Cecília Almendro Coutinho, secretária do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, em Lisboa, exonerada, a seu pedido, do referido cargo. (*D. do Gov.* de 7-11-939).

Paulo José de Cantos, reitor do Liceu de Eça de Queiroz, na Póvoa do Varzim, exonerado do referido cargo. (*D. do Gov.* de 16-11-939).

IV — Comissões de serviço

Luiz Augusto de Campos Metrass Moreira de Almeida, prof. efect.º do 5.º gr. do liceu Passos Manuel, em Lisboa, mandado prestar serviço na Secretaria Geral do Ministério da Educação Nacional, nos têrmos do art. 29.º do Dec. n.º 16.836, de 4 de Maio de 1929.

Leonel Ribeiro, prof. auxiliar do 5.º gr., mandado prestar serviço na Inspecção do Ensino Particular, nos têrmos do art. 29.º do Decreto n.º 16.836, de 4 de Maio de 1929. (*D. do Gov*, de 7-11-939).

Pontos de Exames

EXAME DE ADMISSÃO AOS LICEUS

1939

PROVA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Ponto n.º 1

Texto

Leia o trecho:

O leão é o rei dos animais — assim tem sido considerado pelo homem desde os tempos mais antigos. E não é sem justos motivos que estas honras lhe são concedidas: êle é, na verdade, o mais forte, o mais corajoso de todos os carnívoros, o mais feroz e terrível dos felinos. O porte altivo, a juba do macho, a cabeça levantada, o olhar soberano e grave, dão a êste animal um aspecto de imponente majestade.

Cada leão tem geralmente o seu domínio particular. Os grandes vales, cobertos de florestas e regados pelos rios, são os seus domínios favoritos. O alto das montanhas só lhe serve para descobrir os lugares onde deve procurar as suas vítimas.

Arranja o seu covil em lugar oculto, escavando o solo, e aí descansa um ou muitos dias, segundo a região é pobre ou rica de caça. Nas grandes florestas conserva o mesmo covil por muito tempo, e só o abandona quando lhe escasseia o alimento.

Caça principalmente de noite. Quando os animais selvagens lhe faltam, ataca nas povoações os rebanhos e os animais isolados.

O rugido do leão é atroador como o trovão. Quando se faz ouvir, os outros respondem-lhe, e na floresta ressoam os acordes dêste concêrto grandioso.

E' curioso o efeito da sua voz sôbre os outros animais: a hiena e o leopardo emmudecem; os monos fogem, gritando, para os pontos mais altos das árvores; o camêlo treme, desobedece ao condutor e foge, lançando fora a carga; e o cão que não tiver sido adestrado na caça àquela fera, vai ganindo acolher-se junto do seu dono.

Com raridade o leão ataca o homem, cuja vida poupa muitas vezes, contentando-se em lhe esmagar um braço ou uma perna. Mas já o mesmo não acontece, se o homem o persegue e importuna. Não mata por simples prazer os outros animais, mas só quando tem fome, o que se conhece pelo agitar da cauda.

Análise

I

Responda às seguintes perguntas:

O leão é o rei dos animais por ter duas espécies de qualidades: umas físicas ou do corpo, e outras morais ou do espírito.

1) ¿Quais são as palavras do texto que indicam as qualidades físicas?
2) ¿Quais são as que indicam as qualidades morais?
3) O leão vê de noite, como os gatos e os morcegos: ¿qual é frase do texto que dá a entender isto?
4) Diz o texto na linha 10.ª que o leão, nas grandes florestas, conserva durante muito tempo o mesmo covil. ¿Qual é a razão dêste facto?
5) ¿Quais são os sítios de que o leão gosta mais?
6) O leão sobe às vezes ao alto das montanhas: ¿que vai êle lá fazer?
7) As quatro frases abrangidas pela chaveta seguinte são tôdas verdadeiras menos uma: passe um traço por cima desta última.

O leão { é o mais feroz de todos os animais. / ataca ordinàriamente os rebanhos nas povoações. / é um animal carnívoro. / com o seu rugido aterra os outros animais.

8) As quatro afirmações que seguem são tôdas falsas menos uma: passe um traço por cima de cada uma das falsas:

{ A hiena é um animal doméstico. / O leopardo é um animal de carga. / O camêlo presta grandes serviços ao homem. / O cão não receia o leão.

II

9) Escreva uma palavra derivada de *antigo* (2.ª linha).
10) ¿Que quere dizer *em lugar oculto* na 9.ª linha?
11) Substitua por outra que tenha o mesmo sentido a palavra *monos* da 17.ª linha.
12) Complete a seguinte frase: o leão é um animal carnívoro, porque.
13) Na chaveta que segue passe um traço por cima de cada uma das palavras menos sôbre aquela que corresponde à verdade.

O rugir do leão produz sôbre os outros animais

um efeito de { terror. / entusiasmo. / impaciência. / admiração.

14) Passe um traço por cima de cada uma das palavras que seguem, menos sôbre aquela que significa o contrário de *altivo*.

o contrário de altivo é { baixo. / humilde. / pobre. / inferior.

III

Leia o parágrafo seguinte:

«Arranja o seu covil em lugar oculto, escavando o solo, e aí descansa um ou muitos dias, segundo a região é pobre ou rica de caça. Nas grandes florestas conserva o mesmo covil por muito tempo, e só o abandona quando lhe escasseia o alimento» (linhas 9.ª a 11.ª).

Responda às seguintes preguntas:

15) ¿Quantas orações há no primeiro período?
16) ¿Quantas há no segundo?

No primeiro período:

17) ¿Qual é o sujeito da primeira oração?
18) ¿Qual é o sujeito da última?

Seguem dois verbos do segundo período: escreva adiante de cada um o sujeito que lhe pertence:

19) Conserva.
20) Escasseia.

Passe um traço por cima de cada uma das expressões abrangidas pelas duas chavetas seguintes, menos sôbre aquelas que correspondem à verdade.

21) A expressão *o seu covil*, liga-se ao verbo *arranja*

como { nome predicativo do sujeito. / sujeito. / complemento directo. / complemento indirecto.

22) A expressão *Nas grandes florestas*, liga-se à afirmação *conserva o mesmo covil*

como complemento { de modo. / de tempo. / de lugar. / de causa.

IV

23) Seguem quatro palavras, das quais só uma é invariável; passe um traço por cima desta

{ Arranja. / Covil. / Quando. / Escasseia.

24) *Grandes* é um adjectivo no grau positivo. Escreva-o na forma do grau comparativo de superioridade.

25) Seguem três palavras dentro de uma chaveta; passe-lhes um traço por cima, menos sôbre aquela que corresponde à verdade

Quanto ao acento tónico a palavra *covil* é { aguda. / grave. / esdrúxula.

Seguem cinco palavras; escreva adiante de cada uma a sua classificação gramatical (substantivo, adjectivo, nome numeral, pronome, artigo, verbo, advérbio, preposição, conjunção).

26) Mesmo...
27) Covil...
28) Por...
29) Muito...
30) Tempo...

31) *É* é uma forma verbal; escreva o pretérito imperfeito do conjuntivo do mesmo verbo.

eu...; tu...; êle...; nós...; vós...; êles...;

EXAME DO 1.º CICLO

1939

PONTO DE CIÊNCIAS NATURAIS

I

4 *a*) Os corpos gasosos distinguem-se dos líquidos porque:
1) Os primeiros...
2) Os segundos...
4 *b*) Quando o vapor de água da atmosfera encontra uma região suficientemente fria... formando...
6 *c*) ¿Se lhe derem um tubo de vidro com 50 centímetros de comprimento, mercúrio e uma tina, pode repetir a experiência de Torriceli?... Porquê?
5 *d*) Desconfia-se que o ponto zero de um termómetro centígrado está mal marcado. ¿Como podemos certificar-nos disso?
5 *e*) ¿De quantas maneiras pode passar um corpo do estado sólido ao estado líquido?... ¿Que nomes toma essa mudança de estado, conforme o modo por que é feita?...
6 *f*) Suponha que lhe dão um pedaço de uma rocha que se suspeita ser formada por argila e calcáreo. ¿Como poderia verificá-lo?
1) Se,... contém calcáreo.
2) Se... contém argila.

II

5 *a*) Os ossos ímpares do crânio são os seguintes:...
5 *b*) Será correcta a designação de *maxilar superior*, às vezes dada a uma parte do esqueleto da face?... Porquê?...
5 *c*) As cavidades ósseas em que estão alojados os órgãos da visão chama-se...
5 *d*) Os ossos que formam a caixa torácica são...
5 *e*) Os músculos ligam-se aos ossos por intermédio de órgãos chamados...
5 *f*) A função conhecida pelo nome de digestão consiste no seguinte:...
5 *g*) A maior glândula do corpo humano é..., que segrega a substância chamada...
5 *h*) O coração é o órgão principal do aparelho... e a sua função é...
5 *i*) Os pulmões estão alojados na... e são envolvidos por uma... chamada...
5 *j*) As imagens dos objectos que nós vemos formam-se na... que é uma parte constituinte do... e são transmitidas ao cérebro por intemédio do...

III

4 *a*) O urso branco e o tigre pertencem ambos ao grupo dos... mas o seu revestimento apresenta a seguinte diferença, àparte a côr:...
4 *b*) A conhecida resistência do camêlo, que permite a êste animal estar muito tempo sem ingerir alimentos frescos, é devida à seguinte particularidade do animal...
4 *c*) Certas aves, como: 1)... 2)... vivem a maior parte do tempo na água, e por essa razão apresentam modificações nos membros...
4 *d*) Há aves, com› por exemplo..., que têm as asas atrofiadas; por essa razão não podem..., sendo, em compensação, boas...

BIBLIOTECA NACIONAL

4 *e*) Um animal tem o corpo coberto de escamas; é desprovido de membros e respira por pulmões, logo pertence ao grupo seguinte:... Animais semelhantes:

4 *f*) Os órgão da respiração dos peixes têm o nome de... ou... e apresentam uma grande surperfície para poderem receber quantidades apreciáveis do... que está... na água.

4 *g*) Dê exemplo de três vertebrados aquáticos, pertencentes a grupos distintos...

4 *h*) ¿Seria possível confundir uma osga com uma salamandra?... Porquê?

4 *i*) Os carneiros e ovelhas podem fornecer ao homem os seguintes produtos:

4 1) 1) ...; 2) ...; 3) ...; 4) ...

4 *j*) Dê exemplos de animais cuja pele seja aproveitada e diga os usos que se fazem dessas peles:

IV

4 *a*) A amêijoa é um animal de corpo..., protegido por uma... formado por peças.

4 *b*) Os artrópodos terrestres distinguem-se dos aquáticos, quanto ao modo de respiração, porque os primeiros respiram por...emquanto que os segundos respiram por...

4 *c*) Para eliminar completamente a solitária do... do homem é necessário que desapareça a parte do corpo do parasita chamada... ou

4 *d*) A lagosta e o caranguejo são animais cujo corpo é revestido de... vivem... e reproduzem-se por...

4 *e*) De entre os produtos que os moluscos podem fornecer ao homem, destacam-se..., e que têm respectivamente as seguintes aplicações:...

V

3 *a*) Dê exemplos de plantas que tenham raíz: 1) aprumada:... ; 2) fasciculada...

4 *b*) Uma fôlha completa compreende as partes seguintes: 1)... ; 2)... ;3) Uma parte que envolve o caule:...

4 *c*) Diz-se que o caule de uma planta é volúvel quand ... Dê um exemplo...

4 *d*) Diz-se que uma flor é... quando lhe falta o cálice. Se souber de alguma, cite-a...

4 *e*) O conjunto dos carpelos forma o... e é à custa desta parte da... que mais tarde se forma o...

4 *f*) Quando se agrupam muitas flores numa inflorescência esta diz-se... É um exemplo disso a inflorescência d... pertence ao tipo chamado...

4 *g*) ¿Que chama vagem? Dê exemplos de plantas que produzam vagens...

5 *h*) O pinheiro é uma árvore muito abundante no nosso País. ¿Será preferível cortar o maior número possível de árvores, para lhes aproveitar..., ou haverá vantagem em manter bastantes vivas?... Porquê?...

4 *i*) Dê três exemplos de frutos secos comestíveis e diga se são deiscentes ou indeiscentes...

4 *j*) Diga se está correcta a seguinte frase: «a inflorescência do trigo é uma umbela»... ¿Em que fundamenta a sua resposta?...

VI

4 *a*) Os órgãos de reprodução dos fetos ou avencas estão situados...

4 *b*) O corpo do musgo vulgar divide-se nas seguintes partes...

4 *c*) No corpo do limo dos tanques não se distingue qualquer das seguintes partes:... ; a planta é portanto uma...

4 *d*) O cogumelo de chapéu reproduz-se por..., que se formam...

4 *e*) As plantas mais nocivas que conheço são as... pela seguinte razão:...

EXAME DO 2.º CICLO

1939

PONTO DE LATIM

Texto:

a) Depopulata Gallia Cimbri magnaque inlata calamitate finibus quidem nostris.
b) aliquando excesserunt atque alias terras petierunt;
c) jura, leges, agros, libertatem nobis reliquerunt.
d) Romani vero quid petunt aliud aut quid volunt,
e) nisi invidia inducti,
f) quos fama nobiles potentesque bello cognoverunt,
g) horum in agris civitatibusque considere
h) atque his æternam injungere servitutem?
i) Neque enim ulla alia condicione bella gesserunt.
j) Quod si ea quæ in longinquis nationibus geruntur ignoratis,
k) respicite finitimam Galliam,
l) quæ in provinciam redacta, jure et legibus commutatis,
m) securibus subjecta perpetua premitur servitute.

I

Faça a tradução.

II

(Morfologia. Flexão nominal)

1) Seguem cinco substantivos. Indique o tema de cada um:

1 *a*) *calamitate* — alínea *a*).
1 *b*) *finibus* — alínea *a*).
1 *c*) *jura* — alínea *c*).
1 *d*) *leges* — alínea *c*).
1 *e*) *agros* — alínea *c*).

2) Seguem cinco formas nominais. Indique os casos em que pode estar cada uma delas, sublinhando aquêle em que se encontra no texto:

1 *a*) *quid* — alínea *d*).
1 *b*) *invidia* — alínea *e*).
1 *c*) *nobiles* — alínea *f*).
1 *d*) *his* — alínea *h*).
1 *e*) *subjecta* — alínea *m*).

III

(Flexão verbal)

1) Indique as flexões (designando, ou o tempo, modo, número, pessoa e voz, ou a forma nominal e o caso) das seguintes formas verbais:

2 *a*) *inlata* — alínea *a*).
2 *b*) *excesserunt* — alínea *b*).
2 *c*) *volunt* — alínea *d*).
2 *d*) *considere* — alínea *g*).
2 *e*) *respicite* — alínea *k*).

2) Seguem cinco formas verbais, umas simples e outras compostas. Separe

nestas últimas os elementos componentes e declare a significação de cada um:

2 *a*) *Depopulata* — alínea *a*).
2 *b*) *petierunt* — alínea *b*).
2 *c*) *reliquerunt* — alínea *c*).
2 *d*) *considere* — alínea *g*).
2 *e*) *respicite* — alínea *k*).

IV

(Transformações: nominais, verbais e sintácticas)

1) Mude os pares seguintes para os casos indicados entre parêntesis:

2 *a*) *magna calamitate* — alínea *a*) (acusativo do plural).
2 *b*) *finibus nostris* — alínea *a*) (genitivo do plural).
2 *c*) *quos nobiles* — alínea *f*) (acusativo do singular).
2 *d*) *finitimam Galliam* — alínea *k*) (dativo do singular).
2 *e*) *perpetua servitute* — alínea *m*) (ablativo do plural).

2) Seguem cinco frases do texto. Mude em cada uma expressão verbal principal para o tempo indicado entre parêntesis, conservando a voz, número e pessoa:

2 *a*) *alias terras petierunt* — alínea *b*) (futuro imperfeito).
2 *b*) *quid volunt* — alínea *d*) (presente do conjuntivo).
2 *c*) *injungere servitutem* — alínea *h*) (infinito presente da voz passiva).
2 *d*) *respicite Galliam* — alínea *k*) (imperativo futuro).
2 *e*) *premitur servitute* — alínea *m*) (conjugação perifrástica passiva).

3) Seguem cinco frases do texto. Faça em cada uma as alterações que vão indicadas:

2 *a*) *magna inlata calamitate* — alínea *a*). Construa com *postquam*.
2 *b*) *Romani vero quid petunt* — alínea *d*). Substitua *Romani* por *vos* e faça a concordância.
2 *c*) *Neque enim ulla alia condicione bella gesserunt* — alínea *i*) Escreva a frase subordinando-a a *tradunt*.
2 *d*) *quæ in longinquis nationibus geruntur* — alínea *j*). Construa no singular.
2 *e*) *quæ perpetua premitur servitute* — alíneas *l*) e *m*). Mude para a activa.

(Sintaxe)

4 1) Divida as orações do segundo período.
4 2) Classifique-as.
3) Seguem cinco expressões. Declare a função sintáctica de cada uma:

2 *a*) *finibus nostris* — alínea *a*).
2 *b*) *nobiles potentesque* — alínea *f*)
2 *c*) *in agris* — alínea *g*).
2 *d*) *securibus* — alínea *m*).
2 *e*) *perpetua servitute* — alínea *m*).

4) Seguem cinco expressões do texto. Satisfaça ao que a respeito de cada uma se pede:

2 *a*) *nobis* — alínea *c*). De que têrmo depende? Que complemento é?
2 *b*) *nobiles potentesque* — alínea *f*). Que função exercem estas palavras?
2 *c*) *si ea quæ in longinquis* — alínea *j*). ¿Em que caso está *ea* e que função exerce?
2 *d*) *respicite finitimam Galliam* — alínea *k*). ¿Qual é o sujeito da oração?
3 *e*) *jure et legibus commutatis* — alínea *l*). Substitua esta construção por uma oração do modo finito.

PONTO DE ÁLGEBRA E TRIGONOMETRIA

I

1.º

Calcule por logaritmos o valor da expressão:

$$x = \frac{\sqrt[3]{672{,}53 \times 0{,}35^4}}{0{,}085 \times 124{,}5^2}$$

6 *a*) Cálculo dos logaritmos:

$\log 672{,}53 = \ldots\ldots$
$\log 0{,}085 = \ldots\ldots$
$\log 0{,}35 = \ldots\ldots$
$\log 124{,}5 = \ldots\ldots$

6 *b*) Escreva a expressão logarítmica de x:

$\log x =$

12 *c*) Faça os cálculos.

Resultado: $x = \ldots\ldots$

2.º

4 1) Resolva a equação: $x^2 + 7x + 10 = 0$.

Solução: $x' = \ldots\ldots$; $x'' = \ldots\ldots$

4 2) ¿Quais são os números cujos logaritmos (na base 10) são números inteiros?

Resposta: .....

4 3) Resolva a inequação $\frac{3x+1}{4} > 0$.

Solução: .....

4 4) Sabendo que $\log x = 5$, qual é o valor do logaritmo de $\frac{1}{x}$?

Resposta: $\log \frac{1}{x} = \ldots\ldots$

4 5) Escreva a soma dos 3 primeiros termos da sucessão cujo têrmo geral é

$$\frac{n^2 - 2}{1 + n}$$

Resultado: A soma dos 3 primeiros termos = ...

4 6) Efectue a seguinte operação e simplifique o resultado:

$$a^{\frac{2}{3}} \times a^{-2}$$

Resultado: $a^{\frac{2}{3}} \times a^{-2} = \ldots\ldots$

4 7) Passe para dentro do radical os factores que se encontram fora dêle:

$$2a^2\sqrt[3]{x}$$

Resultado: $2a^2\sqrt[3]{x} = \ldots\ldots$

4 8) Classifique a função $y = 1 + x$

Resposta: .....

4 9) Transponha para o 1.º membro *todos* os termos da inequação:

$$5(x+1)+2 < 8x+2-5(x+3)$$

Resultado: .....

4 10) Ponha em equação o seguinte problema:
Divida 105 em duas partes, uma das quais deminuida de 20 é igual à outra deminuida de 15. (Não resolva).

Resposta: .....

4 11) Escreva o têrmo geral duma progressão aritmética cuja razão é $\frac{1}{2}$ e o 1.º têrmo é 5.

Solução: Têrmo geral = ...

$$\frac{4x+2}{3} > 6 - \frac{3+x}{7}$$

Resultado: .....

4 13) Se x representar o comprimento de uma sala e y a sua largura, traduza em linguagem corrente o sistema:

$$\begin{cases} 2x+2y=20 \\ x-y=4 \end{cases}$$

Enunciado: .....

4 14) Ponha em equação o seguinte problema:

O perímetro de um campo rectangular é 500 metros e a área é 14.400 metros quadrados. Determine os comprimentos dos lados. (Não resolva).

Resposta: .....

4 15) Reduza ao menor índice comum os radicais seguintes:

$$\sqrt[6]{2a} \text{ e } \sqrt[4]{a^2x^3}$$

Resultado: .....

4 16) Represente gràficamente, só no intervalo de -1 a $+4$, a função em que as variáveis tomam os seguintes valores correspondentes:

Variável independente..	−2	−1	0	1	2	3	4	5	6
Variável dependente ...	−3	−2	−1	0	1	2	3	4	5

4 17) Diga para que valores da variável independente a função $y = 2^x$ toma valores maiores do que a unidade.

Resposta: Para os valores.....

4 18) Ponha em equação o seguinte problema:

Determine os três números inteiros consecutivos cuja soma é igual a 84. (Não resolva).

Equação pedida: .....

4 19) Calcule $\text{colog}_8 2^{-1}$

Resultado: $\text{colog}_8 3^{-1} =$

4 20) Calcule $\log_3 10{,}5$

Resultado: $\log_3 10{,}5$ .....

4 21) Efectue a seguinte operação:

$$\sqrt{18} - \sqrt{32}$$

Resultado: $\sqrt{18} - \sqrt{32} = \ldots\ldots$

II

1.º

As bases de um trapézio isósceles são 83 metros; o ângulo de um dos lados não paralelos com a base maior é 64° 13'. ¿Qual é a altura do trapézio?

12 *a*) Desenhe a figura e escreva as equações que resolvem o problema.
12 *b*) Cálculos.

Solução: A altura do trapézio é: .....

2.º

4 1) ¿Quais são as funções circulares crescentes no 2.º quadrante?

Resposta: São as funções.....

4 2) Exprima em graus o ângulo cuja média é $\frac{\pi}{8}$.

Resultado: =.....graus.

4 3) Determine em radianos o suplemento de $\frac{3}{5}\pi$.

Resultado: O suplemento de $\frac{3}{5}\pi$ é ..... radianos.

4 4) Sabendo que $\text{tg}\, a = 2$, calcule $\text{tg}\,(45+a)$.

Resultado: $\text{tg}\,(45+a) =$ .....

4 5) Escreva a função inversa da função $y = \text{sen}\,\frac{1}{x}$.

Função pedida: .....

4 6) ¿Entre que valores varia a tg x quando x varia entre 180° e 270°?

Resposta: tg x varia entre ..... e .....

4 7) ¿Quantos ângulos há entre 0° e 270° que satisfazem à igualdade $\text{tg}\, x = 6$?

Resposta: Há ..... ângulos.

4 8) Exprima sen $(4\pi - x)$ numa função circular do arco x.

Solução: sen $(4\pi - x) = ...$

4 9) Calcule log sen 72° 14′ 12″.

Resultado: log sen 72° 14′ 12″ = ...

4 10) Calcule o menor arco x tal que log tg $x = 0{,}27460$. Aproxime a segundos.

Resultado: $x = ...$

4 11) Calcule o valor natural de sen 150°.

Resultado: sen 150° = ...

4 12) Reduza ao 1.° quadrante o cálculo de tg 1007°.

Resultado: tg 1007° = ...

4 13) As diagonais de um losango medem 8 metros e 4 metros. Determine a tangente do ângulo formado pelo lado com a diagonal menor.

Resultado: A tangente do ângulo pedido é .....

4 14) Sabendo que o ângulo x é do 2.° quadrante, calcule tg x, no caso de ser sen $x = \frac{1}{\sqrt{3}}$.

Resultado. tg $x = ...$

4 15) Sabendo que cos $x = \frac{\sqrt{3}+1}{4}$ calcule sen x supondo x do 4.° quadrante.

Resultado: sen $x = ...$

4 16) Um cateto de um triângulo rectângulo é $b = 3$ metros e o seno do ângulo oposto é seu $B = 0{,}64279$. Determine o valor da hipotenusa.

Resultado: Hipotenusa = ...

4 17) Represente gràficamente a função $y = 2 + \text{sen } x$, entre 0°e 90°. Use tábuas naturais e tome para x valores de 30° em 30°.

PONTO DE CIÊNCIAS FISICO-QUIMICAS

Física

I

Um corpo animado de movimento uniformemente acelerado, de aceleração 50 centímetros/seg², tendo partido do repouso, atingiu, depois de certo tempo de movimento, a velocidade de 2 metros/seg. Supondo que o dito corpo se moveu pela acção da fôrça constante de meio quilograma, na própria direcção da fôrça, pretende-se saber qual o trabalho realizado durante aquele tempo, expresso em unidades do sistema C. G. S.

($g = 9{,}8$ m/seg²)

II

4 1) Numa série de determinações realizadas com um plano inclinado, no qual o carrinho e massas anexas, representando a resistência, era equilibrado por uma fôrça paralela ao comprimento do plano, obtiveram-se os seguintes resultados:

Carrinho e massas anexas — Gramas	Valores da potência — Gramas	Alturas — Centímetros	Comprimentos — Centímetros
200	100	20	40
360	120	15	45
225	150	20	30

8 *a*) *Mostre* que a partir dêstes resultados da experiência se pode concluir um princípio importante relativo ao equilíbrio no plano inclinado.

2 *b*) Enuncie o princípio relativo ao outro caso que é costume considerar e escreva as expressões que traduzem os dois casos de equilíbrio citados.

2):

3 *a*) ¿Que entende por *fenómenos capilares?*

4 *b*) Descreva uma experiência que nos mostre a existência de tais fenómenos.

6 3) Servindo-se de um esquema, explique sumàriamente o funcionamento de um dos tipos de bombas para gases, que estudou.

4):

3 *a*) Indique o princípio do processo de Cailletet usado para a liquefacção dos gases.

4 *b*) Descreva um processo elementar usado nos laboratórios para a liquefacção alguns gases.

5) É sabido que nas instalações eléctricas é costume intercalar *fusíveis.*

5 *a*) Diga o que entende por tais dispositivos e qual o seu fim.

3 *b*) Enuncie as leis do efeito que ali se aplica.

6):

3 *a*) Diga o que entende por *capacidade eléctrica* de um condutor e escreva a expressão que relaciona essa grandeza com a carga e o potencial.

4 *b*) Defina a unidade C. G. S. de capacidade e a unidade chamada farad e estabeleça a relação de grandeza que existe entre estas duas unidades.

Química

I

50 Calcule o pêso de bricromato de patássio que se deve fazer reagir com o ácido sulfúrico concentrado para se operar a transformação completa de 69 gramas de alcool etílico em aldeído.

($Cr = 52$; $O = 16$; $K = 39{,}1$; $C = 12$; $H = 1$)

1) Num tubo de vidro, atravessado por uma corrente de hidrógénio convenientemente exsicado, lançou-se um pouco de óxido salino de ferro e aqueceu-se. Finda e experiência, inclinou-se o tubo e deixou-se cair o seu conteúdo.

5 *a*) Descreva o fenómeno observado e escreva a equação química correspondente.

3 *b*) ¿Que propriedade importante do hidrogénio é posta em evidência nesta experiência?

4 2) Das substâncias simples que estudou, cite uma solúvel no sulfureto de carbono e que seja capaz de tornar azul a chamada solução de amido.

5 3) Pela acção do ácido sulfúrico sôbre o cloreto de sódio obtém-se um gás incolor que produz fumos brancos intensos ao contacto com o amoníaco.

Diga de que gás se trata e escreva a equação química referente àquela acção.

4) Escreva as fórmulas dos seguintes compostos:

1 *a*) Hipoclorito de cálcio.
1 *b*) Bicarbonato ou carbonato ácido de potássio.
1 *c*) Óxido salino de chumbo (mínio).
1 *d*) Piroantimoniato biácido de sódio.
1 *e*) Trinitrofenol (ácido pícrico).

5):

3 *a*) Diga o que entende por *estados alotrópicos* de um elemento.
4 *b*) Cite um elemento nestas condições e apresente as diferenças existentes entre êsses estados.

6 6) Caracterize a função *éster* e dê exemplos de compostos pertencendo a esta função.

7) Nas uvas existe uma substância sólida de sabor doce, que por fermentação dá origem a um líquido bastante volátil; êste, pela acção deshidratante do ácido sulfúrico, produz um gás incolor de cheiro etéreo, que reagindo com a água de bromo a descora, transformando-se num produto de adição.

8 *a*) Escreva as equações químicas referentes a tôdas as reacções citadas.
2 *b*) Indique os nomes de tôdas as substâncias que nelas entram.

EXAME DO 3.º CICLO

1939

PONTO DE LATIM

Texto:

Explicação. — Eneias ataca o rútulo Mago, que lhe suplica misericórdia e lhe fala das suas riquezas, como quem as oferece em resgate da vida.

a) Inde Mago procul infensam contenderat [1] hastam . . . verso 1
b) Ille astu subit; at tremebunda supervolat hasta . . . . verso 2
c) Et genua amplectens effatur talia supplex: . . . . . verso 3
d) « Per patrios Manes et spes surgentis Iuli, ... verso 4
e) te precor, / hanc animam serves natoque patrique. . . . verso 5
f) Est domus alta [2], iacent penitus defossa talenta . . . . verso 6
g) Caelati argenti / sunt auri pondera facti . . . . . verso 7
h) Infectique mihi. / Non hic victoria Teucrum . . . . . verso 8
i) Vertitur / aut anima una dabit discrimina tanta ». . . . verso 9
j) Dixerat . . . . . verso 10

I

Faça a tradução.

II

1) Indique a categoria gramatical das formas seguintes e as flexões que cada uma delas assumiu:

1 *a*) *Mago* — verso 1.
1 *b*) *astu* — verso 2.

[1] O sujeito de *contenderat* é *Aeneas*, que se subentende de uma parte anterior que não vem no ponto.

[2] *Est domus alta* = *Est mihi domus alta.*

1 *c*) *genua* — verso 3.
1 *d*) *natoque* — verso 5.
1 *e*) *pondera* — verso 7.

2) Mude as formas seguintes para as flexões indicadas dentro do parêntesis:

1 *a*) *contenderat* — verso 1 (3.ª pessoa do plural do futuro imperfeito).
1 *b*) *subit* — verso 2 (2.ª pessoa do plural do presente do conjuntivo).
1 *c*) *supplex* — verso 3 (acusativo do plural).
1 *d*) *surgentis* — verso 4 (3.ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo).
1 *e*) *hanc animam* — verso 5 (acusativo do plural).

3) Seguem cinco palavras; diga o nome e o significado ou a função que nelas têm os elementos encerrados entre parêntesis:

1 *a*) *tremebunda* — verso 2 (*-bunda*).
1 *b*) *amplectens* — verso 3 (*am-*).
1 *c*) *effatur* — verso 3 (*ef-*).
1 *d*) *surgentis* — verso 4 (*-nt-*).
1 *e*) *dabit* — verso 9 (*-bi-*).

III

1) Indique o sujeito de cada uma das expressões verbais adiante indicadas e satisfaça ao que se pede nas alíneas *d*) e *e*):

1 *a*) *supervolat* — verso 2.
1 *b*) *effatur* — verso 3.
1 *c*) *serves* — verso 5.
2 *d*) Divida as orações dos versos 4 e 5.
2 *e*) Classifique-as.

2) Satisfaça ao que se pede a respeito de cada uma das expressões adiante indicadas:

Mago — verso 1

1 *a*) ¿De que têrmo depende?
1 *b*) ¿Que fuução desempenha?

genua — verso 3

1 *c*) ¿Que função desempenha?

precor — verso 5

1 *d*) Indique as expressões que no texto lhe servem de complemento. ¿Como se classificam estes complementos?
1 *e*) Indique os verbos que, de regra, se constroem como *precor*.

3) Satisfaça ao que se pede a respeito da palavra ou palavras seguintes:

natoque patrique — verso 5

1 *a*) ¿Que função exercem?
1 *b*) ¿Quais são os verbos que se constroem desta maneira?

sunt auri pondera facti infectique mihi — verso 7 e 8

1 *c*) ¿De que palavra depende *mihi*?
1 *d*) ¿Como classifica êste complemento?
2 *e*) Explique a função de *auri* na mesma expressão.

IV

1) Complete as frases seguintes:

1 *a*) Vergílio viveu no período... da literatura latina.
2 *b*) Êste período divide-se em duas épocas, a época de... e a época de...
2 *c*) Vergílio teve como precursor na epopeia... que pertence ao período de... da literatura latina.
2 *d*) Vergílio escreveu... pertencentes aos seguintes gêneros literários:
2 *e*) Os escritores mais notáveis do tempo de Vergílio foram... que tiveram como protector...
2 *f*) Estes escritores deixaram-nos as seguintes obras:...

2) Seguem algumas expressões do texto; faça em cada uma as modificações que respectivamente se indicam:

2 *a*) *Inde Mago procul infensam contenderat hastam* — verso 1.
Mude para a passiva, tornando expresso o respectivo agente da passiva.
2 *b*) Mude esta frase para o discurso indirecto, subordinando-se a *tradunt*.
2 *c*) *Et genua amplectens* — verso 3.
Converta numa oração do modo finito e faça a conveniente coordenação.
2 *d*) *Ille astu subit* — verso 2.
Mude para a forma perifrástica passiva e faça a respectiva concordância.
2 *e*) *te precor hanc animam serves* — verso 5.
Torne expressa a conjunção que introduz a segunda oração desta frase.

3) Traduza para latim:

2 *a*) Mago, que via que Eneias o ia matar,
2 *b*) pedia-lhe humildemente que lhe poupasse a vida.
2 *c*) Dizia-lhe que em casa tinha ouro e prata,
2 *d*) que lhe daria.
2 *e*) para evitar ao pai e ao filho tal dor,

PONTO DE GEOGRAFIA

I

Escreva o solução dos seguintes problemas:

16 *a*) ¿Quando o tempo sideral é de 18 horas, qual é a altura do ponto vernal?
8 *b*) ¿Qual é a declinação de uma estrêla que tem o seu ocaso no ponto oeste do horizonte racional?
12 *c*) Num certo lugar é de 80° a mínima distância zenital de uma estrêla, cuja declinação é de + 60°. ¿Qual é a latitude dêsse lugar?
12 *d*) O ângulo horário de uma estrêla é, no lugar A, de 2 horas e 20 minutos no instante da seu culminação no lugar B, cuja longitude é de 20° oeste. ¿Qual é a longitude do lugar A?

II

Complete as frases seguintes:

2 *a*) Horizonte verdadeiro é o plano... que passa pelo...
8 *b*) No momento em que uma estrêla culmina no zénite de um lugar situado no trópico de Câncer, as suas coordenadas horizontais e equatoriais horárias têm os seguintes valores:

Altura...
Azimute...
Declinação...
Angulo horário...

2 *c*) O movimento diurno é... porque tôdas as estrêlas descrevem, na unidade de tempo, arcos de igual medida.

4 *d*) No trópico de Capricórnio os dias crescem desde... até...
6 *e*) Pela... lei de Képler explica-se que a duração do ano, nos planetas exteriores, seja... à duração do ano terrestre.
2 *f*) O intervalo de tempo entre duas passagens consecutivas da Lua pelo meridiano de uma dada estrêla chama-se...
4 *g*) Se o plano da órbita da Lua e o da eclítica fôssem coincidentes, a freqüência dos eclipses seria de... por cada revolução sinódica.
2 *h*) ¿Quis são os eclipses de maior duração, os do Sol ou os da Lua?...
4 *i*) ¿Quando a e equação do tempo é de 0 minutos e 0 segundos, as 16 horas e 20 minutos verdadeiras correspondem a... horas e... minutos de tempo médio.
2 *j*) No hemisfério norte a Terra encontra-se... afastada do Sol no verão do que no inverno.
6 *k*) As órbitas dos cometas periódicos são... e as dos não periódicos podem ser... ou...

III

Complete as frases seguintes:

2 *a*) A parte baixa da atmosfera em que a temperatura geralmente decresce com a altitude chama-se...
4 *b*) As variações diurnas da temperatura são, em regra... à beira-mar do que no interior das terras, em virtude d... do mar.
4 *c*) A obliqüidade dos raios solares ao meio dia, à nossa latitude, é máxima no...
4 *d*) As linhas... unem os pontos de igual anomalia térmica, que é a diferença entre... e...
2 *e*) ¿A pressão de 1027 mb. é alta ou baixa?...
2 *f*) Durante o ano, numa região temperada da beira-mar, o mínimo de pressão regista-se ordinàriamente no...
4 *g*) A fôrça do vento é proporcional a..., a qual é medida pelos...
6 *h*) Num centro anticiclónico do hemisfério sul as massas de ar deslocam-se verticalmente de... para..., e horizontalmente no sentido...
4 *i*) O movimento de... de uma tromba é muito mais rápido que o seu movimento de...
6 *j*) Se o ar, a determinada temperatura, contiver a quarta parte do vapor de água necessário à sua saturação, o valor da umidade relativa será de...
2 *k*) Nas regiões equatoriais regista-se... nebulosidade.

IV

Complete as frases seguintes:

6 *a*) A salinidade dos mares tropicais é... à salinidade dos mares temperados, devido à... evaporação e... quantidade de precipitações.
2 *b*) As marés mortas verificam-se nas fases de... e de...
2 *c*) Os movimentos de translacção das águas oceânicas denominam-se...
2 *d*) As correntes de descarga são provocados por...
4 *e*) Denomina-se *Mar*... uma vasta zona do Atlântico norte, isenta de correntes e abundantíssima de plantas marinhas, que é limitada ao norte pela corrente...
4 *f*) A corrente das Falkland é, quanto à temperatura, uma corrente... e a sua direcção é...

V

Complete as frases seguintes:

4 *a*) A... percentagem das terras emersas é ocupada pelas grandes altitudes e a... percentagem das regiões submersas pelas grandes profundidades.

3 *b*) E', em geral, no interior ou na periféria dos oceanos que se encontram as máximas profundidades?...
4 *c*) Na teoria de Green a distribuição dos continentes e dos oceanos explicar-se-ia pela forma... da litosfera.
3 *d*) Uma deslocação tectónica em que se verifica um encurvamento dos estratos é...
6 *e*) As *nuvens ardentes* são características dos vulcões de tipo... cuja lava é dotada de... viscosidade.
6 *f*) Indique duas feições geográficas devidas a acção acumuladora dos rios:
4 *g*) Em igualdade das restantes condições uma região densamente florestada terá... umidade e... variações térmicas do que outra despida de vegetação.

VI

Complete as frases seguintes:
4 *a*) Os períodos da era secundária são, por ordem de antiguidade: 1)...; 2)...; 3)...
4 *b*) Os mais arrogantes maciços montanhosos pertencem ao enrugamento... que data...
4 *c*) Os trilobitos são fósseis característicos da era...
4 *d*) Cêrca de $^{7}/_{10}$ do nosso País pertencem, geològicamente, ao bloco central da Península, também denominado...
4 *e*) ¿Onde têm maior representação em Portugal os terrenos carbónicos?...

Editôra Educação Nacional, L.da

Rua do Almada, 125 — PORTO

Obras de AUGUSTO MORENO

Dicionário Elementar, 1 vol. de mais de 900 páginas, grafia actualizada. *Aprovado oficialmente.* E' o melhor para as escolas do ensino primário e para o povo. Enc. . . . 15$00

Dicionário Complementar. *O único aprovado oficialmente para os liceus.* E para os outros institutos de ensino médio. Enc. . . . . 30$00

ESTUDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA:

I

João na Seara — Análise a obras de Cândido de Figueiredo. Brochado . . . . . 10$00. Enc. . . . . 15$00

II

Lições de Linguagem — 1.º vol. Broch. . 12$00. Enc. . 17$00
Lições de Linguagem — 2.º vol. Broch. . » » . 17$00
Lições de Linguagem — 3.º vol. Broch. . » » . 17$00
Lições de Linguagem — 4.º vol. Broch. . » » . 17$00

1.º — **Lições de Análise, de Fonética e de Ortografia.** Para escolas do ensino primário, Magistério primário, estudantes dos liceus. Um volume de 750 páginas. Enc. . . . 15$00

2.º — **Lições de Análise, de Fonética e de Ortografia.** Brochado . . . . . 8$00. Enc. . . . . 12$00

3.º — **Lições de Análise, de Fonética e de Ortografia.** Brochado. . . . . 8$00. Enc. . . . . 12$00

Obras de outros autores

Dicionário Francês-Português, por António Dória, grafia actualizada. *Aprovado oficialmente.* Enc. . . . . 15$00

Dicionário Português-Francês, por Eduardo Pinheiro e A. Dória. Grafia actualizada. Enc. . . . . 15$00

Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa, por Vasco Botelho de Amaral. Livro único em Portugal. Cada volume 20$00. Enc. 25$00. Os dois vols. num só — Enc. 45$00

Estudos Vernáculos, pelo mesmo autor. Enc. . . . . 10$00
São êstes dois livros de êxito admirável.

Dicionário Inglês-Português, pelo prof. Eduardo Pinheiro. 1 grosso vol. orientado pelos melhores dicionários e com grafia moderna. Enc. . . . . 25$00

A Moral — Nas suas relações com a *Medicina* e a *Higiene.*
Tomo segundo — **A Vida Sexual,** pelo Dr. Georges Surbled — Tradução actualizada por A. de Oliveira Alves, assistente dos serviços de urologia e venereologia do Hospital da Misericórdia do Pôrto. 1 vol. de 295 páginas. Broc. 12$00. Enc. . . . . 17$00

O Homem. Êsse Desconhecido, pelo Dr. Alexis Carrel, tradução do Dr. Adolfo Casais Monteiro — 16.000 exemplares em língua portuguesa. Broch. . . 20$00. Enc. . . 25$00

Gráfica Aveirense, L.da

Tipografia — Livraria — Papelaria

Executam-se trabalhos tipográficos em todos os géneros

Rua de José Estêvão

AVEIRO

LIVRARIA CRUZ

133 — Rua D. Diogo de Sousa — BRAGA

Edições escolares para o ensino secundário. Grande sortido de todos os editores portugueses.

Última edição publicada:
ARITMÉTICA (3.º ciclo), da autoria do *Dr. José Vicente Gonçalves.*

ENVIA-SE CATÁLOGO GRÁTIS

Escola Secundária Bracarense

Avenida dos Combatentes, 134

BRAGA

Estabelecimento modelar
com 5 anos de pleno êxito
pedagógico

INTERNATO E EXTERNATO

Verdadeiro sanatório físico e intelectual

Museu—Laboratório

A revista *Labor* publica-se nos meses de Outubro, Novembro, Dezembro, Janeiro, Fevereiro, Março, Abril, Maio e Junho, em números de 48 páginas, pelo menos. Preços: *assinaturas:* ano — 25$00, para as Colónias 30$00; Brasil, ano — 20.000 reis. *Anúncios:* 1 pág.—300$00; 1/2—180$00; 1/4—100$00 por ano.

São representantes da *Labor* nos diferentes Liceus os seguintes professores, a quem o professorado liceal deve entregar, contra o respectivo recibo da Administração da revista, a importância das suas assinaturas:

Alcobaça—Joaquim Pinheiro
Angra — José Forjaz
Beja—Eduardo Ferraz
Braga—Casal Pelaio
Bragança—Mário Abilio Costa.
Cabo Verde—Adriano D. Silva
Castelo Branco—João Matilde
Chaves—Artur de Carvalho Júnior
Coimbra—*D. João III*—Mário de Almeida; *Infanta D. Maria*—D. Helena Vital.
Covilhã—Eurialo Boavida
Évora—António Gromicho
Faro—Silveira Ramos
Figueira da Foz—João Rigueira
Funchal—Angelo Silva
Guarda—Henrique Gomes Pereira
Guimarães—Aventino Faria
Horta—Gabriel Baptista de Simas
Huila—Cap. Gastão S. Dias
Lamego—Albano Sardoeira
Leiria—Alfredo de Carvalho
Lisboa—*Camões*—Ruben Leal; *D. Filipa de Lencastre*—D. Maria B. Moreira; *Passos Manuel*—Alves de Oliveira; *Passos Manuel, Secção*—Bernardino Saraiva; *D. Maria Amália Vaz de Carvalho*—D. Seomara da Costa Primo; *Liceu Gil Vicente*—Augusto Cavacas; *Liceu de Pedro Nunes*—Alves de Moura; *Secção do P. Nunes*—Marques da Silva; *Colégio Militar*—Cap. Hildeberto de Medeiros.
Lourenço Marques—Enrico Cabral
Luanda—Mário Coimbra
Macau—Artur A. Carneiro
Nova-Goa—Salvador Fernandes.
Ponta Delgada—João Bernardo Rodrigues
Portimão—Domingos Pestana
Portalegre—Firmino Crespo.
Pôrto—*Alexandre Herculano*—Rodrigo Fontinha; *D. Carolina Michaëlis*—D. Marta de Sousa Dias; *Secção feminina do Liceu de Carolina Michaëlis*—D. Hermengarda Guedes; *Rodrigues de Freitas*—Sousa Vieira.
Póvoa de Varzim—Castro Marques
Santarém—José Barata
Santo Tirso—Orlando de Oliveira
Setúbal—Aires de Abreu
Viana do Castelo—Novais Cruz.
Vila Real—Pinto Soares
Viseu—António Vital.

São representantes nos Colégios de ensino livre os seguintes professores:

Figueira da Foz—António Vitor Guerra, da *Academia Figueirense*
Lisboa—Dr. José Inácio Pinto Rodrigues, do *Colégio Instituto Secundário*
Pôrto—Dr. Carlos Aguiar, do *Colégio de Almeida Garrett*, Pôrto.
Oliveira do Hospital—Dr. Carlos R. Campos, do *Colégio Braz Garcia de Mascarenhas.*
Fundão—Dr. José Mendes Gil, do *Colégio de Santo António.*
Setúbal—Abel Monteiro, do *Instituto Secundário.*
Covilhã—Dr. António Gonçalves Soares, do *Colégio Moderno*

Composto e impresso na «GRÁFICA AVEIRENSE, LDA.» — Aveiro